Tabela 5: Nova diretoria da UGES eleita em 1946

CARGO	NOME	ESCOLA DE SAMBA
Presidente	Servan Heitor de Carvalho	Depois Eu Digo
Vice-Presidente	José Calazans Dos Santos	Paz e Amor
1º Secretário	Hermes Rodrigues	Estação Primeira
2º Secretário	José Caetano Belizário	Prazer da Serrinha
1º Tesoureiro	Norberto Vieira da Gama	Portela
2º Tesoureiro	Joaquim Casemiro	Depois Eu Digo
1º Procurador	Paulo Pereira Filho	Unidos da Tijuca
2º Procurador	Dortang Alves Campos	Unidos da Capela
Conselho Fiscal	Antônio Pereira Lucena	Unidos do Salgueiro
Conselho Fiscal	Deosdete José dos Santos	Vai Se Quiser
Conselho Fiscal	João Garcia Vidal	Corações Unidos de Jacarepaguá

Fonte: O autor, 2017.

O fim de 1946 abre novas possibilidades para a UGES que, cada vez mais, aproxima-se do PCB num breve momento de democracia nacional. As homenagens a Prestes, a exaltação aos feitos militares na guerra e a aclamação da paz e da democracia enriqueceram o desfile das escolas de samba, agora mais experimentadas, autossuficientes e capazes de negociar em igualdade de condições com os promotores da festa por meio da UGES.

2.4 **Divisão no mundo do samba? UGES e o PCB + FBES: 1947-1948**

2.4.1 As ideologias políticas no mundo do samba: 1947

Em 16 de fevereiro de 1947, o jornal A Manhã publicava uma charge associando as principais personalidades da política nacional aos festejos (Figura 50).

Encabeçando as ilustres personalidades, à esquerda, temos Getúlio Vargas vestindo a fantasia de pirata da perna de pau, com sorriso astuto e malemolência característicos do político. A seguir temos Otávio Mangabeira, governador da Bahia, vestido de baiana, com seus balangandãs e olhar superior. Trajando roupa de malandro vemos o deputado Agamenon Magalhães ladeado por Milton Campos usando uma roupa feminina que pode ser analisada como um ato de travestir a realidade ou uma crítica a sua possível falta de “vigor masculino”

na política de então. Fantasiado de odalisca se encontra Ademar de Barros e, por fim, mas não menos importante, Luiz Carlos Prestes, com sua fantasia de marmiteiro e seu pede passagem anunciando o Bloco "Prestes a sair", num tom de ironia em sair para brincar o carnaval ou sair do cenário político brasileiro recém "democrático".

Figura 50 - Charge carnavalizando e criticando os principais políticos da década de 1940

Fonte: A Manhã, 16 de fevereiro de 1947, p. 5.

O sorriso de Getúlio contrasta com a tristeza de Prestes nesta charge reveladora do cenário político brasileiro de então, onde, aclamado pelo povo, o primeiro recebia também o apoio, ainda que veladamente, do Presidente Dutra enquanto o segundo antevê momentos problemáticos para o seu partido.

Os contextos políticos nacional e internacional se fizeram sentir nas escolas de samba e sua instituição representativa visto que a UGES no ano anterior havia abertamente se aproximado do PCB. Essa relação com o Partido Comunista Brasileiro ocasionou mudanças significativas nos discursos da UGES no ano de 1946, com o retorno da ala das baianas e a liberdade na composição dos enredos, por exemplo. Reações a essa relação entre UGES e PCB se fizeram sentir logo no início de janeiro de 1947 com o surgimento de uma nova instituição que se colocava como legítima representante do carnaval das escolas de samba, a Federação Brasileira das Escolas de Samba (FBES).

O jornal A Manhã, de 18 de janeiro de 1947 (p. 12), responsável por noticiar todas as atividades da nova instituição, assim apresentou o fato (Figura 51):

> O Governador [Prefeito] da cidade, Hidelbrando de Araújo Góis[38] concedeu na tarde de ontem, em seu gabinete de trabalho, uma entrevista com os presidentes das escolas de samba, que ali estiveram representadas por grande número de diretores e adeptos.
> Em nome das escolas de samba usou a palavra o Sr. Oyama Brandão Teles que em breves, mas expressivas palavras, declarou o apoio incondicional das escolas a S. Excia., pois não podia, em absoluto, admitir nos festejos carnavalescos cores políticas.
> Durante a breve saudação do representante das escolas de samba, foi ventilada a fundação da Federação Brasileira das Escolas de Samba, cuja finalidade era incrementar o samba, música genuinamente nacional. Ficou assim fundada oficialmente, ante a presença amiga do Sr. Hidelbrando de Araújo Góis, a nova entidade controladora das escolas de samba.
> Numerosas escolas de samba estiveram presentes à recepção do Sr. Governador. Dentre muitos, notamos a presença dos seguintes foliões: Antônio M. Teixeira e Aurélio Gonçalves, do Paraiso das Morenas; Eduardo e Manoel, da Azul e Branco; Paulinho e Luiz Modesto, dos Independentes do Leblon entre outros.

Figura 51 - Encontro de diretores de escolas de samba com o Governador (Prefeito) Hidelbrando de Araújo Góis na constituição da FBES

"O SAMBA NASCEU COM A ALMA DO BRASIL!..."

Expressivas palavras do governador da cidade aos representantes das Escolas de Samba — Ficaram impressionados com a cordial acolhida do sr. Hildebrando de Araujo Góis — Nomeada a comissão encarregada de organizar os festejos carnavalescos deste ano

O Governador da Cidade concedeu, na tarde ontem, em seu Gabinete de Trabalho, uma entrevista com os presidentes das Escolas de Samba, que ali estiveram representadas por grande numero de diretores e adeptos.

A SAUDAÇÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA

Em nome das Escolas de Samba usou da palavra o sr. Oyama Brandão Teles, que em breves, mas expressivas palavras, declarou o apoio incondicional das Escolas a S. Excia. pois não podia, em absoluto, admitir nos festejos carnavalescos côres politicas.

UMA NOVA ENTIDADE CONTROLADORA DAS ESCOLAS DE SAMBA

Durante a breve saudação do representante das Escolas de Samba, foi ventilada a Fundação da Federação Brasileira das Escolas de Samba, cuja finalidade era incrementar o samba, musica genuinamente nacional. Ficou assim fundado oficialmente, ante a presença amiga do sr. Hildebrando de Araujo Góes a nova Entidade Controladora das Escolas de Samba.

"POR UM BRASIL UNIDO E FORTE"

O sr. Hildebrando de Araujo Góis, teve palavras de grande significação, tendo ressaltado a finalidade do Carnaval carioca,

O Sr. Hildebrando de Araujo Góis, o grande amigo dos cariocas, quando assinava na presença dos representantes das Escolas de Samba, Associação de Cronistas Carnavalescos e do nosso companheiro a portaria, nomeando a comissão encarregada de organizar os festejos carnavalescos deste ano

Fonte: A Manhã, 18 de janeiro de 1947, p. 52.

O discurso do periódico revelava a finalidade da FBES logo em seu nascimento: controlar as escolas de samba e não possuir cores políticas (possível alusão ao vermelho do PCB). A instituição nasce de forma vertical, com a chancela do Prefeito, dos cronistas carnavalescos e de diretores de escolas de samba que não frequentavam as primeiras colocações nos desfiles ou não gozavam de tanto prestígio político na UGES. É importante

[38] Hidelbrando de Araújo Góis foi nomeado Prefeito em 31 de janeiro de 1946 pelo Presidente da República Eurico Gaspar Dutra e empossado na mesma data, dando continuidade às administrações do interventor Henrique Dodsworth (1937-1945). Durante sua gestão foi concluída a obra de duplicação do túnel do Leme e iniciada a construção do túnel do Pasmado. Permaneceu no cargo até 13 de junho de 1947, quando foi exonerado por motivos de política partidária.

notar que, pela primeira vez desde 1935, o mundo do samba se dividia e uma nova instituição era inserida na organização do carnaval das escolas de samba como sua representante e como alternativa à UGES. Assim, uma "guerra fria" se iniciava no carnaval das escolas de samba de 1947 com a UGES como a instituição de tendência comunista, apoiada pelo PCB de Prestes, e a FBES, representando a direita nacionalista apoiada por Vargas, Dutra e Hidelbrando de Araújo Góis.

A promoção das duas instituições ficava a cargo dos jornais Tribuna Popular, do PCB, e A Manhã, ligado a FBES. A presença do jornal A Manhã e de integrantes da FBES nas escolas a ela filiadas tornava-se uma constante nas semanas anteriores ao carnaval. O jornal passava a cobrir quase que diariamente as atividades das escolas como forma de estreitar os laços e divulgar o trabalho da FBES, como se vê na Figura 52

Figura 52 - Tancredo, diretor da FBES, concedendo entrevista ao A Manhã tendo ao seu lado, olhando para o fotógrafo, o presidente da Azul e Branco o "velho" Eduardo

"AZUL E BRANCO"

A QUERIDA ESCOLA DE SAMBA DO MORRO DO SALGUEIRO DISPOSTA A IMPRESSIONAR O PÚBLICO CARNAVALESCO DA CIDADE — EDUARDO, O ESFORÇADO PRESIDENTE, ACREDITA QUE SUA "TURMA" SAIA VITORIOSA NO DIA DO DESFILE — NOVO CONVITE À REPORTAGEM DE "A MANHÃ"

Ali no morro, só se fala em carnaval, o resto não interessa. Vamos fazer um carnaval como ha muito o carioca não assistiu. Os nossos "fans" não ficarão decepcionados" — termina o simpático Eduardo.

A ZONA SUL VAI DESFILAR!...

Vem despertando bastante interesse o banho de mar a fantasia que será realizado no Posto 2, em Copacabana, no dia 9 de fevereiro, pela A MANHÃ.

A elegante praia carioca oferecerá deslumbrante espetáculo, pela ornamentação que será feita pela Prefeitura do Distrito Federal.

Essa festividade aquatica, que reviverá o tradicional banho de mar a fantasia da zona sul, contará com o auxilio da Prefeitura, na figura do sr. Hildebrando de Araujo Góis, a quem serão prestadas significativas homenagens.

Também a Associação de Cronistas Carnavalescos cooperará para o brilhantismo da festa, ali comparecendo integrada de todos os seus componentes numa demonstração de solidariedade e apoio à nossa iniciativa.

CORETOS E ALTO-FALANTES

Três coretos e vários altos falantes serão instalados na inegualavel praia, gentilmente cedidos pela Prefeitura do

Fonte: A Manhã, 26 de janeiro de 1947, p. 19.

Nesta mesma matéria o presidente da Azul e Branco promete apresentar no carnaval de sua escola um enredo nacionalista, ao gosto do Prefeito da cidade, Hidelbrando de Araújo Góis, satisfazendo assim os interesses políticos vigentes e negociando as práticas carnavalescas e suas apresentações visuais e musicais. Com isto, temos uma nova instituição, a FBES num período pós-Estado Novo onde a democracia começa a ser ameaça por ações autoritárias de seus governantes alinhados a políticas conservadoras.

Em outro evento acompanhado pelo mesmo jornal e por membros da nova instituição vemos duas novas escolas de samba, a Acadêmicos da Gávea e a União Primeira do Leblon entrarem no cenário carnavalesco ao se filiarem a FBES abrindo assim o mundo do samba atingir novas praças da cidade, com destaque para a Zona Sul, onde a música nascida dos morros e áreas periféricas se insere no gosto da população com poder aquisitivo elevado no passo de novos diálogos e transformações, num tom de maior "brasilidade" (Figura 53).

Figura 53 - Noticiário dos festejos das novas escolas de samba associadas à FBES

"Acadêmicos" da Gávea e "União Primeira" do Leblon, irmanadas, ensaiaram em conjunto — Duas grandes e disciplinadas Escolas de Samba — Onde o querido samba é vivido com tôda a brasilidade — Presentes os dirigentes da Federação Brasileira das Escolas de Samba — Recepcionada a comitiva de A MANHÃ

Conforme prometemos, estivemos na noite de quarta-feira entre as Escolas de Samba da Zona Sul. Nossa reportagem trouxe da grande "batucada" que assistiu grata impressão, pois ali, no meio rude e pobre, entre tosos barracões, o samba, essa melodia tão brasileira foi vivido com todo o esplendor desse que-

tar melhor estavam irmanadas num só conjunto, vivendo alegremente os instantes rápidos de um ensaio de conjunto. "Acadêmicos" da Gávea e "União Primeira", ali estavam reunidas num só grupo festejando ruidosamente a chegada da reportagem de A MANHÃ. Fomos alvos das mais calorosas manifestações de sim-

— Nada de politicas meus amigos. O samba só comporta o samba e nunca politicagem oportunistas. Lembrem-se, agora mais do que nunca, que nós, a Federação das Escolas de Samba, e a A MANHÃ estaremos ao lado de vocês em qualquer situação" Essa e outras palavras de incentivo eram comum nos lábios de

"maioral" Adão Silva e a encantadora Diretora Geral, Celia da Silva, "ministravam" corrigendo nos passos, encaminhando o "pessoal" que evoluia, para o ritmo da bateria. Uma grande Escola de Samba, Nossos parabens. Os diretores da Escola de Samba "Acadêmicos" da Gavea presidente, Adão Silva, D. Gé-

Fonte: A Manhã, 31 de janeiro de 1947, p. 14.

Nos quinze primeiros dias do mês de janeiro de 1947, a UGES realizou diversas atividades político-carnavalescas explicitando a relação de seus dirigentes com o PCB. Logo no primeiro dia do ano, a Tribuna Popular informa sobre o concurso para escolha do Cidadão e da Embaixatriz do Samba no evento intitulado Carnaval da Paz já contando com representantes de escolas de samba como Unidos da Tijuca, Unidos do Cabuçu, Paraíso das Morenas, Flor do Lins e Prazer da Serrinha. (TRIBUNA POPULAR, 1 de janeiro de 1947, p. 8.)

Dois dias depois do primeiro evento, as escolas reunidas no antigo Centro Galego entoaram cânticos a Luiz Carlos Prestes (Figura 54). O Senador atendeu aos pedidos da UGES que reunira as escolas de samba para saudar o "Cavaleiro da Esperança" e celebrar a organização do Carnaval da Paz junto com o Tribuna Popular:

> A nota mais sensacional da festa, no entanto, foi dada com a chegada de Luiz Carlos Prestes, especialmente convidado pela UGES. Durante cerca de meia hora toda massa que se comprimia no antigo Centro Galego ovacionou o líder do povo, que chegou acompanhado pelo deputado João Amazonas, candidato a Senador pelo PCB, e por outros dirigentes do partido. As exibições, já haviam cessado, mas, as pastoras afinaram novamente as vozes e a turma da bateria de todas as escolas presentes esquentou outra vez os "couros". E a massa, a um só tempo, ao ritmo das cadenciadas baterias das escolas de samba reunidas, enviou, numa significativa homenagem ao Senador mais votado da capital da república, o samba "Cavaleiro da Esperança":
> Oh Cavaleiro da Esperança / O homem que pelo pequeno relutou / Seu nome foi bem disputado dentro das urnas / Oh Carlos Prestes / Foi bem merecida a cadeira de Senador.
> Na segunda parte, apenas ao som do repique dos tamborins, entravam somente os dois autores do famoso samba, Lourival Ramos e Orlando Gagllastro:
> Passou dez anos encarcerado / Comeu o pão que o diabo amassou / Oh! Carlos Prestes / Vivia constrangido e humilhado / Oh! Carlos Prestes / Mas nunca na sua vitória desacreditou
> O delírio da massa foi maior e a homenagem espontânea ao líder querido do proletariado e do povo tomou mais vulto, quando o vice-presidente da UGES, Sr. José Calazans, anunciou que já sendo dia 3 de janeiro, o Senador Luiz Carlos Prestes completava mais um aniversário natalício... (TRIBUNA POPULAR, 4 de janeiro de 1947, p. 8).

Figura 54 – A política e o samba

Legenda da foto: "Aspecto da grande festa da UGES, com a presença de Prestes, vendo-se o senador do povo e o deputado João Amazonas, candidato a senador, cercados de pastoras, passistas e porta-bandeiras das vitoriosas escolas ''da nossa música popular"; Fonte: Tribuna Popular, 4 de janeiro de 1947, p. 8.

Consequência desses festivos e intencionais diálogos se apresentam no projeto do vereador eleito Vespasiano Lírio da Luz, da Chapa Popular, propondo subvenção oficial para as sociedades carnavalescas e para as escolas de samba por meio da UGES, construção de sedes próprias para as escolas e proteção para os compositores. A relação de interesses entre a UGES e as escolas com candidatos do PCB se expressa nas palavras de Vespasiano:

> Como verdadeiros organismos de massa, as Escolas de Samba, por exemplo, terão oportunidade de lutar ao lado do povo pelas reivindicações do povo. Nos morros, favelas, nos bairros e etc., há falta d'água, de escolas, de ruas acessíveis, transitáveis facilmente. As escolas de samba, estamos certos, têm o direito e desejam lutar para a solução urgente desses angustiantes problemas.
> No morro do Caju, por exemplo, há cinquenta mil crianças em idade escolar. Mas lá só existe uma escola, num velho barracão, que acabou sendo fechada.
> No morro de São Cristóvão, instalaram recentemente tanques e bicas. No dia da inauguração cobriram de saibro os canos em que deveria correr a água, a fim de que pudesse transitar o automóvel do Presidente da República... (TRIBUNA POPULAR, 12 de janeiro de 1947, p. 2).

O populismo criticado por Vespasiano torna-se argumento e contexto para sua colocação como protetor futuro dos interesses das escolas de samba e dos moradores menos favorecidos pelos governantes da cidade. Ao se sentirem empoderados, os moradores dos morros e bairros mais pobres encontrariam nele a solução de seus problemas urbanos e carnavalescos. Vê-se então um projeto de governo comunista, tendo as escolas de samba grande relevância neste processo, aliado aos, e apoiado nos, interesses da UGES.

Promovendo o Carnaval da Paz, a UGES convida os representantes das escolas de samba Paraíso das Morenas, Azul e Branco e Independentes do Leblon, já filiadas à FBES a participarem do festejo. Além disso convoca suas afiliadas, tais como Portela, Estação Primeira, Paz e Amor, Depois Eu Digo, Vai Se Quiser e Unidos da Tijuca, para prestar esclarecimentos sobre como se daria o Carnaval da Paz, além da campanha para arrecadação de cem mil cruzeiros para sua realização e a questão da subvenção oficial para as escolas (TRIBUNA POPULAR, 21 de janeiro de 1947, p. 8).

No dia 24 de janeiro de 1947, a Tribuna Popular (p.6) discorreu sobre a última assembleia da UGES, bem como sobre a nova instituição, a FBES e sua capacidade de segregar o mundo do samba. O presidente da UGES, Servan Heitor de Carvalho critica a nova instituição chamando seus membros de interesseiros, valendo-se de artifícios escusos como usar o nome de escolas que já não existem mais ou mesmo falar em nome de escolas sem as devidas autorizações. A crítica se acentua sobre Mano Elói, ex-presidente da UGES, presidente de sindicato e agora representante da FBES e dos interesses de grupos diversos, excluindo-se os sambistas. Ei-la:

> Desmascarados os dirigentes da Federação do Samba
> Numa das últimas assembleias da UGES, o seu vice-presidente, José Calazans, alertou o presidente e representantes das escolas de samba filiadas, acerca de uma nova entidade, fundada com o principal objetivo de desagregar a UGES. À frente desta colocaram-se imediatamente políticos carcomidos e elementos sem qualquer idoneidade moral, os quais visam, exclusivamente, se beneficiar às custas da gente do morro. O passado destes indivíduos é o suficiente para caracterizar a tal entidade como uma verdadeira arapuca. Muitos deles, expulsos da própria UGES em virtude de desfalques e outras "atrapalhadas", com o desplante de apresentarem-se como

> seus fundadores e salvadores. Estes indivíduos iniciaram há dias, por intermédio do órgão fascista "A Manhã", uma campanha de difamação contra a UGES e seus dirigentes. E, a fim de desfazer estas provocações e infâmias contra a União Geral, ouvimos ontem o seu presidente, o Sr. Heitor Servan de Carvalho.
> - É certo que alguns elementos perniciosos – disse-nos inicialmente – que, infelizmente, passaram por postos administrativos da UGES, e perderam o mandato, devido ao seu modo de proceder, estão tentando organizar uma entidade, a fim de colocar-nos para trás. Vivem despeitados porque têm encontrado "barreira" para ingressar no novo meio. Por isso, de vez em quando, se articulam e procuram desprestigiar a UGES. Esta já é a terceira vez que tentam destruir a União Geral, fracassando sempre.
> - Anunciaram que a sua entidade reunia muitas escolas de samba, mas isto não é verdade. Na relação que apresentaram constam escolas que não existem mais, como sejam: Papagaio Linguarudo, Paraíso do Grotão, Unidos do Tuiuti, União de Madureira, União de Colégio e dezenas de outras. Fundaram também na cabeça deles muitas escolas. Só faltou anunciarem que contavam com a adesão da "Tico-Tico no Fubá", "Sem dinheiro não se vive", etc. Procuram assim, estes elementos com a sua má fé, ludibriar as autoridades com escolas que nunca existiram.
> Envolvidos na entidade arapuca: Eloy Antero Dias (Mano Elói), Tancredo Silva, Eduardo dos Santos Teixeira e outros. Quanto ao primeiro os nossos leitores já conhecem o "seu doutor", elemento também ligado a vida sindical, emergiu a alguns meses ser presidente do Sindicato da Resistência. Nesse posto só tem agido contra o interesse de seus companheiros de trabalho, e em benefício de seu patrão, o reacionário Morvan Figueiredo.
> Tancredo Silva é o dono de uma empresa – Arte e Música – que destina a encaminhar cantores de música popular para o rádio. Para esta empresa são arrastadas mocinhas humildes que, que iludidas com as promessas de "seu" Tancredo aí deixam todas as suas economias.
> Eduardo dos Santos Teixeira é o representante de uma escola filiada, a Azul e Branco, que vem infringindo os estatutos da UGES.
> - Dizem também aqueles senhores que a UGES está tomando uma atitude política. Ora, isto não é verdade. Em nossa vida administrativa respeitamos religiosamente os nossos estatutos. Não apoiamos, portanto, esta ou aquela corrente política.
> Como acontece a todos os indivíduos da sua espécie, os dirigentes da fracassada entidade usam dos métodos mais torpes para impressionar as suas futuras vítimas e até as autoridades. Isto se constata com as seguintes declarações de Servan Heitor de Carvalho:
> O pessoal da FBES está usando o nome de escolas que nunca participaram de suas reuniões nem tampouco lhe emprestaram solidariedade. É o caso da escola de samba Estação Primeira, da Mangueira; Fiquei Firme, da Favela; Unidos de Cabuçu, de Lins de Vasconcelos; Paz e Amor de Bento Ribeiro e outras mais. Além disso, muitas escolas que compareceram à reunião com o prefeito, foram para lá iludidas. Eles anunciaram que iriam receber naquele dia, a subvenção da prefeitura, das mãos do Prefeito. E o que se viu não foi nada disso. Pessoas que nunca estiveram em nosso meio, que não conhecemos nem por fotografia. Foram ali só para fazer jogo de cena! Aproveitando esta oportunidade informaram ao sr. Prefeito que a UGES não mais representava os interesses das escolas pois, estavam ali representantes de todas elas.
> - Quero alertar S. Exa. o Sr. Prefeito contra os elementos que o estão cercando e usando sem procuração o nome de uma porção de escolas que estão firmes com a UGES. Quanto a subvenção estamos certos de que, como vem acontecendo todos os anos, S. Exa. não deixará de entrega-la à UGES e esta distribuir a suas filiadas.

Quatro dias após a publicação acima, em defesa da UGES e seus participantes, Pedro Nolasco, membro do Conselho Fiscal da Portela foi até a sede do jornal A Manhã informar que um indivíduo estava visitando as escolas e recolhendo o requerimento de verba à

Prefeitura em nome do periódico. Nolasco faz ainda duras críticas a UGES ao criticar a presença de políticos na instituição e nas escolas. Esquecendo do recente passado portelense, reclamou das influências políticas dentro do carnaval das escolas e clamou pelo "verdadeiro" sentido da existência das mesmas. Tal situação gerou a seguinte resposta de A Manhã, em 28 de janeiro de 1947 (p. 11):

> Tudo isso não passa de uma infame campanha contra as escolas de samba da Capital da República. Uma turma de maus carnavalescos está agindo no sentido de evitar que as escolas de samba recebam o auxílio prometido pela Prefeitura. Esse procedimento incorreto está prejudicando o carnaval carioca deste ano, pois muitas escolas já fizeram o mesmo, isto é, entregaram a esses pseudo-repórteres os ofícios. Entretanto, jamais um nosso companheiro arrecadou oficio de subvenção destinado a Prefeitura. Como se vê, uma campanha sórdida e indigna.
> - Não se justifica a presença de políticos no seio das escolas de samba, deturpando a verdadeira causa do samba. Nosso objetivo é unicamente brincar o carnaval dentro de nossas possibilidades e no auxílio que nos é concedido pela prefeitura, continua Nolasco. Estão procurando lançar nossas escolas contra nossas autoridades!

Respondendo as acusações de Servan Heitor de Carvalho, presidente da UGES, o jornal A Manhã, representante da FBES, publica noticiário de uma página inteira atacando a aproximação da UGES com o PCB e seus interesses no repasse da verba das escolas de samba ao mesmo tempo que defende a FBES, sua postura político-carnavalesca e sua capacidade de prover às escolas a liberdade para praticarem seus carnavais "sem influências partidárias":

> - Trata-se nada menos nada mais das ambiciosas subvenções da Prefeitura, destinadas às escolas de samba, para o carnaval, declara o Sr. Oyama. Tudo o que disse o presidente da UGES se resume no seguinte: Impressionar o Sr. Governador da cidade para que as subvenções não sejam dadas individualmente a cada escola, e sim, por intermédio da UGES. O presidente da União, continuou o Sr. Oyama, não escondeu o seu mórbido descontentamento com a criação da FBES que naturalmente vai embargar suas desmedidas ambições, pois em nossas fileiras não admitimos em absoluto cores políticas e muito especialmente aquelas que venham de encontro aos sagrados desígnios de nossa constituição.
> - Quanto a afirmativa do Sr. Servan Heitor de Carvalho de que todos os anos vem sendo entregue o desejado auxílio às escolas de samba por intermédio da UGES, carece de veracidade, pois durante o governo do Sr. Dodsworth, os auxílios foram entregues diretamente às escolas, informou-nos o esforçado dirigente máximo da FBES.
> - O que acontece é que na UGES atualmente prevalece tudo, menos o samba. Os seus atuais diretores, ao invés de deixarem a cor política fora da União, transformaram aquela instituição numa sucursal da célula mater do Partido Comunista motivo pelo qual as escolas de samba verdadeiramente brasileiras, incorporadas, resolveram fundar uma nova entidade.

Apenas com alguns dias de existência a FBES passa a receber acusações de caráter político por parte da UGES, confrontando-os com argumentos financeiros e desmentindo as ações políticas ligadas ao Partido Comunista. Num discurso que beira o ódio, Oyama Brandão Teles, secretário da FBES, sequer menciona o nome Tribuna Popular. Elói Antero Dias, o

Mano Elói[39] mostrava-se aliado das políticas de direita, de nacionalismos exagerados e agora, em janeiro de 1947, estava presente na formação da FBES, próxima de Hidelbrando de Araújo Góis (Prefeito do Rio de Janeiro) e Eurico Gaspar Dutra (Presidente da República).

Ataques à UGES e a sua postura política de aproximação ao PCB, bem como a falta de incentivo às escolas de samba de regiões mais distantes e privilégios às escolas "consagradas" são expostos pela escola de samba Unidos de Campo Grande, conforme A Manhã de 4 de fevereiro de 1947 (p. 11) (Figura 55)

Figura 55 – Ataques à UGES

Legenda da Foto: "A União das escolas de samba só causou desunião em nosso meio..." declara o Sr. Lauro dos Santos, presidente da escola de samba Unidos de Campo Grande, ao nosso companheiro; Fonte: A Manhã de 4 de fevereiro de 1947, p.11.

A resposta da UGES aos ataques da Unidos de Campo Grande e da FBES deu-se por meio de seu ex-presidente Calazans ao analisar o cenário carnavalesco carioca e constatar sua falência por falta de apoio municipal. Nela, sinaliza o fechamento de blocos, ranchos e a dificuldade das grandes sociedades em sobreviver graças aos problemas de financiamento do carnaval carioca e, como solução, aponta a campanha dos Cem Mil, amplamente divulgada pelo Tribuna Popular (Figura 56)

[39] Presidente da UES nos anos de 1937 e 1938 e presidente da UGES no ano de 1941.

Figura 56 – Campanha da UGES

Legenda da foto: "A UGES é incansável em suas diligências para conseguir dinheiro para que as suas filiadas sustentem a gloriosa tradição dos carnavais cariocas. Aqui vemos um de seus grupos que desfilou domingo no campo de São Cristóvão, apelando para o auxílio do povo"; Fonte: Tribuna Popular, 12 de fevereiro de 1947, p. 8.

Tornando mais complexa a rede de tensões entre os atores da festa das escolas de samba, Frederico Trota, político de posições políticas voltadas aos mais pobres e grande incentivador das escolas de samba em seus primeiros anos, tendo até dado nome a troféu em disputa pelas escolas, discorre no jornal A Manhã de 15 de fevereiro de 1947 (p. 10) sobre o momento das instituições das escolas de samba, o problema da subvenção, e, seu apoio a FBES:

> - O pessoal do morro sempre viveu desprezado, malquisto, e quase sempre tido como desordeiro. Entretanto, a lealdade daquele pessoal simples, é qualquer coisa que não conseguimos esquecer.
> - Quando na Câmara Municipal em 1935, foi pleiteado o auxílio da Prefeitura para as grandes sociedades, achei injusto que as pequenas escolas de samba não tivessem sido lembradas. Aqueles grupos de foliões, também eram brasileiros e como tal, dignos de amparo legal da lei. Embora com certa dificuldade, conseguimos, o tão desejado auxílio e hoje, sinto-me orgulhoso em saber que essa subvenção continua.
> - Interpelado sobre a criação da FBES o Major Frederico Trota, teve oportunidade de citar palavras de grande significação dizendo o quanto a mesma poderá vir a ser útil, tendo como tem, no momento, uma mocidade entusiasta, para trabalhar em prol da gente humilde dos morros. A pujança e o "ardor" dos "novos", aliado a experiência dos veteranos só podem trazer reais benefícios as escolas de samba. Essas escolas, já deveriam ter solicitado filiação pois não estamos mais no tempo de promessas e muito menos em campanhas que venham desvirtuar a verdadeira finalidade da gente do morro.

Com o apoio de Frederico Trota, a FBES se fortalecia e a UGES via-se cada vez mais desprezada pelas forças políticas da municipalidade. A escolha pela aproximação ao PCB gerava à UGES um "alto preço carnavalesco" a ser pago.

Tratando do carnaval de 1947, a FBES, por meio de A Manhã, visita as escolas de samba que passam a produzir festejos nacionalistas, conforme orientação da instituição, tendo a Azul e Branco o enredo “Grito do Ipiranga” pronto para ser apresentado no Banho de Mar em Copacabana (A MANHÃ, 1 de fevereiro de 1947, p. 14). No morro de São Carlos, a escola de samba Cada Ano Sai Melhor também recebeu a visita de A Manhã e de Oyama Brandão Teles, Secretário da FBES. Apresentaram-se com quatrocentas pessoas, dançando, cantando e valorizando a arte da escola. Ao final da apresentação o representante da FBES discursou ressaltando a finalidade das escolas e da instituição (A MANHÃ, 7 de fevereiro de 1947, p. 12).

Promovendo o carnaval da UGES, já no dia 1º de fevereiro a Tribuna Popular destacava o retorno das escolas de samba à Praça Onze e o sucesso na arrecadação de dinheiro pela Campanha dos Cem Mil para financiar o festejo das escolas (Figura 57) e o encontro de Heitor dos Prazeres e Cavuca na entrega de sua doação para a campanha. (Figura 58)

Figura 57 - Campanha dos Cem Mil com o intuito de organizar o carnaval das escolas de samba

«As Escolas de Samba Voltarão à Praça 11»

“O CARNAVAL DA PAZ MARCARA' ÉPOCA NOS FESTEJOS POPULARES DA CAPITAL DA REPÚBLICA” — “ISTO ESTA' ASSEGURADO DEVIDO AO PLENO ÊXITO DA CAMPANHA LANÇADA PELA UNIÃO GERAL DAS ESCOLAS DE SAMBA COM O FITO DE ARRECADAR CEM MIL CRUZEIROS PARA AS SUAS FILIADAS” — DECLARAÇÕES DE VESPASIANO LUZ, PRESIDENTE DA COMISSÃO PRÓ-CARNAVAL DA PAZ, À REPORTAGEM DA “TRIBUNA”

Fonte: Tribuna Popular, 1 de fevereiro de 1947, p.8.

Figura 58 - Heitor dos Prazeres entrega à Cavuca sua contribuição para o Carnaval da Paz

Fonte: Tribuna Popular, 6 de fevereiro de 1947, p. 8.

No mesmo caminho a UGES promove eventos como a apresentação das escolas no Campo de São Cristóvão e a chegada do Cidadão e da Embaixatriz do Samba dias antes da apresentação oficial (Figuras 59 e 60)

Figura 59 -Aspectos da chegada do Cidadão e da Embaixatriz do Samba

Fonte: Tribuna Popular, 11 de fevereiro de 1947, p.1.

Figura 60 – Festa em São Cristóvão

Legenda da foto: "Flagrantes da festa de São Cristóvão – O grande coreto armado no centro do campo, onde se colocaram a comissão do carnaval da paz; o Cidadão e a Embaixatriz do Samba; Cavuca e Moreninha, saúdam a multidão; a escola de samba Unidos de Cabuçu, presta espontânea homenagem à chapa popular do PCB; a escola do morro de São Carlos, com Caxiné à frente; a escola Flor de Lis; e, finalmente, o compositor Mario Lago e o artista Procopinho, "speackers" da festa"; Fonte: Tribuna Popular, 11 de fevereiro de 1947, p. 1.

Fato interessante referente às escolas de samba e suas alianças com a UGES ou FBES se deu na escola de samba Cada Ano Sai Melhor, filiada à FBES, que, segundo A Manhã de 13 de fevereiro de 1947 (p. 11), se apresentou no Carnaval da Paz, elaborado pela UGES e Tribuna Popular. Nesta apresentação a escola realizou uma homenagem às cinco grandes sociedades, iniciando seu enredo com uma alegoria apresentando cinco crianças ricamente fantasiadas com as cores das agremiações e iluminação própria. Clarins faziam parte do abre-alas, seguidos de uma comissão de terno branco, gola preta e sapatos de verniz. A seguir, uma outra comissão com terno panamá, gola preta e sapato de verniz; moças com vestidos rosa de veludo com guarnições verde andavam a frente de dois mestres-salas e duas porta-bandeiras que carregavam o estandarte da escola; em seguida, vinte e quatro baianas trajando as cores

de outras escolas e levando faixas com seus nomes; mulheres fantasiadas representando os ranchos vindo à frente da bateria, fantasiada de terno rosa de cetim e por último, mulheres com costume panamá encerravam a apresentação.

A utilização de fantasias bem trabalhadas, terno e sapatos especiais, utilização de tecido diferente (veludo e cetim), caracterizações para todos os integrantes, além da construção do enredo, denotam a transformação das escolas nestas apresentações de 1947.

A escola de samba Independentes do Leblon teve seu enredo divulgado pelo A Manhã no dia 14 de fevereiro de 1947 (p. 14). A escola desfilaria com o tema "Serenata do morro", tendo, na primeira parte, indivíduos representando seresteiros dos morros seguidos por baianas saudando o luar nas montanhas e pastoras representando as namoradas dos seresteiros. A seguir, o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira dançando em homenagem ao seresteiro e sua namorada, seguidos por um carro alegórico, com painéis giratórios onde se viam no primeiro painel o seresteiro de violão em punho seguindo em direção ao barracão, habitação da amada; no segundo painel o seresteiro dedilha o violão em frente ao barracão, confessando a mágoa de seu coração; no terceiro a namorada aparece à janela a fim de escutá-lo melhor e a ele corresponder; no quarto, o seresteiro e namorada estão juntos tocando violão. A seguir, no segundo carro alegórico, ladeado por dois cupidos, temos o seresteiro e sua namorada tocando violão no barracão do morro. Atrás vem o segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira representando um par apaixonado. Outro carro alegórico se apresentava, levando a rainha da escola, seguida pelo coro de canto. Encerrando a apresentação, vinha a bateria da escola.

O enredo, com sua narrativa romantizada, buscava valorizar o seresteiro brasileiro, figura icônica que representa o amor platônico pela mulher, tendo no violão seu companheiro fiel para conquista da amada. Silvio Caldas, já na década de 1930, despontava como figura de representatividade desta personagem. Um tema nacional, não nacionalista ou ufanista, trabalhado pela escola que insere carros alegóricos, tecidos mais luxuosos nas roupas, baianas e a construção de uma narrativa na apresentação linear do tema.

A escola de samba Recreio de São Carlos apresentou seu enredo em homenagem a recém-criada instituição, FBES (como demonstra A MANHÃ de 15 de fevereiro de 1947, p. 10), e contou na sua comissão de frente com um abre-alas homenageando a imprensa, sete garotos representando todas as escolas e seis moças vestidas de branco, além de um grupo de rapazes trajando branco e chapéu chile. Destacava-se uma moça montada a cavalo carregando uma bandeira branca simbolizando a paz e mais quatro moças em homenagem à FBES. Vinte moças carregando alegorias de mão em homenagem às escolas de samba, mestre-sala e porta-

estandarte, conjunto de baianas segurando a bandeira da Federação e ao final a bateria composta de 50 integrantes. Um enredo nem nacionalista, para seguir orientação da FBES, nem popular, mas com a clara intenção de agradar a nova instituição, percebendo neste contexto, diálogos, construções e possibilidades futuras para seus próximos carnavais.

Campeã do carnaval de 1936, a Unidos da Tijuca apresentou um carnaval em exaltação à Floresta da Tijuca com o enredo "Tijuca e suas belezas naturais". Para evocar uma tradicionalidade longínqua e nacional, até os índios tupis são citados na descrição do enredo, dando a ideia de que os habitantes atuais do morro são seus descendentes ou continuadores. A apresentação é descrita da seguinte forma pelo A Manhã de 16 de fevereiro de 1947 (p. 14):

> Primeira Parte
> A escola de samba Unidos da Tijuca e seu deslumbrante préstito fará desfilar o mais suntuoso conjunto de que há memória em carnaval. Abrindo alas virá em primeiro lugar um grande painel saudando a imprensa e o povo pedindo passagem. Aproxima-se aí uma luzida comissão de frente, trajando um finíssimo costume a rigor da moda, sendo uma masculina e outra feminina.
> A seguir a primeira porta-bandeira que, ensinada pelo seu mestre-sala, fará acrobacias com seus guardas de honra e damas de companhia, muitas outras figuras contornarão este vistoso par, que iluminadas por muitas gambiarras de alto poder darão entrada ao carro que na sua composição traz uma turista apreciando o que nos indica o enredo "Tijuca e suas belezas naturais" de deslumbrante efeito e artisticamente trabalhado.
> Numa composição formada por uma carreta que conduz uma turista de binóculo, procurando avistar uma cascata, que se depara naquela floresta secular.
> Confundindo-se no mesmo conjunto, tudo quanto ali se reúne, faz curvar estupefata, diante daquele majestosa cascata, o viajante mais exímio que visite o reduto da floresta inimaginável dos saudosos tupis que habitaram aquelas plagas, onde hoje residem os valorosos sambistas do Unidos da Tijuca, que num glorioso apogeu, vêm oferecer ao público, às autoridades, à imprensa, o seu enredo "Tijuca e suas belezas naturais", onde numa assombrosa apoteose tudo se reúne para maravilhar os olhos dos que nos visitam pelo carnaval.
> Segunda Parte
> Abre esta parte um grupo de vários rapazes que representam os ditos turistas, sendo que deslumbrante painel anunciará sua aproximação. Segue-se aí a segunda porta-bandeira, ricamente fantasiada, trajando a mais fina "toilette" que se pode encontrar desse gênero.
> O mestre-sala, Sr. Moacir, tijucano da velha guarda, tudo fará nas suas exibições para defendê-la com risco da própria vida.
> Acompanham este novo par guardas de honra e inúmeras damas de companhia. Para festejar a sua passagem, dezenas e mais dezenas de baianas, empenhar-se-ão, no mais formidável samba de que não há limitação.
> E é de notar-se que o insigne coro de canto composto de velhos e clássicos mestres, não deixará nada a desejar na hora da onça beber água...
> Fecha a segunda parte uma retumbante e ensurdecedora bateria (A MANHÃ, 16 de fevereiro de 1947, p. 14).

O regulamento oficial do carnaval das escolas de samba foi registrado pelo Tribuna Popular de 14 de fevereiro de 1947 (p. 8) mostrando os itens a serem seguidos pelas escolas filiadas à UGES e FBES e, apesar de longo, vale o registro pois demonstra a capacidade de organização da Prefeitura ao mesmo tempo que consegue apaziguar os ânimos das instituições

representantes das escolas. Um único regulamento para o último desfile conjunto das duas instituições, que, se repetiria somente em 1952:

> Art. 1º - O desfile obedecerá exclusivamente à orientação da Prefeitura do Distrito Federal, representada pela comissão de festejos, designada pelo sr. Prefeito do Distrito Federal, de acordo com a portaria n 20, de 17 de janeiro do corrente ano. Para o julgamento da presente competição a comissão de festejos designará a comissão de julgamento.
> Art. 2º - Só poderão tomar parte as escolas de samba que se inscreveram até 31 de janeiro, às 15h.
> Art. 3º - O desfile será realizado no dia 16 de fevereiro corrente, na Praça Onze, com início às 20h. Estando o coreto da comissão julgadora, à Avenida Presidente Vargas, defronte à escola Rivadavia Correia. Para o início do desfile será feito o sorteio, entre as escolas concorrentes.
> Art. 4º - Tratando-se de um sorteio que visa elevar o nível moral das escolas de samba, assim como aumentar o brilho dos festejos carnavalescos da cidade, a Prefeitura do Distrito Federal, aceitará para este desfile, todas as escolas organizadas, desde que se apresentem no estilo do carnaval carioca e que estejam inscritas.
> Art. 5º - À P.D.F., por intermédio da comissão de festejos, de acordo com o Art. 1º, compete designar a comissão de julgamento, devendo as concorrentes aceitar, sem apelação o "veredicto" por ele pronunciado.
> Art. 6º - Há inteira conveniência na divulgação dos enredos, ficando os concorrentes com inteira liberdade de distribuição dos jornais desta capital. E, obrigatório nos enredos, o motivo nacional.
> Art. 7º - A P.D.F., oferecerá para o concurso deste ano Cr$ 12.000,00 em prêmios assim distribuídos: 1º - prêmio – Cr$5.000,00; 2º prêmio - Cr$3.000,00; 3º prêmio – Cr$2.000,00; 4º e 5º prêmios – Cr$1.000,00 cada um.
> Art. 8º - Para a conquista destes prêmios, a comissão julgadora estabelece os seguintes requisitos: Enredo, Harmonia (musical e coral), Bateria, Samba e Bandeira. As colocações que se seguirem serão resultantes do número de pontos conquistados no julgamento.
> Art. 9º - A comissão de julgamento julgará pelo sistema de pontos, que irá de 0 a 10 para cada requisito, apresentando cada juiz, devidamente assinado, o seu mapa, devendo ser lavrada a Ata a respeito.
> Art.10º - Todas as escolas de samba serão obrigadas a executar, em frente ao coreto da comissão, o samba principal e também fazer comparecer o artista à presença dos juízes, quando estes solicitarem.
> Art. 11º - Na reunião da comissão de julgamento, só poderá tomar parte os juízes.
> Art. 12º - O julgamento será levado a efeito quatro dias depois do desfile e o resultado será irradiado pela PRD-5.
> Art. 13º - A comissão de julgamento apresentará o seu relatório à comissão de festejos para que esta determine o pagamento dos prêmios, de acordo com o resultado do julgamento.
> Art. 14º - A fim de facilitar o desfile a comissão de festejos escolherá três elementos radicados às escolas de samba, para que exerçam as atividades de monitores. Os monitores obedecerão às determinações da comissão julgadora, através de uma bandeira branca e outra azul.
> Art. 15º - A comissão de festejos estará presente ao julgamento representada por um dos seus membros, que não terá direito a voto.
> Comissão Julgadora
> Armando Diló, artista; Capitão José Nunes Sobrinho, músico; Cristóvão Freire, Eduardo Magalhães e Jaime Correia.

O regulamento evidencia no Art. 6º o posicionamento nacionalista para a construção dos enredos das escolas de samba além de valorizar o Enredo como item de julgamento

(Art.8º). Não há registro de proibição de instrumentos de sopro, carros alegóricos, fantasias luxuosas ou iluminação própria para as escolas. E ficam constatadas as mudanças estéticas nas escolas que utilizam artistas para construir seus enredos e os mesmos (monitores), quando necessários, vão de encontro aos jurados para prestar esclarecimentos.

O carnaval das escolas de samba, Parada do Samba-FBES/Carnaval da Paz-UGES[40], ocorrido no dia 16 de fevereiro, foi noticiado pelo A Manhã em 20 de fevereiro de 1947 (p. 12). Das quarenta e nove escolas inscritas, somente vinte e sete se apresentaram.[41] O tempo médio de apresentação de uma escola de samba variava de cinco a 25 minutos, tendo o concurso se iniciado às 21h40 e encerrado às 4h25. Neste desfile, segundo o jornal, as baianas predominaram e foram ovacionadas pelo público. Presente na festa das escolas também estava o prefeito Hildebrando de Araújo Góis e sua esposa, como se vê na figura 61

Figura 61 - No clichê acima, vemos a ilustre esposa do sr. Hidelbrando de Araújo Góis quando admirava a primeira bandeira da escola de samba Lira do Amor

Fonte: A Manhã, 20 de fevereiro de 1947, p. 12.

Apresentando-se com o enredo "Honra ao Mérito" a Portela entoou cântico homenageando o brasileiro Santos Dumont, aclamado no exterior e símbolo do progresso tecnológico nacional denominado Pai da Aviação: "Suas glórias imortais / Salve o filho de

[40] A Tribuna Popular, de 7 de fevereiro de 1947 (p. 8) informava que Servan Heitor de Carvalho e José Calazans, Presidente e Vice-presidentes da UGES, em reunião no gabinete do Prefeito, concordaram em apoiar o carnaval organizado exclusivamente pela Prefeitura, sendo a mesma responsável pela distribuição dos prêmios, julgamento das escolas concorrentes, e, outras tarefas.

[41] Fiquei Firme, Escalão Tupã, Recreio de Inhaúma, Estação Primeira, Prazer da Serrinha, Unidos de Tomaz Coelho, Paz e Amor, Lira do Amor, Filhos do Deserto, Paraíso das Morenas, Unidos da Capela, Cenáculo do Samba, Recreio de São Carlos, Unidos do Catete, Portela, Unidos do Morro Azul, Depois Eu Digo e Cada Ano Sai Melhor, Aprendizes de Copacabana, Acadêmicos da Gávea, Azul e Branco, Flor do Lins, Unidos de Vila Isabel, Unidos do Salgueiro, Paraíso do Grotão, Unidos do Cabuçu e Unidos da Tijuca.

Minas Gerais / Nesse país glorioso / Tudo encanta, tudo seduz / Alberto Santos Dumont / Com sua invenção primeira / Asas, asas brasileiras”[42]

A Figura 62 traz um momento da apresentação da Portela com seu mestre-sala e porta-bandeira ladeados por moças fantasiadas, algo novo nas escolas de samba e copiado por grande parte delas.

Figura 62 - Portela e o Samba na Paz

Fonte: A Manhã, 20 de fevereiro de 1947, p. 1.

Brasil, Ciência e Artes foi cantado pela Estação Primeira em exaltação àqueles que constroem a nação e entram para o panteão da história nacional:

> Tu és meu Brasil em toda parte / Quer nas ciências ou na arte / Portentoso e altaneiro / Os homens que escreveram / Tua história / Conquistaram tuas glórias / Epopeias triunfais / E quero neste pobre enredo revivê-los / Glorificando os nomes teus / Leva-los ao panteão / Dos grandes imortais / Pois merecem muito mais / Não querendo leva-los ao cume da altura / Cientistas tu tens cultura / E nestes rudes poemas / Destes pobres vates / Há sóbrios como Pedro Américo / E Cesar Lates[43]

Na Figura 63 é possível observar um momento da apresentação da Estação Primeira e sua alegoria, um elefante, com uma personagem de destaque (um rei negro ou um herói nacional) no alto.

[42] Site: <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/portela/1947/1> Acesso: 12 de setembro de 2017.

[43]Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/estacao-primeira-de-mangueira/1947/2/> Acesso em: 10 de novembro de 2017.

Figura 63 - Flagrante da escola de samba Estação Primeira com sua alegoria gigante, um elefante levando um rei

Fonte: Tribuna Popular, 20 de fevereiro de 1947, p. 8.

Clamando o "Grito do Ipiranga", em nítida referência a personagens históricos para se enquadrar em tema nacional, assim fez a Azul e Branco:

> Grito do Ipiranga, é a nossa apresentação / Ao ouvir o bramido gigante / O grito de independência ou morte / Do nosso povo tão forte / Nas margens do Ipiranga / Pedro Primeiro ergue sua espada / Explicando aos brasileiros / Que cumprissem a sua jornada / E assim houve a separação de Portugal / Que recordamos neste carnaval[44]

A Prazer da Serrinha, também usando linguagem nacional por meio de acontecimento histórico construiu seu enredo "Os Bandeirantes" e cantava:

> Através / Das belas passagens / Da história do nosso Brasil / Escolhemos um passado varonil / São vários os fatos de glória / Que a nossa história / Descreveu enfim / Mas só um recordamos / Foi passado assim / Através das lindas campinas verdejantes / Do nosso Brasil / Os bandeirantes / Em bando de mil / Marcharam alegres sempre avante / À procura do ouro, da prata e do diamante / Não só a sua ambição / Foram os seus ideais / Deixaram pra nossa nação / Seus feitos tradicionais / Estes fortes aventureiros / Foram valentes guerreiros / Que a nossa história guardou / E no próprio destino tombou[45]

A figura 64 mostra algumas escolas de samba em suas apresentações e nela, é possível perceber as fantasias bem trabalhadas das porta-bandeiras e mestre-sala, a presença de baianas, painéis, carro alegórico e iluminação da Praça Onze.

---

[44]Disponível em: < http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/azul-e-branco-do-salgueiro/1947/34/ > Acesso em: 17 de novembro de 2017.

[45]Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/prazer-da-serrinha/1947/40/ > Acesso em: 17 de novembro de 2017.

Figura 64 - Momento de apresentação de algumas escolas de samba com seus pavilhões e fantasias

DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA

Uma das notas interessantes do Carnaval que passou foi o desfile das Escolas de Samba. Pela primeira vez o carioca pôde assistir a tal espetáculo, que primou pelo entusiasmo e pela disciplina, muito concorrendo para o sucesso da folia. Na Praça Onze, diante de enorme aglomeração de populares, desfilaram, uma após outra, todas as nossas Escolas de Samba, cada qual procurando levar a palma às demais. Terminada a passagem, ninguém poderia apontar a melhor — todas fizeram jus às suas tradições, oferecendo ao público uma demonstração digna de verdadeiros súditos de Momo. As fotografias desta página mostram algumas das Escolas de Samba que participaram do desfile.

Fonte: A Noite Ilustrada, 18 de fevereiro de 1947, p. 39.

O Diário da Noite de 19 de fevereiro de 1947 (p. 3), três dias após a apresentação das escolas de samba, faz uma análise da festa popular destacando a forte chuva que caiu na cidade, as discussões propondo adiar o concurso das escolas, a presença da esposa de Hidelbrando de Araújo Góis e as duas escolas de destaque da noite, Portela e Estação Primeira, que teriam se apresentado com enredos bem explorados, fantasias luxuosas, bastante trabalho de pastas e ótimo desenvolvimento harmônico e musical.

A tendência a temas nacionais se fez presente no carnaval das escolas organizado pela Prefeitura, como se pôde verificar nas descrições dos enredos e nos sambas de algumas escolas e fica mais evidente ao analisar sua colocação e seus enredos: 1ª – Portela – "Honra ao Mérito"; 2ª – Estação Primeira – "Brasil, Ciências e Artes"; 3ª – Depois Eu Digo – "Carnaval da Paz"; 4ª – Paz e Amor (enredo não encontrado); 5ª – Azul e Branco – "Grito do Ipiranga"; 6ª – Lira do Amor (enredo não encontrado); 7ª – Unidos da Capela (enredo não encontrado); 8ª – Unidos da Tijuca – "Tijuca e suas belezas naturais"; 9ª – Paraíso das Morenas – "Marquesa de Santos"; 10ª – Filhos do Deserto (enredo não encontrado).

Passado o carnaval, as escolas voltaram-se para suas instituições e novas orientações ocorreriam até o mês de dezembro. A Portela sai da UGES e passa a integrar o quadro da

FBES como se verifica em reunião marcada pela instituição no dia 28 de fevereiro de 1947 (p. 13) jornal A Manhã. Em outra reunião da FBES, no dia 7 de março registrou-se alguns diretores da instituição e de escolas filiadas (Figura 65)

Figura 65 - FBES reunida na rua Senador Dantas, 70

Fonte: A Manhã, 7 de março de 1947, p. 11.

Organizando uma Parada Extra do Samba, na Praça Mauá, em março de 1947, a FBES congrega grande parte das escolas de samba, incluindo as famosas Cada Ano Sai Melhor, Portela e Estação Primeira, acarretando uma verdadeira debandada da UGES (A MANHÃ, 28 de março de 1947, p. 8). Essa parada se tornaria um segundo carnaval da cidade pois a orientação para as escolas era de se apresentarem com as mesmas fantasias, carros alegóricos, músicas e enredo utilizados no concurso oficial do carnaval. Desta forma, as escolas voltavam ao cenário cultural da cidade mesmo após os festejos de Momo, algo interessante para os grupos detentores de representatividade nacional em relação as festas populares.

No dia 15 de abril de 1947, A Manhã (p. 11), divulgava os novos diretores da FBES e suas respectivas agremiações para um mandato de dois anos (1947-1949)

Tabela 6: Eleição da nova diretoria da FBES para o biênio: 1947-1949

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ESCOLAS DE SAMBA		
Função	Nome	Escola de Samba
Presidente	Ortivo Guedes de Oliveira	Recreio de São Carlos
Vice-Presidente	Irênio Delgado	Aprendizes de Lucas
Secretário	Oyama Brandão Teles	Azul e Branco
Tesoureiro	Nelson Januário Gomes	Paraíso do Grotão
Procurador	Walter Januário Gomes	Acadêmicos da Gávea

Fonte: O autor, 2017.

Comemorações pela eleição da nova diretoria marcaram alianças entre a FBES e a polícia da cidade, bem como a forte influência de Oyama Brandão Teles na instituição, no jornal A Manhã (por meio de colunas exaltação a FBES e as escolas) e nas relações com a Prefeitura (Figura 66).

Figura 66 - Matéria de A Manhã sobre a posse da nova diretoria da FBES

UM DIA DE GLORIA PARA O SAMBA!

"Como brasileiro, sinto-me orgulhoso com o que meus olhos vêem..." — exclamou o Chefe de Polícia, general Lima Câmara, por ocasião da posse da diretoria da já vitoriosa Federação Brasileira das Escolas de Samba — O que foi a visita do Chefe de Polícia ao Morro do Salgueiro — A MANHÃ venceu, e o sambista teve oportunidade de mostrar, mais uma vez, o seu valor

E O SAMBA VIBROU!...

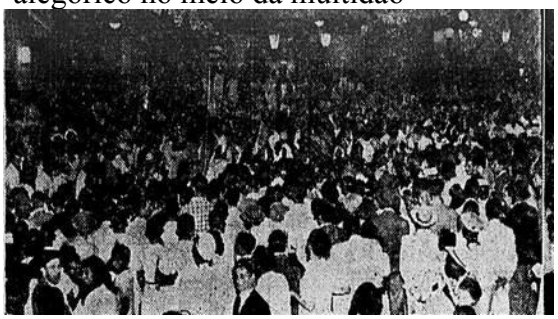
Fonte: A Manhã, 27 de maio de 1947, p. 10.

Finalizando o ano de 1947, a FBES organizou um desfile na Praça Mauá em 31 de dezembro de 1947, contando com apoio de A Manhã e da ACC, para homenagear o Presidente Eurico Gaspar Dutra, o novo Prefeito da cidade, Ângelo Mendes de Morais, o Major Frederico Trota, presidente de honra da FBES, e o Chefe da Polícia, General Lima Câmara. Contando com a presença de mais de 20 mil sambistas, iluminação própria, prêmios e com as escolas Aprendizes de Lucas, Independentes do Leblon, Unidos do Salgueiro, Paz e Amor, Azul e Branco, Sem Você Vivo Bem, Recreio de São Carlos, Paraíso das Morenas, Unidos de Campo Grande, Paraíso do Grotão, Unidos de Cabuçu e Escalão Carnavalesco Tupã. No registro fotográfico do evento (Figura 67) pode-se ver um painel em homenagem ao diretor de A Manhã e a Irênio Delgado, defensor do samba do morro e vice-presidente da FBES. Note-se, ainda, um carro alegórico, uma espécie de representação bucólica de um morro com uma lua cheia e sorridente por trás de um barraco. Na figura 68 pode-se ver, com certa dificuldade, um carro alegórico no centro da multidão. A figura 69 apresenta um cartaz saudando o jornal A Manhã e uma alegoria representando caravelas, tendo à frente um homem, vestido de navegador, empunhando uma bandeira.

Figura 67 - Escola de samba homenageando Irênio Delgado e ao jornal A Manhã

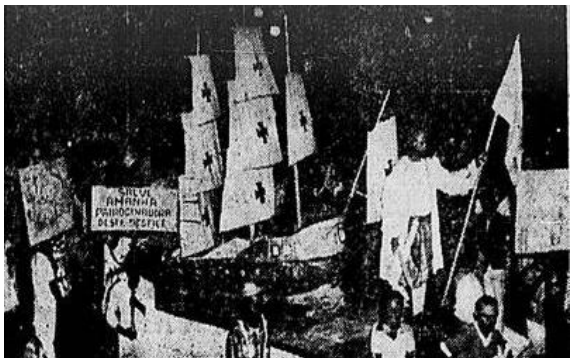
Fonte: A Manhã, 31 de dezembro de 1947, p. 12.

Figura 68 - Presença de um carro alegórico no meio da multidão



Fonte: A Manhã, 31 de dezembro de 1947, p. 12.

Figura 69 - Cartazes e carro alegórico compuseram as apresentações das escolas de samba em 1947



Fonte: A Manhã, 31 de dezembro de 1947, p. 12.

Enquanto a FBES conquistava privilégios com os políticos e com as forças policiais, como se verificou na homenagem ao chefe da polícia, General Lima Câmara (GAZETA DE NOTÍCIAS, 27 de maio de 1947, p. 5), a UGES era perseguida e teve sua licença caçada (pelo mesmo chefe de polícia), sendo acusada de possuir fins políticos comunistas e ser uma suposta ameaça até para o Ministério da Guerra, como destaca matéria do Correio da Manhã, de 29 de outubro de 1947 (p. 2), que trata da tentativa da UGES de revogar aquela "decisão

arbitrária e sem fundamento" visto que nos estatutos da mesma não constam orientações políticas nem tampouco a difusão de valores, sejam quais forem. O ano termina com as UGES e FBES em situações opostas. A FBES galga status de instituição oficial das escolas acolhendo cada vez mais agremiações em seus quadros. A UGES, acusada de ser comunista, vê seu quadro associativo esvaziar-se e, como na charge na abertura deste ano de 1947 com Prestes levantando a placa do "Prestes a sair", vê todos os seus esforços fracassarem e sua existência abalada e incerta para o ano de 1948 com a divisão do mundo do samba concretizada.

2.4.2 A ruína da UGES e a ascensão da FBES: 1948

No primeiro dia do ano de 1948, A Manhã informava que a escola Depois Eu Digo se desligava da UGES e pedia a intercessão do jornal para sua filiação junto à FBES. Nas palavras da escola: "tornamos público nosso desligamento da UGES e tornamos público nosso pedido de filiação a FBES" (A MANHÃ, 1 de janeiro de 1948, p. 12). A troca de instituição da escola traz à tona questões políticas relevantes para a construção do carnaval das escolas, associadas, mais uma vez, a novas realidades socioculturais, novos promotores da festa e novos conceitos visuais.

A certeza da necessidade de adaptar-se pode ser exprimida não só pela queda de prestígio da UGES, mas também pela forma impositiva com que a FBES se colocava no cenário carnavalesco, como única instituição a defender os interesses das escolas, como se vê na matéria do jornal A Manhã, 3 de janeiro de 1948 (p. 10), referente ao desfile de 31 de dezembro de 1947.

> O desfile do dia 31, organizado pelo nosso matutino, contou com a cooperação da Federação Brasileira das Escolas de Samba (FBES), a única entidade que, de fato e de direito, propugna pela defesa de nossa mais popular música.
> A colaboração dos diretores da já solidificada entidade, foi preciosa em nossos aspectos. Junto à reportagem de A Manhã, encontravam-se os diretores Ernesto Alcides, Tancredo Ortivo Guedes, presidente, Walter, Nicolino, e muitos outros, enfim, todos os diretores ali estavam auxiliando neste ou naquele setor, tendo em mente apresentar um desfile digno aos olhares do povo, como de fato foi.

O processo de migração das escolas de samba, de saída da UGES para a FBES, se confirmava na visita que jornalistas do jornal A Manhã, e membros da Portela, fariam à Estação Primeira, uma das escolas mais significativas naqueles anos iniciais. A Estação

Primeira abre suas portas para o representante oficial da FBES em claro apoio a nova instituição e afastamento a UGES, na qual fazia parte desde sua fundação em 1935. Na figura 70 vemos o registro de A Manhã ao visitar a Estação Primeira tendo o pavilhão da escola ao centro, no primeiro plano ritmistas, no segundo plano, possivelmente alguns integrantes da diretoria, de terno, em contato com representantes da FBES e ao fundo, integrantes da escola.

Figura 70 - Estação Primeira posando para foto feita pelo A Manhã

Fonte: A Manhã, 28 de janeiro de 1948, p. 10.

A atuação da FBES no carnaval das escolas de samba fez continuar, em 1948, a luta pela subvenção, travada pela UGES, em 1947, e criticada pela FBES. Em matéria do dia 4 de fevereiro de 1948 (p. 10), A Manhã destaca a incapacidade das escolas de samba de promoverem seus espetáculos sem o auxílio municipal. “Perto de duzentos mil sambistas aguardam a decisão da prefeitura”, estampava a matéria contando ainda com entrevista do presidente da FBES criticando a demora no repasse da verba. Na mesma fala, de Ortivo Guedes, a exaltação das escolas com suas fantasias de mestre-sala e porta-bandeira (grandes destaques das escolas de samba), bandeiras e carros alegóricos acentuam a necessidade de subvenção para manutenção do espetáculo. A presença de carros alegóricos, características das grandes sociedades, passava a diferenciar ainda mais as escolas de samba dos ranchos e blocos.

Mesmo com essas críticas, o carnaval das escolas foi organizado e seu regulamento divulgado para as mais de trinta agremiações concorrentes, entre elas, Portela, Estação Primeira (debutantes na instituição), Depois Eu Digo, Azul e Branco, Vai Se Quiser, Paz e Amor, Unidos da Tijuca e a recém-criada Império Serrano. Organizado pela Prefeitura, o desfile teve a comissão julgadora escolhida pela municipalidade e a apresentação das escolas ocorreu na Praça Onze (ornamentada como se pode ver na figura 71), destacando que somente as escolas inscritas até o dia 15 de janeiro poderiam concorrer ao certame, e seriam julgadas

apenas se se apresentassem com o "estilo característico" e com enredos nacionalistas. A premiação seria dada da seguinte forma: 1º - Cr$ 5.000,00; 2º - Cr$ 2.500,00; 3º - Cr$ 2.000,00; 4º - Cr$ 1.500,00; 5º - Cr$ 1.000,00; 6º - Cr$ 600,00; 7º - Cr$ 500,00; 8º, 9º e 10º- Cr$ 300,00. O julgamento contemplaria os quesitos: enredo, harmonia (musical e coral), bateria, samba e bandeira. Não havia proibição de carros alegóricos, iluminação ou restrições das fantasias. A exigência se concentrava na construção de enredos nacionalistas. (A MANHÃ, 8 de fevereiro de 1948, p. 14)

Figura 71 - Ornamentação da Praça Onze para o carnaval de 1948

Fonte: A Noite Ilustrada, 17 de fevereiro de 1948, p. 38.

Como orientação do regulamento, algumas escolas divulgaram seus enredos para que a população pudesse compreender melhor suas apresentações, como fez a Portela com seu enredo nacionalista em homenagem à Princesa Isabel divulgado pelo A Manhã de 6 de fevereiro de 1948 (p. 10)

> A Portela, descerá esse ano, apresentando um enredo dos mais expressivos. Terá como motivo a "Exaltação à Redentora", como uma homenagem da gente de cor à Princesa Isabel, que decretou a Lei Aurea, libertando o Brasil do preconceito racial. Ainda apresentará o enredo da Portela, uma exaltação aos grandes vultos da pátria, que prestarão auxílio à Princesa Isabel, para a conclusão de seu ideal.

Neste enredo a escola fazia uma exaltação a uma personagem da história imperial brasileira ao passo que associava a Lei Aurea ao fim do preconceito racial e à vitória do negro que antes sofria e agora tem seu valor reconhecido no mundo, ao menos no do samba:

> Foi a Princesa Isabel / Que nos deu a liberdade / Libertando aqueles que sofriam / Foi para ela uma glória / Deixar o nome na história / Do Brasil...

> Somente ela quem via, / Como o preto sofria, noite e dia / Hoje no mundo, / Preto tem o seu valor profundo[47]

A Azul e Branco se apresentou com enredo intitulado "Fogo Sagrado" e fez uma analogia entre a vitória dos atletas e os jogos olímpicos à Pátria brasileira, a "Pira" do fogo sagrado.

A Aprendizes de Lucas realizou homenagem ao maestro Carlos Gomes e cantou sua obra e sua capacidade de levar a música brasileira, incluindo o samba (!), ao exterior

> A deusa da inspiração / Fez um gesto com a mão / Inspirando melodias / Fazendo elevar-se entre os homens / O imortal Carlos Gomes / Que nos deu com alegria / A glória de ver e ouvir / O estrangeiro exibir / Melodias deste bamba / Que não respeitou barreira / E abriu fronteira / Até para o nosso samba // Eu quis ser poeta um dia / Quis fazer poesia / Idolatrando esse artista / Porém me faltando expressão / Empreguei uma versão / No linguajar do sambista / E a frase que pude dizer / Para enaltecer / O maestro brasileiro / É que não é o maior dos maiores / Mas entre os melhores / É um dos primeiros[48]

A Unidos do Cabuçu se apresentou com o enredo "Brasil, celeiro do mundo" relembrando as riquezas de nossa terra "grande e forte". "Produção do Brasil" foi o enredo escolhido pela Unidos do Morro Azul e "Assinatura da Lei Aurea" foi o enredo da Unidos da Tijuca, tema similar ao da Cada Ano Sai Melhor, também explorando a Princesa Isabel e a Lei Aurea. Com enredo intitulado "Vale de São Francisco" a Estação Primeira exaltou o Brasil e suas belezas naturais e históricas

> Não há nada deste mundo / Cenário tão rico / Tão vário, com tanto esplendor / Nos montes onde jorram as fontes / Que quadro sublime / De um santo pintor / Pergunta o poeta esquecido / Quem faz esta tela / De riquezas mil / Responde soberbo o campestre / Foi Deus, foi o mestre / Que fez meu Brasil / Meu Brasil, meu Brasil / E se vires, poeta, o vale / O vale do Rio / Em noite invernosa / Em noite de estilo / Que fica, que passa / Em terras tão boas / Pernambuco, Sergipe / Majestosa Alagoas / E a Bahia lendária / Das mil catedrais / E a terra do ouro / De Tiradentes / Que é Minas Gerais[49]

Com um carnaval em homenagem a Antônio Castro Alves a escola de samba Império Serrano venceu o carnaval de 1948, recebendo elogios de A Manhã por seu "oportuno enredo, coordenação de seu conjunto e riqueza de suas fantasias" (A MANHÃ, 12 de fevereiro de 1948, p. 12). Sobre a apresentação das demais escolas, o jornal destacava problemas que nos

---

[47] Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/portela/1948/1/> Acesso em: 18 de outubro de 2017.

[48] Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/aprendizes-de-lucas/1948/85/> Acesso em: 18 de outubro de 2017.

[49] Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/estacao-primeira-de-mangueira/1948/2/> Acesso em: 18 de outubro de 2017.

revelam os prováveis critérios analisados pela comissão julgadora. A Estação Primeira, mesmo com o destaque de suas baianas, teria falhado no quesito harmonia e comissão de frente. A Portela, teria "pecado pela exibição de ferramentas, algo que deveria ser esquadro e não ferramentas, situação confusa, mas que viu o prejuízo aumentar quando vários integrantes desfilaram sem fantasia". A Império da Tijuca sofreu com "carros alegóricos esfacelados". O "Fogo simbólico" da Azul e Branco foi salvo por sua bandeira bordada e bem trabalhada, atestava o jornal. As críticas continuam e mostram os critérios dos jurados, não observados nos anos anteriores, tais como, a perda de pontos por falta de fantasia, a valorização da bandeira da escola, a boa apresentação dos carros alegóricos (novidade que contraria a década de 1930 que abominava a utilização deste recurso nas apresentações). Chama atenção ainda a obrigatoriedade de enredos nacionalistas, mas não voltados ao militarismo e sim a símbolos, circunstâncias ou exaltação do país. O nacionalismo exigido no ano de 1948 difere do nacionalismo dos carnavais de guerra, especialmente dos anos de 1942, 1943, 1944 e 1945.

Registros das escolas de samba foram realizados pelo A Manhã e publicados no dia 12 de fevereiro de 1948, (p. 9). Na figura 72 vemos uma possível comissão de frente da escola de samba Império Serrano, saudando o jornal apoiador da FBES, homens carregando uma alegoria, ladeados de baianas. Na figura 73 aparecem Mendes de Morais ladeado pelo Imperador e pela Imperatriz do Samba daquele ano. A Figura 74 apresenta um carro alegórico da escola Depois Eu Digo, com destaque fantasiado, cavalos e homens ao lado do carro, empunhando alegorias de mão.

Figura 72 - Comissão de frente do Império Serrado com saudação ao A Manhã

Fonte: A Manhã, 12 de fevereiro de 1948, p. 9.

Figura 73 - Mendes de Morais acompanhado pelo Imperador e Imperatriz do Samba

Fonte: A Manhã, 12 de fevereiro de 1948, p. 9.

Figura 74 - Carro alegórico da escola de samba Depois Eu Digo

Fonte: A Manhã, 12 de fevereiro de 1948, p. 9.

A figura 75 traz a porta-bandeira da Portela empunhando o pavilhão da escola cercada de integrantes fantasiados.

Figura 75 - Porta-bandeira da escola de samba Portela

Fonte: A Noite Ilustrada, 17 de fevereiro de 1948, p. 20.

Na figura 76, um carro alegórico é antecedido por integrantes de uma escola. Note-se que os membros estão sem camisa, possivelmente representando escravos presos por correntes. Podemos supor que esse registro seja de algum momento da apresentação da Portela que foi criticada pela falta de fantasia de alguns membros

Figura 76 - Provável apresentação da Portela com sua ala representando escravos libertos

Fonte: A Noite Ilustrada, 17 de fevereiro de 1948, p. 20.

Um casal de mestre-sala e porta-bandeira, empunhando o pavilhão, trajando fantasias bem trabalhadas, com adereços, seguidos de um abre-alas com o busto de um homem (Mendes de Morais, prefeito da cidade?), tendo como pano de fundo o corcovado, são apresentados na figura 77.

Figura 77 - Mestre sala e porta bandeira bem trajados, portando pavilhão da escola com uma alegoria ao fundo

Fonte: A Noite Ilustrada, 17 de fevereiro de 1948, p. 21.

A mudança estética das escolas também se percebe nos ritmistas ao se apresentarem vestindo ternos[50], como se vê na figura 78

Figura 78 - Ritmistas trajando ternos em suas apresentações

Fonte: A Noite Ilustrada, 17 de fevereiro de 1948, p. 22.

Registros da revista O Cruzeiro publicados no dia 28 de fevereiro de 1948 (páginas 9, 10 e 12) revelam a transformação das escolas de samba, antes grupos musicais dos morros e agora representações culturais do Brasil, com fantasias luxuosas utilizando plumas, cetim, adereços nas baianas, alegorias de mão bem trabalhadas (e não mais apenas cartazes) (Figura 79), carro alegórico comportando destaques da escola Unidos da Favela (Figura 80) e a profusão de pessoa a assistir o espetáculo na Praça Onze (Figura 81)

[50] A utilização de roupas mais sofisticadas fora uma exigência de Paulo da Portela à frente da escola que leva seu nome. Todos os integrantes deveriam trajar-se da melhor maneira possível. (SILVA e MACIEL, 1979, p. 125)

Figura 79 - Detalhes sobre as fantasias e adereços das escolas de samba com tecidos e plumas

Fonte: O Cruzeiro, 28 de fevereiro de 1948, p.10.

Figura 80 – Fantasias e alegorias nas escolas dando maior destaque visual nas suas apresentações

Legenda da foto: “As escolas de samba estão se tornando riquíssimas nas suas fantasias e alegorias”; Fonte: O Cruzeiro, 28 de fevereiro de 1948, p. 9.

Figura 81 - Praça Onze durante a apresentação das escolas de samba, iluminada e ornamentada

Fonte: O Cruzeiro, 21 de fevereiro de 1948, p. 12.

Em um ano conturbado para os comunistas no país – PCB caçado, políticos perdendo seus mandatos, e a UGES deixando de ter a licença para exercer suas atividades – o carnaval criado pela FBES em consonância com as orientações da Prefeitura levou ao fim a hegemonia Portelense e trouxe à tona uma nova escola, Império Serrano, vencedora de seu primeiro concurso logo em seu ano de estreia. Mais que isso, as forças políticas que comandavam o país e agora o carnaval carioca levaram as escolas de samba a realizar movimentos políticos que resultaram em modificações estéticas e culturais. Híbridas, as escolas, em sua maioria, foram capazes de modificar suas bases, negociar seus interesses e permanecerem como representantes legítimas do carnaval popular carioca, extraindo daí seus intentos comerciais, financeiros e políticos.

Após o carnaval, a FBES trata de dar continuidade a sua agenda de festejos com as escolas de samba e promete uma parada extra do samba, na Praça Mauá, no Sábado de Aleluia (A MANHÃ, 21 de fevereiro de 1948, p. 10). Em agosto, acontece outro evento envolvendo as escolas de samba, uma Parada Musical, em homenagem ao Prefeito da cidade e ao Chefe da Polícia (A MANHÃ, 1 de agosto de 1948, p. 12). No dia 29 de outubro de 1948, foi realizado mais um desfile, dentro de um movimento político organizado pela FBES e contando com o apoio de diversas escolas de samba que levaram os moradores de suas comunidades a prestar homenagens à Dutra, à Irênio Delgado ao jornal A Manhã (24 de fevereiro de 1948, p.18). e outros, como se vê nas figuras 82 a 84

Figura 82 - Escola de Samba homenageia políticos com seus cartazes

Fonte: A Manhã, 31 de outubro de 1948, p. 12.

Figura 83 - Cartazes com dizeres e imagem em homenagem à Dutra realizado pelas escolas de samba

A Noite: A Manhã, 31 de outubro de 1948, p. 12.

Figura 84 - Pavilhão da FBES junto a bandeira de A Manhã marcando a parceria das duas entidades

Fonte: A Manhã, 31 de outubro de 1948, p. 12.

O ano de 1948 encerrava-se com a vitória da FBES e as políticas de direita se impondo no carnaval carioca contando com o apoio de grande parte das escolas de samba e tendo a UGES seu fim confirmado, ao menos neste ano. Nos carnavais de guerra fria, venceram os que se articularam com as forças políticas atuantes naquele momento.

2.5 **Samba da direita ou a direita no samba? FBES, UCES, UGESB, CBES: 1949-1952**

2.5.1 A vitória da FBES: 1949

> Mesmo reconhecendo que o Império Serrano desfilou muito bem em 1948, nada tirava da cabeça dos sambistas da Portela e da Estação Primeira a convicção de que foram vítimas de uma gigantesca roubalheira promovida por Irênio Delgado. [...] para agravar a incompatibilidade da Portela (e da Estação Primeira) com a FBES, Irênio Delgado foi eleito presidente da entidade para o biênio 1949-1950. Diante disso, a Portela e a Estação Primeira desligaram-se da Federação e promoveram a ressureição da UGES, com a nova filiação das duas grandes escolas. (CABRAL, 1996, p. 159-169).

Saindo da FBES e filiando-se novamente à UGES, Portela e Estação Primeira, declararam guerra à nova instituição com sua política de direita, bem como a sua nova integrante, o Império Serrano. As duas escolas mais famosas e mais vitoriosas no carnaval popular ajudavam na continuidade da UGES, que também sofria mudanças radicais em sua organização política e de gestão. Servan Heitor de Carvalho e José Calazans, presidente e vice-presidente da UGES entregaram a instituição ao Major Joaquim Paredes numa clara tentativa de dissociar a instituição carnavalesca do PCB. Os ataques à UGES, chamada de "União Geral das Escolas Soviéticas" foram combatidos pelo Major que logo tratou de modificar o nome da instituição para UGESB – União Geral das Escolas de Samba do Brasil. Outra medida adotada pelo novo presidente da UGESB foi providenciar o desfile da instituição em homenagem ao Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, com o claro intuito de mostrar de que lado político a entidade representante das escolas estava.

"Escola Sentido!"; "Evoluem e criam sentido de arte popular as escolas de samba". Com essas frases o jornal A Noite Suplemento, de 4 de janeiro de 1949 (p. 3), anunciava a nova fase da Estação Primeira, agora associada à FBES, e percebia a transformação das escolas de samba como representantes artísticas da cultura popular brasileira. Fernandes (2001) identifica o ano de 1949 como marco de fusão entre o samba e a identidade nacional brasileira. Para o autor , "foi no final da década de 40, através do samba-enredo, que os temas

nacionais e históricos se tornaram o objeto-celebrado das escolas de samba, isto é, os sambistas resolveram se apropriar da história do Brasil" (p. 137). A integração entre a Estação Primeira e membros da UGESB e suas orientações de ordem e civilidade para as escolas foi registrada em A Noite Suplemento de 4 de janeiro de 1949 (p. 3) (Figuras 85, 86 e 86.1) com a presença do Major Joaquim Paredes legitimando o novo momento da escola do morro da Mangueira

Figura 85 - Civiliza-se o Samba em ordenamento às diretrizes negociadas

Fonte: A Noite Suplemento, 4 de janeiro de 1949, p. 3.

Figura 86 - Registros da quadra da Estação Primeira com a presença do presidente da UGESB, Major Joaquim Paredes

Fonte: A Noite Suplemento, 4 de janeiro de 1949, p. 3.

Figura 86.1: Detalhe da imagem da figura 86, destacando a presença do major Joaquim Paredes, presidente da UGESB

Fonte: A Noite Suplemento, 4 de janeiro de 1949, p. 3.

Mesmo buscando essa aproximação e contando com a presença de Joaquim Paredes, como presidente capaz de afastar qualquer suspeita de envolvimento da UGES com o comunismo, o desfile das escolas organizado pela instituição não contou com o apoio financeiro da Prefeitura. O Correio da Manhã de 27 de fevereiro de 1949 (p. 10) afirma que "as escolas de samba 'independentes' desfilariam na Praça Onze, às 20h, sem nenhum auxílio da municipalidade". O Diário de Notícias, de 27 de fevereiro de 1949 (p. 23), destaca as instruções dadas pela UGESB às escolas de samba. Entrada e saída do local de apresentação são detalhadas, bem como a premiação e orientações específicas de trajeto para algumas escolas, como vemos a seguir:

> 1º - Segundo determinação da Polícia, as Escolas devem evitar a passagem nas proximidades do morro de Santo Antônio.
> 2º - As Escolas da Tijuca – Depois Eu Digo, Império da Tijuca e Unidos da Tijuca; as de Catumbi – Paraíso da Floresta e Em Cima da Hora; e a do Estácio – Cada Ano Sai Melhor, e de Botafogo – Unidos do Cantagalo, deverão descer a Avenida Presidente Vargas, lado direito, e entrar pelo lado da antiga rua Senador Eusébio, na esquina da Praça da República, passando pelo coreto oficial e tomando depois o rumo das suas sedes. Podem também entrar pela Praça da República, lado da casa da moeda.
> 3º - As escolas que descerem pela Leopoldina, farão o mesmo percurso do item 2º.
> 4º - As escolas que descerem pela Central do Brasil concentram-se na rua Marcílio Dias e Praça Benedito Otoni, entrando pela mão na Avenida Presidente Vargas rumo à Praça Onze e fazendo a volta na rua Marquês de Sapucaí.
> 5º - Haverá em todos os pontos necessários, membros da diretoria da UGESB com escolta da polícia do Exército ou Militar para ordenar as escolas.

> 6º - As escolas devem desfilar na mão para não perturbar o trânsito, devendo, na entrada da Avenida Presidente Vargas, colher a corda um pouco.
> 7º - O desfile de cada escola será feito por ordem de chegada não devendo haver espera para evitar atraso.
> Os prêmios a serem distribuídos obedecerão ao seguinte critério:
> 1º lugar – Troféu Presidente Eurico Dutra; 2º - Troféu Ministro Honório Monteiro; 3º - Troféu Ministro Canrobert Pereira da Costa; 4º - Troféu Professor José Pereira Lira; 5º - Taça Diário Trabalhista; 6º - Taça Coronel Rossini Raps; 7º - Taça Folha Carioca; 8º - Taça Rei Momo II; 9º - Taça Amadeu Lopes Filho; seguindo-se outras taças até o 15º lugar. Haverá também prêmios em dinheiro até o décimo colocado que vai de Cr$ 5.000,00 até Cr$ 500,00, ofertados pela União Cívica das Escolas de Samba (UCES)[52]

O resultado deste concurso criado pela UGESB nos dias de carnaval premiou a Estação Primeira como campeã, deixando a Portela em segundo lugar. A instituição ofereceu prêmio de Cr$ 80.000,00 as dez primeiras colocadas e troféus e taças às escolas que se colocaram entre o décimo primeiro e décimo quinto lugar. Na comissão julgadora estavam, além de Joaquim Paredes, Burle Max, Gastão Formenti, Armando Viana e Pires da Silva (DIÁRIO CARIOCA, 3 de março de 1949, p. 9). Cabral (1996, p. 383-384) lista as vinte e cinco escolas melhor colocadas no concurso realizado pela UGESB: Estação Primeira, Portela, Depois Eu Digo, Prazer da Serrinha, Unidos da Capela, Unidos da Tijuca, Império da Tijuca, Unidos de Vila Isabel, Baianinhas Brasileiras, Unidos de Turiaçu, Corações Unidos de Jacarepaguá, Vai Se Quiser, Paz e Amor, Em Cima da Hora, Unidos de Tomás Coelho, Recreio de Inhaúma, Unidos do Morro Azul, Paraíso das Morenas, União do Realengo, Unidos de Irajá, Império de Campo Grande, Não É O Que Dizem, Unidos de Terra Nova, Fiquei Firme e Coração das Morenas.

Mesmo após a fracassada tentativa de aproximação com o poder público, a UGESB permaneceu como instituição representante de escolas de samba, apesar das dificuldades encontradas, como, por exemplo, a obtenção de subvenção da Prefeitura por parte da União Cívica das Escolas de Samba (UCES) para o ano seguinte, o que levou Portela e Estação Primeira a novamente migrarem de instituição, deixando a UGESB em direção a UCES e acelerando os problemas políticos da primeira (CABRAL, 1996, p. 163).

O final de ano da UGESB definiu seus rumos para 1950 com a realização da eleição da nova diretoria. A importância deste fato é grande pois a mesma precisava decidir quais rumos tomar para os carnavais seguintes. Para a continuidade do mandato em 1949 e 1950 decidiu-se pela manutenção de Joaquim Paredes como presidente, Joaquim Farahá, como vice

---

[52] Encontramos notícias sobre a UCES a partir de sua aproximação com a UGESB e posteriormente sua separação e captação de escolas de samba para realização de seu próprio desfile oficializado pela Prefeitura. A instituição coloca-se como independente e, após seu fim e ressurgimento como CBES, continuaria a existir na década de 1950 junto com a AESB.

e Servan Heitor de Carvalho, como primeiro secretário[53] (A NOITE, 4 de outubro de 1949, p. 8).

Preparando o carnaval oficial das escolas de samba, a FBES instrui suas filiadas a cuidar para que seus componentes estejam devidamente fantasias no momento de apresentação e a entregar os enredos ao jornal A Manhã, com o intuito de serem datilografados e entregues à comissão julgadora para disputa do Troféu Frederico Trota (A MANHÃ, 20 de fevereiro de 1949, p. 21). Houve orientação para entrada e saída das escolas de samba filiadas a FBES informando que elas deveriam se concentrar na alameda em frente ao Quartel General, junto à avenida Presidente Vargas, sendo o desfile iniciado no sentido da Praça da República para a Candelária, quando as escolas passariam próximo ao coreto da comissão julgadora, instalado em frente à Prefeitura. Além disto, ficou decidido que o julgamento obedeceria às mesmas normas do ano de 1948, não sendo permitida, em nenhuma hipótese, a presença de pessoas estranhas e não identificadas dentro da corda, sendo ainda desclassificadas automaticamente as escolas que apresentassem cartazes com dizeres alusivos a qualquer partido político ou credo religioso (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27 de fevereiro de 1949, p. 23). A última exigência busca regulamentar os enredos apresentados pelas escolas que vão desde temas históricos nacionais, à exaltação do samba, música, questões regionais e o orgulho de ser brasileiro. Nada similar ao patriotismo de antes ou a obrigatoriedade de temas exclusivamente nacionalistas.

Na figura 87, utilizando recursos de satélite atual e contando com a descrição do jornal acima citado, demarcamos aproximadamente onde ocorrera a apresentação das escolas de samba filiadas à FBES no carnaval de 1949

[53] A diretoria completa era a seguinte: Presidente – Joaquim Paredes. Vice – Joaquim Farahá. 1º Secretário – Servan Heitor de Carvalho. 2º Secretário – Armando Passos. 1º Tesoureiro – Valter Butel. 2º Tesoureiro – Hermes Rodrigues. 1º Procurador – Antônio de Almeida. 2º Procurador – Claudionor Guimarães de Barros. Conselho Fiscal – José C. dos Santos Alfredo Costa e Galdino Fernandes. Suplentes – Deosdeth José dos Santos, Mário Filismino dos Santos e Aristides Marques.

Figura 87 - Local de apresentação das escolas de samba em 1949

Fonte: O autor, 2017.

Segundo o jornal A Manhã de 26 de fevereiro de 1949 (p. 11), 32 escolas filiadas à FBES foram contempladas com subvenção da Prefeitura (Tabela 7)

Tabela 7: Escolas de samba filiadas à FBES em 1949 com seus respectivos enredos

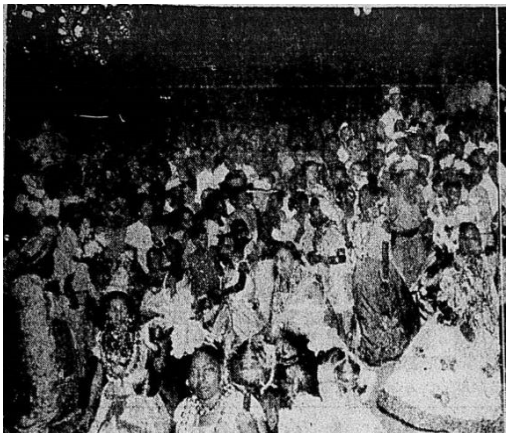
Escola de Samba	Enredo
Aprendizes de Lucas	Salve o Pandeiro
Azul e Branco do Salgueiro	Ouro Negro
Império da Colina	Marcílio Dias
Flor do Lins	O samba no Rio de Janeiro
Manda Quem Pode	Festa da Poa no Rio Grande
União de Brás de Pina	Pesca Nordeste
Cada Ano Sai Melhor	Orgulho-me de ser brasileiro
União Primeira do Leblon	Homenageamos Monte Castelo
Boêmios do Andaraí	Uma história do Amazonas
Azul e Branco de Bonsucesso	Asas do Brasil
Corações Unidos da Favela	Professores do Samba
Estrela de Ouro	Trovadores cariocas
Império Serrano	Tiradentes
Império do Quitungo	Execução de Tiradentes
Independentes do Leblon	Pedro Américo
Índios do Acaú	A história de um índio
Irmãos Unidos do Catete	Música e Poesia
Orgulho de Cordovil	Morreu mas venceu
Paraíso das Morenas	Conferência em Haia
Sem Você Vivo Bem	Uma dama no paraíso
Unidos da Lagoa	Favela dos meus amores
Unidos de Cabuçu	Proclamador da República
Unidos de Santo Amaro	Primavera do samba
Unidos do Outeiro	Brasil de outrora
Unidos do Salgueiro	Despedida da primavera
Vitória de Bento Ribeiro	Progresso brasileiro
Filhos do Deserto	Homenagem à marinha
Império do Andaraí	Tudo é possível
Recreio de São Carlos	Uma lavagem da igreja
Unidos de Cordovil	Homenagem a Barroso
Floresta do Andaraí	Tudo é Brasil
Unidos de Campo Grande	O sertão carioca em foco

Fonte: O autor, 2017.

A dimensão tomada pelo carnaval das escolas de samba em 1949 (aproximadamente 57 escolas de samba se apresentando por UGESB e FBES) revela sua importância como representantes do carnaval popular brasileiro, traduzida na proliferação de agremiações por diversos bairros da cidade, como Campo Grande, Andaraí, Cordovil, Inhaúma, Tomas Coelho, Bento Ribeiro, Madureira, Oswaldo Cruz, Leblon, Lagoa, Tijuca, Lins, Brás de Pina, Bonsucesso e Realengo. A lucratividade[54], repercussão e alcance atingidos pelo carnaval das escolas confirmam esse crescimento exponencial.

Vencendo o carnaval oficial e recebendo o Troféu Eurico Gaspar Dutra[55], o Império Serrano sagrou-se bicampeão, aclamado pelo A Manhã e inovando ao apresentar chocalhos em sua bateria que, em atitude inédita, desfilou no meio da escola com os componentes a seu redor (A MANHÃ, 3 de março de 1949, p. 12). As figuras 88 a 91, publicadas no jornal A Manhã, revelam um pouco das mudanças estéticas das escolas, agora apresentando-se novamente com ala de baianas (Figura 88), mestre-sala e porta-bandeira vestidos com luxo e pavilhões bem trabalhados (Figura 89), alegorias grandiosas (Figura 90) além de fantasias luxuosas e imponentes na comissão de frente (Figura 91).

Figura 88 - Registro de uma escola de samba e suas baianas no carnaval de 1949



Fonte: A Manhã, 3 de março de 1949, p. 12.

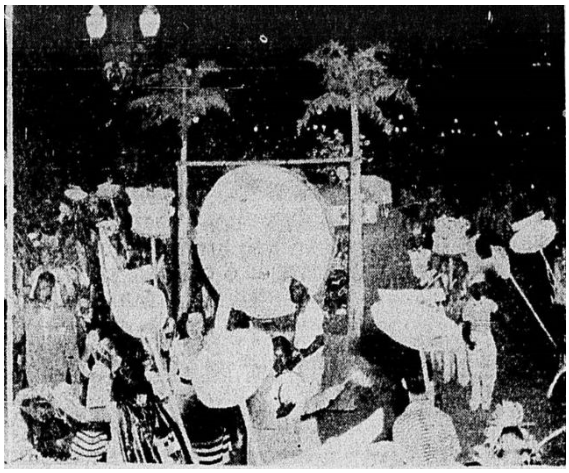
[54] A proliferação de novas agremiações sinaliza o interesse financeiro já que a Prefeitura realizava subvenção às escolas sem aparentemente critérios rígidos, bastando apenas que fossem filiadas à uma instituição representante das escolas e realizassem as apresentações de acordo com as orientações definidas.

[55] Este troféu passou a ser disputado em 1947 e a escola que o conquistasse cinco vezes o levaria para sua quadra. Portela o venceu primeiro, seguida do Império Serrano em 1948 e 1949. Este troféu é anterior ao do regulamento da UGESB para o carnaval de 1949.

Figura 89 - Mestre-Sala e Porta-Bandeira portando o pavilhão da escola, acompanhados de baianas

Fonte: A Manhã, 3 de março de 1949, p. 12.

Figura 90 - Alegoria de uma escola de samba durante a apresentação no carnaval de 1949



Fonte: A Manhã, 3 de março de 1949, p. 12.

Figura 91 - Comissão de Frente do Império Serrano

Fonte: A Manhã, 3 de março de 1949, p. 12.

A revista O Cruzeiro publica no dia 19 de março de 1949 (p. 65-66) alguns momentos das escolas de samba, sem, contudo, identificar seus nomes. A figura 92 apresenta um mestre-sala em sua dança tendo ao fundo duas mulheres, uma no chão eoutra sobre uma alegoria, ambas fantasiadas de damas da corte, com faixa de rainha, coroa, luvas e vestido bordado. A figura 93 registra algumas baianas com suas saias de cetim, batas e adereços. Na figura 94 é possível identificar percussionistas com roupas que os diferenciava, algo incomum em alguns carnavais anteriores.

Figura 92 - Mestre-sala em execução de sua dança, acompanhado de duas mulheres, em segundo plano

Fonte: O Cruzeiro, 19 de março de 1949, p. 65-66.

Figura 93 - Performance das baianas com suas saias, batas e adereços de cabeça e colares

Fonte: O Cruzeiro, 19 de março de 1949, p. 65-66.

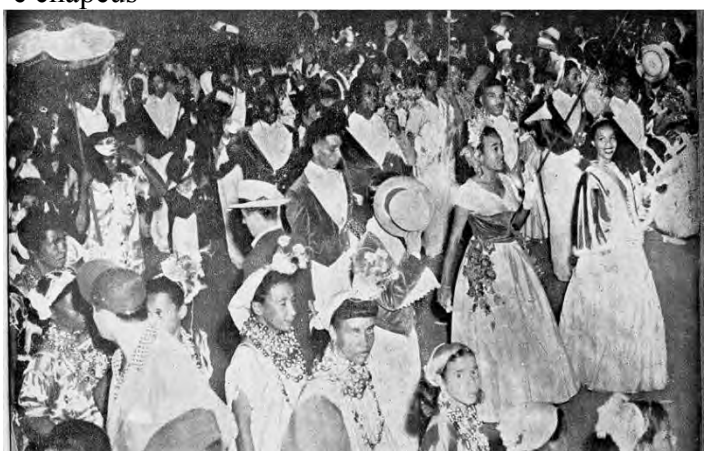
Figura 94 - Percussionistas fantasiados durante a apresentação, algo incomum nos anos 1930

Fonte: O Cruzeiro, 19 de março de 1949, p. 65-66.

Mostrando alguns momentos do carnaval da FBES e suas filiadas, a Revista da Semana de 19 de março de 1949 (p. 55-58), apresenta uma ala aparentemente coreografada e fantasiada, com roupas bem trabalhadas, adereços de mão, baianas e homens de terno (Figura 95). Em seguida um registro das “evoluções” das escolas Unidos de Inhaúma e Unidos de

Turiaçu em frente à comissão julgadora (Figura 96). O momento de apresentação das baianas ladeadas por cordas e seguidas de uma possível porta-bandeira com fantasia luxuosa é visto na figura 97. Na figura 98 se veem alegorias presentes nas apresentações das escolas, com destaque para o morro do Pão de Açúcar e uma réplica de Dutra.

Figura: 95 - Ala feminina fantasiada com adereços, acompanhadas de uma ala masculina portando terno e chapéus



Fonte: Revista da Semana, 19 de março de 1949, p. 55-58.

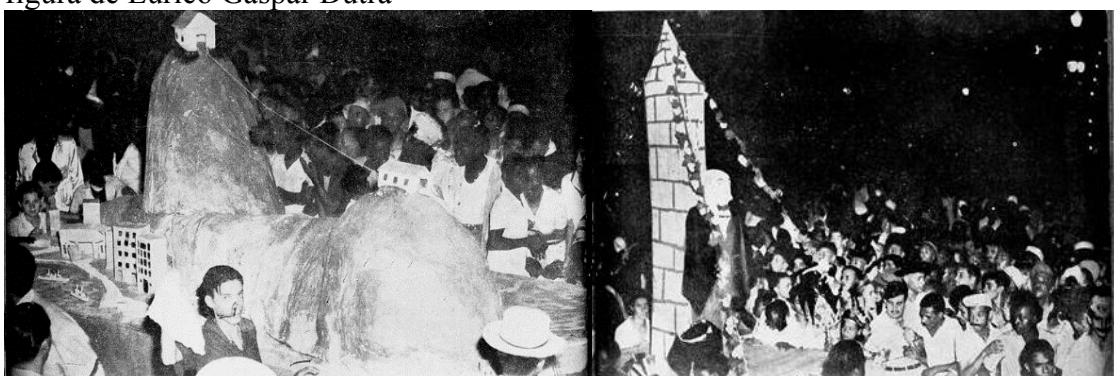
Figura 96 - Evolução das escolas Unidos de Inhaúma e Unidos de Turiaçu no carnaval de 1949

Fonte: Revista da Semana, 19 de março de 1949, p. 55-58.

Figura 97 - Momento de execução de danças das baianas seguidas por uma porta-bandeira

Fonte: Revista da Semana, 19 de março de 1949, p. 55-58.

Figura 98 - Alegorias no carnaval de 1949 representado o Pão de Açúcar e uma figura de Eurico Gaspar Dutra



Fonte: Revista da Semana, 19 de março de 1949, p. 55-58.

Fantasiadas, estruturadas e performáticas, as escolas de samba, em 1949, consolidavam os sambas-enredos como modelo de apresentação de seus carnavais, fato descrito por Tinhorão (1974, p. 171) como algo: "criado pelos compositores das escolas de samba para contar em versos a história escolhida como tema do desfile carnavalesco, surgido a partir da década de 1940".

Ao final daquele carnaval a FBES novamente criticava a UGESB dizendo que a mesma em vez de se preocupar com suas filiadas, realizou homenagens a políticos para tentar

melhorar sua imagem e atingir seus intentos financeiros. O presidente da FBES assinala que sua entidade salvou o carnaval das escolas em 1947 e agradece ao prefeito Ângelo Mendes de Morais e ao chefe da polícia, General Lima Câmara, pelo apoio dado a instituição naquele carnaval (A MANHÃ, 5 de março de 1949, p. 11).

Organizando a Parada Extra do Samba, no Sábado de Aleluia, a FBES leva suas filiadas à articularem relacionamento com financiadores do evento, como se verifica na figura 99 em que integrantes da escola de samba Império Serrano posam em frente a cartaz saudando o "Guaraná Champanhe", atitude também tomada pela escola de samba Unidos da Lagoa, vendo-se um carro alegórico com uma gigantesca garrafa do guaraná (Figura 100).

Figura 99 - Integrantes do Império Serrano homenageando o Guaraná Champanhe que decidiu patrocinar as escolas de samba

Fonte: O Cruzeiro, 7 de maio de 1949, p. 1.

Figura 100 - Carro alegórico homenageando o Guaraná Champanhe presente na apresentação das escolas de samba

Fonte: A Manhã, 20 de abril de 1949, p. 13.

Este processo fluído e vivo da cultura popular levou as escolas de samba, mediadas pela FBES, a dialogar com novas frentes interessadas em suas apresentações. No decorrer

daquele ano, a FEBS iria tecer relacionamentos com políticos, militares e empresas, como a já citada Antártica e seu Guaraná Champanhe (A MANHÃ de 12 e 14 de junho de 1949, p. 13) e a Química Bayer (A MANHÃ, 3 de setembro de 1949, p. 13), recebendo inclusive auxílio financeiro desta última (A MANHÃ, 6 de setembro de 1949, p. 13). A coroação destes processos, segundo A Manhã, de 18 de setembro de 1949 (p. 15), é a ida da FBES à França para participar do Congresso das Asas Francesas junto com o Prefeito do Rio de Janeiro.

Em 1949, o carnaval das escolas de samba contava com duas instituições buscando legitimar suas escolas filiadas, ao mesmo tempo em que procuravam entender-se com os promotores do carnaval. A UGESB, em desvantagem, via sua parceria com a UCES ruir ao final do carnaval enquanto a FBES continuava seu projeto de consolidação como "autêntica" e "legítima" instituição representante do carnaval das escolas de samba.

2.5.2 O vaivém nas instituições e o agigantamento do carnaval das escolas: 1950

O crescimento do interesse pelo carnaval das escolas e suas transformações estéticas e performáticas espetaculares traduz esse agigantamento ao final da década de 1940 e, mesmo passando por crises políticas internas, as instituições foram capazes de elevar as mais de cinquenta escolas filiadas ao status de representantes da cultura popular do Brasil. Esse agigantamento das escolas se fará sentir em 1950 quando serão realizados três desfiles, sendo dois oficiais com subvenção da Prefeitura (organizados pela FBES e UCES) e um não oficial, sem subvenção municipal (organizado pela UGESB).

No carnaval de 1950, o fluxo migratório de escolas entre as instituições (UGESB, UCES e FBES) foi notável. O maior movimento ocorreu entre escolas de samba que deixaram a UGESB ao final do carnaval de 1949 e migraram para a UCES para receberem os benefícios da oficialização daquela instituição. Ao mesmo tempo, novas escolas entravam no quadro associativo das três instituições. Esse estado de transformações acentua os processos vivos da cultura popular ao identificar as escolas como agentes ativos e atuantes em seus interesses políticos, carnavalescos e financeiros. Portela e Estação Primeira, por exemplo, recusavam-se a voltar para a FBES, muito por conta de brigas com Irênio Delgado (CABRAL, 1996, p. 158), saindo da UGESB, que em 1949 não havia conseguido oficialização da Prefeitura, para filiarem-se a UCES. Essas informações estão presentes na Tabela 8

Tabela 8 - Migração das escolas de samba pelas instituições

ESCOLAS DA UCES EM 1950	ESCOLAS DA FBES EM 1950	ESCOLAS DA UGESB EM 1950
ESCOLAS QUE PASSARAM DA UGESB PARA UCES[56]	**ESCOLAS QUE SE MANTIVERAM NA FBES**	**ESCOLAS QUE SE MANTIVERAM NA UGESB**
Portela (1949 – UGESB)	Aprendizes de Lucas (1949 – FBES)	Unidos da Capela (1949 – UGESB)
Estação Primeira (1949 – UGESB)	Azul e Branco (1949 – FBES)	Prazer da Serrinha (1949 – UGESB)
Unidos da Tijuca (1949 – UGESB)	Acadêmicos do Engenho da Rainha	Paz e Amor (1949 – UGESB)
Baianinhas Brasileiras (1949 – UGESB)	Boêmios do Andaraí (1949 – FBES)	Depois Eu Digo (1949 – UGESB)
Corações Unidos de Jacarepaguá (1949 – UGESB)	Corações Unidos da Favela (1949 – FBES)	Unidos de Vila Isabel (1949 – UGESB)
Vai Se Quiser (1949 – UGESB)	Flor do Lins (1949 – FBES)	Unidos de Turiaçu (1949 – UGESB)
Unidos de Tomás Coelho (1949 – UGESB)	Floresta do Andaraí (1949 – FBES)	Recreio de Inhaúma (1949 – UGESB)
União de Realengo (1949 – UGESB)	Irmão Unidos do Catete (1949 – FBES)	Em Cima da Hora (1949 – UGESB)
Unidos de Irajá (1949 – UGESB)	Império da Colina (1949 – FBES)	Unidos da Terra Nova (1949 – UGESB)
Império de Campo Grande (1949 – UGESB)	Império Serrano (1949 – FBES)	Fiquei Firme (1949 – UGESB)
Coração das Morenas (1949 – UGESB)	Independentes do Leblon (1949 – FBES)	
	Índios do Acaú (1949 – FBES)	
	Manda Quem Pode (1949 – FBES)	
	Orgulho de Cordovil (1949 – FBES)	
	Unidos de Santo Amaro (1949 – FBES)	
	Unidos de Campo Grande (1949 – FBES)	
	Unidos do Outeiro (1949 – FBES)	
	Unidos do Salgueiro (1949 – FBES)	
	Unidos da Lagoa (1949 – FBES)	
ESCOLAS QUE PASSARAM DA FBES PARA A UCES	**ESCOLAS QUE PASSARAM DA UGES PARA A FBES**	**ESCOLAS QUE PASSARAM DA FBES PARA A UGESB**
Cada Ano Sai Melhor (1949 – FBES)	Império da Tijuca (1949 – UGESB)	Unidos de Cabuçu (1949 – FBES)
Novas escolas	**Novas escolas**	**Novas escolas**
Unidos de Maringá	Coração da Liberdade	Três Mosqueteiros
Voz de Orion	Caprichos da Praça Dois	Unidos do Tamarineira
Curitiba	De Nós Ninguém Esquece	Unidos da Congonha
Unidos de Vila Nova	Estrela de Ouro	Unidos do Indaiá
Unidos do Riachuelo	Império do Samba	Prazer da Mocidade
Império de Botafogo	Independentes do Rio	Caprichosos de Pilares
Unidos dos Tabajaras	Mocidade de Um Paraíso	Paraíso da Floresta
Unidos do Leme	Paraíso da Mocidade	Unidos do Riachuelo
Filhos do Deserto	Trovadores do Maracanã	União de Sampaio
Unidos dos Coqueiros	Unidos do Grajaú	Unidos de Vila Nova[57]
	Unidos do Pecado	Unidos do Morro Azul
	Unidos do Itambi	Guarani
	Unidos de Kosmos	Não É O Que Dizem
	Unidos do Telégrafo	
	Unidos da Babilônia	
	Unidos do Engenho Velho	
	União de Vaz Lobo	
	Unidos de Barão de Petrópolis	
	Vitória de Bento Ribeiro	
	Cartolinhas de Caxias	
Total de filiadas: 22	**Total de filiadas: 40**	**Total de filiadas: 24**
ESCOLAS DA UCES EM 1950	**ESCOLAS DA FBES EM 1950**	**ESCOLAS DA UGESB EM 1950**
ESCOLAS QUE PASSARAM DA UGESB PARA UCES[58]	**ESCOLAS QUE SE MANTIVERAM NA FBES**	**ESCOLAS QUE SE MANTIVERAM NA UGESB**
Portela (1949 – UGESB)	Aprendizes de Lucas (1949 – FBES)	Unidos da Capela (1949 – UGESB)

[56] Este fluxo migratório é diferente pois em 1949 a UCES estava apoiando a UGES. Logo, as novas escolas a ela filiada, acima descritas, procederam predominantemente da UGES.

[57] Unidos de Vila Nova aparece na lista da UCES e da UGESB. O Tribuna da Imprensa de 25 de fevereiro de 1950 (p. 2) coloca a escola como participante do concurso realizado pela UGESB.

[58] Este fluxo migratório é diferente pois em 1949 a UCES estava apoiando a UGES. Logo, as novas escolas a ela filiada, acima descritas, procederam predominantemente da UGES.

Estação Primeira (1949 – UGESB)	Azul e Branco (1949 – FBES)	Prazer da Serrinha (1949 – UGESB)
Unidos da Tijuca (1949 – UGESB)	Acadêmicos do Engenho da Rainha	Paz e Amor (1949 – UGESB)
Baianinhas Brasileiras (1949 – UGESB)	Boêmios do Andaraí (1949 – FBES)	Depois Eu Digo (1949 – UGESB)
Corações Unidos de Jacarepaguá (1949 – UGESB)	Corações Unidos da Favela (1949 – FBES)	Unidos de Vila Isabel (1949 – UGESB)
Vai Se Quiser (1949 – UGESB)	Flor do Lins (1949 – FBES)	Unidos de Turiaçu (1949 – UGESB)
Unidos de Tomás Coelho (1949 – UGESB)	Floresta do Andaraí (1949 – FBES)	Recreio de Inhaúma (1949 – UGESB)
União de Realengo (1949 – UGESB)	Irmão Unidos do Catete (1949 – FBES)	Em Cima da Hora (1949 – UGESB)
Unidos de Irajá (1949 – UGESB)	Império da Colina (1949 – FBES)	Unidos da Terra Nova (1949 – UGESB)
Império de Campo Grande (1949 – UGESB)	Império Serrano (1949 – FBES)	Fiquei Firme (1949 – UGESB)
Coração das Morenas (1949 – UGESB)	Independentes do Leblon (1949 – FBES)	
	Índios do Acaú (1949 – FBES)	
	Manda Quem Pode (1949 – FBES)	
	Orgulho de Cordovil (1949 – FBES)	
	Unidos de Santo Amaro (1949 – FBES)	
	Unidos de Campo Grande (1949 – FBES)	
	Unidos do Outeiro (1949 – FBES)	
	Unidos do Salgueiro (1949 – FBES)	
	Unidos da Lagoa (1949 – FBES)	
ESCOLAS QUE PASSARAM DA FBES PARA A UCES	**ESCOLAS QUE PASSARAM DA UGES PARA A FBES**	**ESCOLAS QUE PASSARAM DA FBES PARA A UGESB**
Cada Ano Sai Melhor (1949 – FBES)	Império da Tijuca (1949 – UGESB)	Unidos de Cabuçu (1949 – FBES)
Novas escolas	**Novas escolas**	**Novas escolas**
Unidos de Maringá	Coração da Liberdade	Três Mosqueteiros
Voz de Orion	Caprichos da Praça Dois	Unidos do Tamarineira
Curitiba	De Nós Ninguém Esquece	Unidos da Congonha
Unidos de Vila Nova	Estrela de Ouro	Unidos do Indaiá
Unidos do Riachuelo	Império do Samba	Prazer da Mocidade
Império de Botafogo	Independentes do Rio	Caprichosos de Pilares
Unidos dos Tabajaras	Mocidade de Um Paraíso	Paraíso da Floresta
Unidos do Leme	Paraíso da Mocidade	Unidos do Riachuelo
Filhos do Deserto	Trovadores do Maracanã	União de Sampaio
Unidos dos Coqueiros	Unidos do Grajaú	Unidos de Vila Nova[59]
	Unidos do Pecado	Unidos do Morro Azul
	Unidos do Itambi	Guarani
	Unidos de Kosmos	Não É O Que Dizem
	Unidos do Telégrafo	
	Unidos da Babilônia	
	Unidos do Engenho Velho	
	União de Vaz Lobo	
	Unidos de Barão de Petrópolis	
	Vitória de Bento Ribeiro	
	Cartolinhas de Caxias	
Total de filiadas: 22	**Total de filiadas: 40**	**Total de filiadas: 24**

Fonte: O autor, 2017.

Por essa tabela vemos a UCES recebendo em seu quadro associativo onze escolas advindas da UGES, uma escola proveniente da FBES e dez novas escolas filiadas ou catalogadas[63]. Das vinte e cinco escolas que se apresentaram em 1949 pela FBES, dezenove continuaram na instituição, uma nova filiada foi oriunda da UGES e vinte novas escolas foram filiadas ou catalogadas. A UGESB manteve dez escolas no seu quadro associativo, recebeu uma nova escola vinda da FBES e aceitou treze novas escolas como filiadas ou catalogadas.

[63] Filiadas são as escolas que recebem subvenção da Prefeitura para realizar o carnaval. Catalogadas seriam as
[63] Filiadas são as escolas que recebem subvenção da Prefeitura para realizar o carnaval. Catalogadas seriam as

O quadro identifica o crescimento de interesse em grupos populares tornarem-se escolas de samba, a expansão geográfica da festa popular (indo de Botafogo ao Leme, Oswaldo Cruz, Riachuelo e Realengo entre tantos outros bairros) e ajuda a entender a complexidade dos processos políticos presentes naquele festejo popular.

Dias antes do carnaval de 1950, um dos símbolos da festa carioca, o Rei Momo, visitou a escola de Samba Estação Primeira atendendo ao convite de Hermes e Xangô (Figura 101). Na figura, é possível identificar o pavilhão da escola, com seu nome dentro do mapa do Brasil, e Momo posando a seu lado. A escola, agora filiada à UCES e contando com apoio oficial da Prefeitura, abria suas portas para Momo e para o jornal A Manhã, porta-voz da FEBS desde sua criação.

Figura 101 - Rei Momo visitando a escola de samba Estação Primeira

Fonte: A Manhã, 5 de fevereiro de 1950, p. 11.

Antônio Vieira Melo, presidente da UCES, ao comentar sobre a existência de dois desfile oficiais das escolas de samba (FBES e UCES) – e não três, já que a UGESB não fora contemplada – sinaliza sua preferência pela organização de uma única apresentação, sabendo que seria algo difícil, especialmente por questões técnicas, como o enquadramento do horário para as escolas se apresentarem. Afirma que tanto o desfile da FBES como o da UCES ocorreriam na Avenida Presidente Vargas, cada um com sua comissão julgadora e prêmios próprios.[64]

[64] Não encontramos até o momento nenhuma narrativa sinalizando que esse ano marcaria o início da existência de um grupo principal e outro de acesso. O que se verifica é a importância dada às duas instituições e suas filiadas.

Segundo Cabral (1996, p. 386), as dez primeiras colocadas no desfile da UCES foram, respectivamente: Estação Primeira, Portela, Unidos da Tijuca, Filhos do Deserto, Voz do Orion, Vai Se Quiser, Corações Unidos de Jacarepaguá, Unidos do Riachuelo, Unidos do Coqueiro, União do Realengo e Cada Ano Sai Melhor.

Os jornais não noticiaram os preparativos do carnaval da UGESB e isto foi relatado por Cabral (1996, p. 163), ao informar que o presidente da instituição, major Joaquim Paredes escreveu uma carta aos cronistas carnavalescos pedindo cobertura para o seu desfile.[65] A Tribuna da Imprensa de 25 de fevereiro de 1950 (p. 2) informou os campeões do concurso, ganhadores de prêmios e sem subvenção oficial, ficando em primeiro lugar a Unidos da Capela, a "campeã atômica"[66] Prazer da Serrinha, os vice-campeões: Paz e Amor, Três Mosqueteiros, Depois Eu Digo, Unidos da Tamarineira e Unidos da Congonha.[67]

O carnaval realizado pela FBES recebeu cobertura de alguns jornais do período, apesar das poucas matérias. O jornal A Noite de 17 de fevereiro de 1950 (p. 10) destacava as orientações do presidente da instituição, Irênio Delgado, para as escolas de samba, destacando a necessidade delas entregarem requerimento com pedido de subvenção na secretaria da FBES, a proibição de exibições de cartazes políticos ou de partidos políticos na hora das apresentações oficiais, a não ser que se prestassem homenagem a Dutra, Mendes de Morais, a ACC ou a imprensa em geral.

Outro evento pré-carnavalesco oficial foi a criação da Parada do Samba, organizada pela ACC e pela FBES ocorrida em Vigário Geral, com premiação e comissão julgadora, podendo participar qualquer escola filiada a FBES (A MANHÃ, 3 de fevereiro de 1950, p. 12).

A notícia do patrocínio da Prefeitura à FBES foi publicada pelo jornal A Noite de 9 de fevereiro de 1950 (p. 11), enquanto o jornal A Manhã de 11 de fevereiro de 1950 (p. 7) sinalizava o apoio de Frederico Trota às escolas filiadas à instituição bem como o festejo pela chegada do "General da Banda".

---

[65] Até o momento não encontramos outras fontes capazes de informar sobre o carnaval elaborado pela UGESB.

[66] Não há registros sobre o que esse termo significa.

[67] Em terceiro lugar, Unidos do Indaiá; quarto lugar, Unidos de Vila Isabel; quinto lugar, Unidos de Turiaçu; sexto lugar, Recreio de Inhaúma; sétimo lugar, Prazer da Mocidade; oitavo lugar, Unidos de Cabuçu; Nono lugar, Caprichosos de Pilares; décimo lugar, Em Cima da Hora; Décimo primeiro lugar, Paraíso da Floresta; Décimo segundo lugar, Unidos do Riachuelo; Décimo terceiro lugar, Unidos de Terra Nova; Décimo quarto lugar, União do Sampaio; Décimo quinto lugar, Fiquei Firme; Décimo sexto lugar, Unidos de Vila Nova; Décimo sétimo lugar, Unidos do Morro Azul; Décimo oitavo lugar, Guarani; Décimo nono lugar, Não É O Que Dizem.

O regulamento do carnaval das escolas elaborado pela FBES destacava a premiação dada pela Prefeitura, em dinheiro, e o diploma, com o símbolo da graduação alcançada, ofertado às demais concorrentes. A premiação da Prefeitura seria acrescida de uma outra, oferecida pela Empresa Química Bayer no valor de Cr$ 25.000,00 (A MANHÃ, 18 de fevereiro de 1950, p.14). Os enredos foram construídos a partir de elementos da história do Brasil, da exaltação do samba, de personagens da cultura nacional e alguns episódios patrióticos (A NOITE, 18 de fevereiro de 1950, p. 14) e não houve menção de proibição de carros mecânicos, alegorias ou instrumentos de sopro, fato que se comprova nos registros da revista O Cruzeiro de 11 de março de 1950 (p. 93).

A revista O Cruzeiro, de 11 de março de 1950 (p. 93-96) apresentou fotografias das escolas de samba com detalhes de movimentos de pessoas fantasiadas, carros alegóricos, alas, fantasias e, usando uma narrativa de exaltação ao festejo popular, assim descreveu a festa das escolas

> As escolas de samba representam o que há de mais peculiar, mais belo, mais humano e mais artístico no carnaval carioca. Quem não assistiu ao desfile das escolas de samba, domingo, não pode dizer que conhece a mais fabulosa realidade do reinado de Momo. E nem sabe o que perdeu. Foi o desfile mais sensacional de todos. O mais emocionante. E o mais rico sob os aspectos artísticos e folclórico. Num palanque armado na Avenida Presidente Vargas, imediações da Praça da República, o Prefeito General Ângelo Mendes de Morais, acompanhado de sua esposa, assistiu a tudo e examinou com suas próprias mãos os estandartes das escolas. Como é fácil prever-se, grande multidão lotou completamente a Avenida, e aplaudiram com delírio.

A riqueza na produção artística das escolas filiadas à FBES ganhou destaque por meio de registros de três casais de mestre-sala e porta-bandeira ornamentados e posando para foto (Figura 102), baianas com suas longas saias e adereços (Figura 103), passistas masculinos com seus ternos e chapéus (Figura 104), carros alegóricos, com homenagem a representantes do samba, como Paulo da Portela, e bonecos gigantes (Figura 105), fantasias luxuosas, com alegorias de mão, adereços e instrumentos de sopro (Figura 106)

Figura 102 - Casais de mestre sala e porta bandeira registrados em momentos de suas apresentações

Fonte: O Cruzeiro, 11 de março de 1950, p. 94.

Figura 103 - Baianas com suas saias, adereços e alegoria de mão

Fonte: O Cruzeiro, 11 de março de 1950, p. 94.

Figura 104 - Passistas masculinos com seus ternos e chapéus durante a execução dos sambas

Fonte: O Cruzeiro, 11 de março de 1950, p. 95.

Figura 105 - Carros alegóricos e homenagens a sambistas

Fonte: O Cruzeiro, 11 de março de 1950, p. 95.

Figura 106 - No meio da multidão, membros da bateria utilizando instrumentos de sopro, mulheres com fantasias luxuosas e alegorias

Fonte: O Cruzeiro, 11 de março de 1950, p. 95.

A apresentação das escolas de samba realizado pela FBES foi descrita pelo A Manhã de 23 de fevereiro de 1950 (p. 14). Comentando sobre os Aprendizes de Lucas, vice-campeã do daquele carnaval, destacava o enredo (Uma festa na Igreja do Bonfim), o conjunto, um carro alegórico trazendo o padroeiro da Bahia e o elevador Lacerda, duas comissões de frente, sendo uma de mulheres e outra de homens, e as demais alas vestidas com as cores da escola. A Figura 107 destaca o casal de mestre-sala e porta-bandeira, com suas fantasias e o pavilhão da escola, ladeados por componentes em registro do A Manhã

Figura 107 – Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira em evolução

Legenda: "Os vice-campeões – eis alguns componentes da famosa "verde e branco" da Leopoldina, que conquistou o pomposo título de vice-campeã do carnaval carioca, apresentando o sugestivo enredo "Exaltação à Bahia"; Fonte: A Manhã, 23 de fevereiro de 1950, p. 13.

Terceira colocada, a Irmãos Unidos do Catete apresentou um samba-enredo em homenagem ao Hino e à Bandeira Nacional, obtendo êxito com suas comissões, de homens e mulheres separados, e sua bateria.

Sobre a escola de samba Floresta do Andaraí, quarta colocada, o jornal destacava a passagem pela comissão julgadora, com um enredo em homenagem à Oswaldo Cruz e um carro alegórico representando o Instituto que leva o nome do homenageado. Quinta colocada, a Império da Tijuca apresentara o enredo "O primeiro governador do Brasil". Sua comissão de frente, fantasiada com roupas alusivas ao momento histórico, ganhou destaque, pois foi seguida de outras quatro comissões: duas femininas e duas masculinas. Carros alegóricos, samba, bateria foram elogiados pelo A Manhã.

Com relação à campeã, o Império Serrano, A Manhã destacava:

> O enredo com que a escola do Morro da Serrinha se apresentou, já tínhamos visto antes, pois também era uma homenagem à nossa Marinha de Guerra. Intitulava-se "Almirante Barroso". Iniciando sua passagem ante o coreto da comissão julgadora, vinham três de suas principais alas masculinas, que são: "Amigos da Onça", "Estado Maior" e "Milionários", sendo que nesta última, assistimos um milionário de quatro anos fazendo evoluções de pasmar.
> Sucedendo estas alas, vieram as comissões femininas, ricamente fantasiadas, de veludo verde e branco, tendo à frente a "Ala das Secretas", vestidas de capitão de mar e terra. A seguir, dois carros, sendo que no primeiro, podia-se ler a seguinte inscrição: "O gesto de bravura e coragem do Almirante Barroso, Tamandaré, Greenhalgh e Marcílio Dias, deve ser lembrado", e no segundo, as galerias. No meio da escola, encontrava-se a bateria, toda fantasiada caracteristicamente, marcando com muita cadencia um melodioso samba, que fala sobre o motivo do enredo. E, para finalizar, vinha um grupo de moças e rapazes, também fantasiados dentro do enredo (A MANHÃ, 23 de fevereiro de 1950, p. 14).

A dimensão estética alcançada pelas escolas de samba pouco lembrava aquelas da década de 1930 centradas na valorização de seus cantos e danças. Toda produção artística das escolas agora voltava-se para o espetáculo, com carros alegóricos, ala de baianas, comissões de frente, passistas, mestre-sala e porta-bandeira vestidos com luxo, sambas-enredo descritivos, uso materiais luxuosos para os padrões do período, tais como plumas e veludo, além de toda consciência política adquirira pelas escolas ao longo destes dezoito anos iniciais de apresentações.

As relações políticas entre as instituições e suas escolas filiadas junto à Prefeitura, algo comum desde o surgimento da UES em 1935, continuava em 1950, com o prefeito Mendes de Morais e o major Frederico Trota, além das múltiplas negociações com a Associação de Cronistas Carnavalescos e jornais da cidade (A NOITE ILUSTRADA, 28 de fevereiro de 1950, p. 37).

As palavras de A Noite Ilustrada de 28 de fevereiro de 1950 (p. 37) delineiam este crescimento, ou agigantamento das escolas como representantes da cultura popular carnavalesca, bem como suas transformações visuais ao dizer que as mesmas se apresentavam com fantasias multicores, belos conjuntos com a harmonia dos componentes, baterias com suas inovações, como a utilização da frigideira, a imponência de suas alegorias e as evoluções dos mestres-salas e porta-bandeiras.

2.5.3 A disputa entre a FBES e UGESB: 1951

Vencedor da disputa presidencial de 1950, Getúlio Vargas assume em 31 de janeiro de 1951 e, sete dias depois, ia à Praça Onze visitar o reduto das escolas de samba (A NOITE ILUSTRADA, 6 de fevereiro de 1951, p. 16). O novo chefe da nação parecia fazer as relações políticas entre a UGESB e a Prefeitura se modificarem, pois, a mesma passou a ser aceita como representante oficial das escolas de samba para o ano de 1951. Segundo Cabral (1996, p. 164), a conquista da oficialização da UGESB junto a Prefeitura gerou um processo migratório da UCES para a UGESB – fato ocorrido similarmente de 1949 para 1950 quando integrantes da UGES migraram para a UCES. Tal situação acarretou no encerramento das atividades da UCES naquele carnaval de 1951. Desta forma, dois foram os concursos oficiais das escolas de samba, um criado pela FBES e outro pela UGESB, que retornara ao cenário oficial após três anos sem auxílio público e desprestígio político-carnavalesco.

A tablea 9 identifica as escolas que se mantiveram na UGESB de 1950 a 1951, aquelas que migraram da UCES para a UGESB, uma escola advinda da FBES e outras com origens não encontradas (NE). É possível perceber a consciência política das escolas de samba no momento de escolha de suas instituições representantes, fato que já ocorria desde 1935 quando a UES se aproximou do prefeito Pedro Ernesto, depois, de Frederico Trota, do Estado Novo, do PCB em 1946 e agora voltando, por meio da UGESB, ao cenário da oficialização com Getúlio Vargas e Mendes de Morais numa aproximação política com a direita.

Tabela 9: Migração das escolas de samba entre 1950 e 1951

1951 – ESCOLAS FILIADAS À UGESB E SUAS ORIGENS EM 1950	
ESCOLAS DE SAMBA	**FILIAÇÂO EM 1950**
Portela (1950 – UCES)	UCES
Estação Primeira (1950 – UCES)	
Unidos da Capela (1950 – UCES)	
Unidos da Tijuca (1950 – UCES)	
Corações Unidos de Jacarepaguá (1950 – UCES)	
Cada Ano Sai Melhor (1950 – UCES)	
Cartolinhas de Caxias (1950 – FBES)	FBES
Prazer da Serrinha (1950 – UGESB)	UGESB
Três Mosqueteiros (1950 – UGESB)	
Recreio de Inhaúma (1950 – UGESB)	
Unidos de Cabuçu (1950 – UGESB)	
Unidos do Morro Azul (1950 – UGESB)	
Em Cima da Hora (1950 – UGESB)	
Caprichosos de Pilares (1950 – UGESB)	
Não É O Que Dizem (1950 – UGESB)	
Unidos da Tamarineira (NE)	NE
Independentes de Turiaçu (NE)	
Unidos do Coqueiro(NE)	NE
Aventureiros da Matriz (NE)	
Embaixadores de São João de Meriti (NE)	
Unidos do Jacaré (NE)	
Unidos do Indaiá (NE)	
Guarani de Realengo (NE)	

Fonte: O autor, 2017.

Com enredo "A volta do filho pródigo" a Portela cantou Getúlio Vargas, o "filho pródigo" de retorno à presidência do Brasil, em mais um tema de caráter nacional:

> Trabalhadores do Brasil/ Ele falou/ A lei trabalhista ele deixou/ Aquele que em 30 triunfou/ E se fez credor/ Desse povo justiceiro/ Foi Getúlio Dornelles Vargas/ Esse grande brasileiro/ O bom filho à casa torna/ Ao Catete ele voltou/ Relembrando os seus feitos/ Volta Redonda deixou/ Força Aérea Brasileira/ Que corta esse céu de anil/ Para orgulho e glória/ Desse adorável Brasil[68].

[68] Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/portela/1951/1/> Acesso em: 8 de novembro de 2017.

Exaltando o povo brasileiro, o trabalhador, a unidade dos estados, a democracia, a política nacional e o crescimento do Brasil a Estação Primeira cantou:

> Glória a unidade nacional/ Portentosa e altaneira/ Genuína, brasileira e primordial/ Vinte e um estados reunidos/ Todos no mesmo sentido/ Dando a sua produção/ É fator de nossa economia/ Dar uma prova cabal/ Da nossa democracia/ A nossa política é altiva/ Irmanada e progressiva/ Produtiva e social/ Pela grandeza da pátria coordenamos/ Todos com o mesmo ideal/ É o fator de equidade/ Trabalhando com vontade/ Para o progresso nacional/ Tudo isso é o meu Brasil/ Isso é um orgulho/ De um povo forte, esbelto e varonil/ Lá, lá.[69]

O Cruzeiro de 24 de fevereiro de 1951 (p. 110) registrou o momento de apresentação da porta-bandeira da Estação Primeira (figura 108). É possível percebê-la levando o pavilhão da escola acompanhada por músicos com seus instrumentos: reco-reco, violão e pandeiro

Figura 108 - Porta bandeira acompanhada de componentes da bateria de uma escola de samba, destacando-se o reco-reco, violão e pandeiro

Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro de 1951, p. 110.

O resultado do concurso organizado pela UGESB sagrou a Portela como campeã, a Três Mosqueteiros em segundo e Estação Primeira em terceiro. Em quarto, Unidos da Capela. Em quinto, Aventureiros da Matriz e Unidos da Tamarineira. Em sexto, Unidos da Tijuca seguida de Corações Unidos de Jacarepaguá (sétimo), Prazer da Serrinha (oitavo), Recreio de Inhaúma (nono) e Unidos do Cabuçu, Cartolinhas de Caxias e Morro Azul (todas em décimo lugar)

O crescimento do número das escolas de samba parecia gerar, por parte da FBES, uma espécie de antevisão dos futuros grupos de acesso, pois a mesma organiza um desfile oficial na segunda-feira de carnaval (um dia após o desfile das escolas da FBES na Avenida Presidente Vargas) no bairro de Vigário Geral. Contando com comissão julgadora, prêmios e a participação da escola campeã de 1950 – Império Serrano – o concurso acontece e é noticiado pelos jornais A Noite de 31 de janeiro de 1951 (p. 13) e A Manhã de 9 de fevereiro

[69] Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/estacao-primeira-de-mangueira/1951/2/> Acesso em: 8 de novembro de 2017.

de 1951 (p. 12) que informa os campeões na seguinte ordem: Aprendizes de Lucas, Unidos do Pecado, Unidos de Cordovil, Estrela de Ouro, Sem Você Vivo Bem, Capricho do Centenário, Unidos do Cruzeiro e Unidos do Arapá.

Com a certeza da subvenção da Prefeitura e o apoio da polícia do Distrito Federal a FBES preparou o carnaval das escolas orientando-as para construção de enredos com temas unicamente nacionais, retirados de fatos ou da história do Brasil (A MANHÃ, 4 de fevereiro de 1951, p. 16). Pela tabela 10, além da descrição das escolas filiadas à FBES e suas filiações no ano anterior, vemos a presença de quatorze enredos nacionais, dezesseis enredos regionais/locais, quatro associados ao samba/música, cinco com características diversas e dois com aspecto de samba-enredo contemporâneo.[71]

Tabela 10: Escolas filiadas a FBES e a origem de seus sambas-enredo

1951 – ESCOLAS FILIADAS À FBES E SUAS ORIGENS EM 1950 + ENREDOS		
ESCOLA DE SAMBA	**FILIAÇÃO EM 1950**	**ENREDO**
Azul e Branco do Salgueiro (1950 – FBES)	FBES	De pé pelo Brasil
Aprendizes de Lucas (1950 – FBES)		Homenagem ao Rio Grande do Sul
Acadêmicos do Engenho da Rainha (1950 – FBES)		O sonho de um pescador
Corações Unidos da Favela (1950 – FBES)		Primavera na Favela
Corações da Liberdade (1950 – FBES)		Paisagens do Rio
Estrela de ouro (1950 – FBES)		Benfeitores da cidade em 1902
Floresta do Andaraí (1950 – FBES)		D. Pedro (Grito de Independência)
Independentes do Leblon (1950 – FBES)		Retirada da Laguna
Império Serrano (1950 – FBES)		61 anos de República
Índios do Acaú (1950 – FBES)		Batalha de Tuiuti
Independentes do Rio (1950 – FBES)		Brasil Caboclo
Império da Tijuca (1950 – FBES)		D. João VI
Mocidade de um Paraíso (1950 – FBES)		Batalha de Tuiuti
Trovadores do Maracanã (1950 – FBES)		A festa da Uva
Unidos de Campo Grande (1950 – FBES)		A corte do samba
União de Vaz Lobo (1950 – FBES)		Homenagem aos soldados do fogo
Unidos de Santo Amaro (1950 – FBES)		Três imortais
Unidos do Outeiro (1950 – FBES)		Homem de novembro
Unidos dos Telégrafos (1950 – FBES)		Homenagem à Marinha Brasileira
Unidos de Cosmos (1950 – FBES)		A vaidade do século XX
Unidos de Grajaú (1950 – FBES)		Os Bandeirantes
Vitória de Bento Ribeiro (1950 – FBES)		Soldados do fogo
Depois Eu Digo (1905 – UGESB)	UGESB	Vitória dos trabalhadores do Brasil
Paz e Amor (1950 – UGESB)		Um só povo, uma só bandeira
Filhos do Deserto (1950 – UCES)	UCES	Pescaria
Império de Campo Grande (1950 – UCES)		Cidade Maravilhosa
Paraíso do Grotão (NE)	NE	Jardim dos Namorados
Recreio da Mocidade (NE)		Cabral descobre o Brasil
Unidos de Cordovil (NE)		Homenagem à Municipalidade
União dos casados (NE)		Bahia, berço da águia de Haya
Unidos do Pecado (NE)		José do Patrocínio
Unidos do Itamby (NE)		A independência do Brasil
Unidos da Piedade (NE)		O Brasil vanguardeiro na proteção da infância

[71] Samba-enredo contemporâneo no sentido de ser autoexplicativo e não seguindo uma orientação pré-determinada.

Unidos do Barão (NE)		Desceu do morro para fundar a AIB
Unidos de Santo Antônio (NE)		Evolução do samba
Unidos do Arapá (NE)		Invasão do samba no universo
União do Cruzeiro (NE)		O pobre pescador
Unidos dos Arcos (NE)		Homenagem a música e a literatura
Unidos do Marangá (NE)		Relíquias do império brasileiro
Recreio de São Carlos (NE)		Representação do futebol carioca de 1950
Capricho do Centenário (NE)		Reinado das Margaridas

Legenda de cores	
	Temas nacionais
	Temas regionais/ locais
	Samba/ música
	Diversos
	"Samba enredo contemporâneo"

Fonte: O autor, 2017.

O resultado do concurso das escolas de samba organizado pela FBES foi o seguinte: 1ª - Império Serrano; 2ª – Aprendizes de Lucas; 3ª – Filhos do Deserto; 4ª – Azul e Branco; 5ª – Irmãos Unidos do Catete; 6ª – Império da Tijuca; 7ª – Paz e Amor e Índios de Acaú; 8ª – Unidos do Grajaú; 9ª – Vai Se Quiser; 10ª – União de Vaz Lobo (Cabral, 1996).

Relatando as apresentações das escolas, A Manhã, de 8 de fevereiro de 1951 (p. 11) informava que o Império Serrano havia se apresentando de maneira insofismável, com suas alas masculinas e femininas ricamente trajadas. Com o enredo "Sessenta e um anos de República" a escola fazia uma retrospectiva da política brasileira, com seus presidentes eleitos desde 1889 até a ascensão de Getúlio Vargas, aclamado pela escola como um estadista, eleito pela soberania do povo. Segue-se a letra do samba:

> Apresentamos/ A parte mais importante/ Da nossa história/ Se não me falha a memória/ Foi onde seus vultos notáveis/ Deixaram suas rubricas/ Através de 61 anos de República/ Depois das suas histórias proclamadas/ Constituídas e votadas/ Foi a mesma a promulgar/ Apesar de existente e forte zum-zum-zum/ Em 1891, sem causa perca/ Era eleito Deodoro da Fonseca/ Cujo governo foi bem audaz/ Entregou a Floriano Peixoto/ E este a Prudente de Morais/ Que apesar de tudo/ Terminou com a Guerra de Canudos/ Estabelecendo enfim a paz/ Terminando enfim todos os males/ Em seguida veio Campos Sales/ Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha/ Hermes da Fonseca e outros mais/ Hoje a justiça/ Numa glória opulenta/ A 3 de Outubro de 1950/ Nos trouxe aquele/ Que sempre socorreu a pátria/ Em horas amargas/ O eminente estadista/ Getúlio Vargas/ Eleito pela soberania do povo/ Sua vitória imponente e altaneira/ Marcará por certo um capítulo novo/ Na história da República Brasileira.

Na figura 109, o jornal A Manhã registrou duas alas do Império Serrano em sua apresentação com homens fantasiados de nobres, com chapéus e espadas (parte inferior do registro) e um provável casal de mestre-sala e porta-bandeira acompanho de uma ala feminina (parte superior).

Figura 109 - Império Serrano apresentando casal de mestre sala e porta bandeira e ala fantasiada

Fonte: A Manhã, 8 de fevereiro de 1951, p. 1.

A figura 110 apresenta o momento em que uma ala do Império Serrano passa pela comissão julgadora. É possível perceber algumas mulheres com saias e turbantes, provavelmente componentes da ala de baianas.

Figura 110 – Baianas em evolução

Legenda da foto: "A escola de samba Império Serrano, sem dúvida a maior academia de nossos morros e subúrbios, conquistou o tetracampeonato, como aliás, era esperado. Desfilou com cerca de mil figuras. Todas as suas alas estavam impecavelmente trajadas. E, quando passou diante do palanque da comissão julgadora, arrebatou a multidão que a aguardava impacientemente"; Fonte: Correio da Manhã, 8 de fevereiro de 1951, p. 10.

A vice-campeã, Aprendizes de Lucas, apresentou um carnaval com elementos visuais que chamaram a atenção da plateia e dos cronistas. Abrindo seu desfile a escola levou uma baiana de aproximadamente três metros de altura seguida de uma comissão representando gaúchos. Homens trajando gabardine verde vinham logo em seguida, acompanhados de duas comissões de mulheres e quatro gaúchos tipicamente trajados (A MANHÃ, 8 de fevereiro de 1951, p. 11). Com seu enredo intitulado "Homenagem ao Rio Grande do Sul", cantou a escola:

> Parabéns/ Pela proeza meritória/ De conquistar uma vitória/ No campo da produção/ Eis aqui/ Com violão e com pandeiro/ A saudação que o seresteiro/ Envia de coração/ Confesso/ Que sou feliz/ Porque meu país/ Dá-me a satisfação/ De ver/ Que o trabalho domina/ A cidade sulina/ Para o bem da nação/ Festa da Uva/ Espelho fiel/ E como o gaúcho/ Faz bem seu papel/ Ergo a taça/ Com o vinho que tens/ Para lhe dar Parabéns[72].

Na figura 111 é possível identificar a baiana gigante da escola de samba Aprendizes de Lucas. A revista O Cruzeiro, de 24 de fevereiro de 1951 (p. 108), destacava que "motivos exóticos e grotescos" serviam para engrandecer os "enredos" das escolas de samba.

Figura 111 - Registro de uma baiana Gigante

Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro 1951, p. 108.

Por "exótico" e "grotesco" o jornal tratava o exagero, o fora do comum, aquilo que no cotidiano não merece destaque ou é esquecido. Isso se comprova em outra legenda da mesma

[72] Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/aprendizes-de-lucas/1951/85/> Acesso em: 17 de novembro de 2017.

revista ao dizer que “rapazes, que na maioria dos casos, passam o ano inteiro vestindo roupas simplíssimas, exibem no reinado de momo, indumentárias ricas”, fora de seus padrões, tais como ternos (Figura 112).

Figura 112 - Ala masculina com homens utilizando terno zoot

Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro de 1951, p. 108.

O “exótico” é visto também nas alas femininas, fantasiadas como damas da nobreza aristocrática branca do Brasil, com suas sombrinhas, luvas, chapéus e bijuterias (Figura 113).

Figura 113 - Ala feminina trajando roupas elegantes, luvas e sombrinhas

Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro de 1951, p. 108.

Ritmo e luxo marcariam as escolas de samba de 1951 segundo O Cruzeiro. Na figura 114 é possível identificar mulheres com vestidos “de festa”, luvas nas mãos e adereço nas cabeças e homens com capas e cartolas.

Figura 114 - Mulheres com roupas de ‘festa’ e adereços e homens com capas e cartolas

Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro de 1951, p. 109.

Elementos de destaque na revista foram os casais de mestre-sala e porta-bandeira, retratados em suas evoluções levando os pavilhões de suas agremiações, trajando as roupas mais caras das escolas, acompanhados pelas baterias e baianas (Figuras 115 a 118)

Figura 115 - Momentos de casais de mestre sala e porta bandeira

Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro de 1951, p. 111.

Figura 116 - Registro da dança do casal de mestre sala e porta bandeira observados por integrantes da escola

Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro de 1951, p. 111.

Figura 117 - É possível perceber o cuidado na produção das fantasias dos casais de mestra sala e porta bandeira o que denota a importância adquirida nas apresentações das escolas

Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro de 1951, p. 111.

Figura 118 – Momentos das escolas de samba

Legenda: A variedade de registros sobre casais de mestre sala e porta bandeira confirma a nova realidade estética das escolas que valoriza a dança junto com elementos visuais que transformam aquele momento num espetáculo; Fonte: O Cruzeiro, 24 de fevereiro de 1951, p. 111.

As muitas novidades apresentadas naquele ano, tais como o retorno da UGESB à oficialidade, a pujança nas apresentações das escolas, as construções narrativas dos enredos e o apaziguamento dos confrontos entre UGESB e FBES, transformavam o carnaval em objeto de celebração diferenciado para os sambistas. Com menos tensões políticas, ao menos

aparentemente, as escolas produzem espetáculos que chamam a atenção de todos. Compõem sambas-enredos que se assemelham, como os produzidos por Portela e Império Serrano em relação ao retorno de Getúlio Vargas à presidência, e transformam as duas instituições oficiais em órgãos legítimos das escolas agregando cada vez mais agremiações. Os anos 50 chegaram e as escolas de samba levam para o público novos carnavais, novas apresentações, novos elementos estéticos, como o mestre-sala e a porta-bandeira vestidos com fantasias luxuosas, painéis nas apresentações e carros alegóricos, as alas masculinas e femininas e suas fantasias bem trabalhadas. Vivas, as escolas de samba constroem ano a ano a cultura popular carnavalesca. Fluídas, negociam suas práticas, cedem e legitimam-se para serem constantes na folia carioca e nacional.

2.5.4 A morte de um tempo: FBES, UGESB e CBES e o nascimento da AESB: 1952

O ano de 1952, em análises rasas, permitiria deduzir situações problemáticas entre UGESB e FBES na organização da disputa de melhor escola de samba, pois as duas instituições, antagônicas em seus ordenamentos político-ideológicos, neste ano consolidavam-se como legítimas representantes das escolas.

O problema entre as instituições parece aumentar quando a UCES, que havia deixado de existir em 1950, ressurgia como Confederação Brasileira das Escolas de Samba (CBES), oficializada pela Prefeitura, contando com subvenção e disputando as escolas de samba para seu quadro associativo. Assim, antes mesmo da folia começar, a disputa entre as instituições aumentaria (CABRAL, 1996, p. 164). Segundo a Última Hora, de 17 de dezembro de 1951 (p. 64),

> Por questões de prestígio interno, começaram as dissenções entre os maiorais das escolas. A corrente dissidente, então, mudando-se, fundava outra escola, noutro bairro ou noutro recanto do mesmo. Já aí havia mais a necessidade de ter sempre as ordens e negociável com os pretensos candidatos, um ponderável grupo eleitoral, do que mesmo o interesse pela música popular.
> Nessa altura dos acontecimentos, elementos conciliadores e de prestígio entre os sambistas, tentaram um movimento de unificação que, de outra parte, vinha colocar nas mãos de meia dúzia a função de orientadores de numerosos grupo de gente simples e obediente.
> Fundou-se a Federação das Escolas de Samba (FBES), empolgada, como as próprias "escolas", pelas vantagens que lhe poderiam advir do apoio a este ou aquele político. Então o poder público interveio nas espontâneas agremiações de gente humilde, sob a forma de auxílio financeiros para que pudessem melhorar sempre o padrão de suas apresentações.

> Começou a vigorar o regime das subvenções e por pouco não se fundou o Instituto Nacional do Samba do Morro.
> As primeiras dissidências surgidas no seio das "escolas" seguiram-se outras, já então na própria federação. Dentro de um período relativamente curto, instalavam-se nesta capital, além da FBES, a UGES, a UCES e FMSCR, todas elas disputando o lugar de expoentes dos grupos sonoros de terreiros.
> Era a luta pelo favor oficial.
> Para conseguirem o documentário numérico que lhes garantiria o prestígio, os dirigentes de cada uma dessas entidades forçavam a instalação, sempre, de novas escolas de samba.
> Acabou dessa forma, a característica inicial de tais grupos, que era a de exprimir, cada uma delas, o estro e a arte popular de um bairro. Não mais se pôde dizer, por exemplo, a escola da Mangueira, a do Estácio ou Salgueiro. Em cada um desses bairros, ou morros, elas se multiplicaram de tal forma que foi preciso designá-las por títulos, isso porque, a própria diferenciação inicial, feita pelas cores das respectivas bandeiras, tornou-se impossível.

As transformações ocorridas nas escolas aqui são vistas como algo negativo, que as descaracterizaria. As escolas são vistas como algo folclórico, que se perdeu ao contato com a municipalidade, com os políticos e com a subvenção para a festa. Ao mesmo tempo a matéria indica a importância das instituições para a construção do carnaval das escolas, visto que as mesmas legitimam as escolas de samba frente os promotores da festa. A busca por escolas faz as instituições criarem subterfúgios para aumentar seu quadro associativo e assim, tornarem-se hegemônicas na produção do carnaval popular e, ao mesmo tempo, as escolas negociam seus interesses, migram entre as instituições e buscam os benefícios que porventura receberiam destas alianças.

As escolas não existiriam sem as instituições e as instituições não existiriam sem as escolas. A aparente animosidade entre as instituições parece chegar ao fim antes mesmo do carnaval de 1952. Comemorando a noite de São Silvestre as escolas de samba desfilam no dia 31 de dezembro de 1951 sob organização da FBES e UGESB (Figura 119).

Figura 119 - Apresentação das escolas de samba na Noite de São Silvestre

Milhares de Sambistas Descerão Dos Morros Para Homenagear ULTIMA HORA – Da Praça Mauá a Praça Onze – Um Desfile-Monstro Organizado Pela F. B. E. S. e U. G. E. S. B. – Chega Hoje S. M. Rei Momo 1.º e Unico

FINALMENTE hoje à noite o carioca terá uma autêntica "Avant-première", do carnaval. Desfilarão pelas ruas da cidade as agremiações cultuadoras de nossa mais popular melodia. Cêrca de sessenta Escolas de Samba farão reviver através seu ritmo característico e as melodias que tanto sucesso fazem, a animação do folião carioca, nesta noite de São Silvestre

Homenagem a ULTIMA HORA

Nosso vespertino será alvo, de carinhosas manifestações por parte dos integrantes dessas agremiações sediadas nos morros da metrópole. Em frente à nossa redação, próximo portanto, à capital do Samba, que é a Praça Onze, estará instalado um coreto onde ficarão os dirigentes das duas entidades orientadoras do samba que são a União Geral das Escolas de Samba do Brasil e Federação Brasileira das Escolas de Samba.

O Itinerário a Ser Observado

O desfile está compreendido no seguinte itinerário: Praça Mauá, ponto de concentração; Avenida Rio Branco, Avenida Presidente Vargas e Praça Onze, em frente a nossa redação. Essas agremiações integrarão também o cortejo de S.M. Rei Momo 1.º e Unico que chegará logo mais à noite para comandar a folia carioca.

As Escolas Que Desfilarão

Desfilarão logo mais em homenagem a ULTIMA HORA, as seguintes Escolas de Samba: Império Serrano, Portela, Império da Tijuca, Mangueira, Três Mosqueteiros, Unidos da Tijuca, Aprendizes de Lucas, Capricho da Praça Dois, Capricho do Centenário, Cartolinhas de Caxias, Filhos do Deserto, Flôr do Lins, Independentes do Rio, Independentes da Serra, Unidos de Kosmos, Recreio da Mocidade, Estrela de Ouro, Unidos do Itambi, Vai se Quiser, Império da Colina, Unidos da Capela, Independente de Turiaçu, Aventureiros da Matriz, Sem Você Vivo Bem, Unidos do Coqueiro, Capricho dos Pilares, Acadêmicos do Engenho da Rainha, Unidos de Morro Azul, Não é o que Dizem, Unidos de Vila Nova, Fique Firme, União da Mocidade, Unidos do Jacaré, Recreio de Inhaúma, Trovadores do Maracanã, Unidos do Barão e muitas outras.

TAMBÉM *o Unidos do Salgueiro se fará representar no desfile de logo mais à noite*

Indios do Acaú, Unidos de Vila Isabel, Unidos da Congonha, Unidos do Grajaú, União de Vaz Lobo, União da Tamarineira, Corações Unidos de Jacarepaguá,

AS PASTORAS *do Império Serrano, darão uma nota de beleza ao grande desfile em homenagem à ULTIMA HORA*

Fonte: Última Hora, 31 de dezembro de 1951, p. 38.

A confirmação da unidade entre as instituições se faz na organização oficial do carnaval das escolas de samba. Segundo Cabral (1996, p. 164), "naquele ano, a Prefeitura e o próprio major Joaquim Paredes – UGESB – já haviam obtido de todas as escolas a concordância para a realização de um só desfile". O Diário de Notícias de 24 de fevereiro de 1952 (p. 11), confirma essa informação ao noticiar que FBES, UGESB e CBES realizariam um único carnaval, porém com uma novidade, a divisão das apresentações em dois locais: o desfile principal na Avenida Presidente Vargas, chamado de Supercampeonato, e o da Praça Onze, identificado como Campeonato. O jornal cita ainda que as escolas do supercampeonato não poderiam desfilar com menos de 300 componentes e no campeonato, o mínimo exigido era de 100 pessoas fantasiadas.

Segundo A Noite de 23 de fevereiro de 1952 (p. 12):

> o desfile das escolas de samba, tomou cunho todo harmonioso este ano, que muito brilho veio dar ao mesmo. Os dirigentes das diversas entidades atenderam ao espírito conciliador do Sr. Alfredo Pessoa, diretor do Departamento de Turismo da Prefeitura, e resolveram dividir o desfile em duas partes – uma composta das escolas chamadas fortes e outra das pequenas.

A Manhã de 24 de fevereiro de 1952 (p. 8) comenta os fatos inéditos daquele ano: a criação do tablado para as escolas se apresentarem e a união das instituições representantes das escolas

> Antes de mais nada, avulta em primeiro plano, como magna atração, o fato de pela primeira vez concorrerem a um mesmo laurel as mais conceituadas e queridas agremiações, tais como, Império Serrano, Mangueira, Aprendizes de Lucas e Portela, indubitavelmente as quatro tradições dos desfiles de escolas de samba.
> Os espectadores do desfile desta noite, ao invés dos anos anteriores, não terão a sua visão deturpada, visto ter o Departamento de Turismo edificado na Avenida Presidente Vargas, um grande tablado, sobre o qual desfilarão as escolas de samba, podendo suas evoluções serem vistas por todos, até das calçadas paralelas ao mesmo.

O julgamento das escolas se daria a partir das análises de ritmo, enredo, bateria, fantasia, conjunto, letra principal do samba, carros alegóricos e harmonia (CORREIO DA MANHÃ, 24 de fevereiro de 1952, p. 12). Os quesitos analisados pela comissão julgadora destacam a música (ritmo, bateria e letra do samba), a produção visual (fantasias e carros alegóricos) e a evolução da escola na apresentação (enredo, conjunto e harmonia), apontando para as transformações das escolas em apenas vinte anos de existência.

Comentando como seria o desfile da Depois Eu Digo (em homenagem ao Samba, seus criadores primeiros, como Noel Rosa e Paulo da Portela, além de demarcar a vitória do samba

sobre a valsa, o tango e o xote), o jornal Imprensa Popular, de 22 de fevereiro de 1952 (p. 6) destaca alguns pontos:

> Comissão de frente: representando os sambistas antigos, empunhando todos o clássico violão das serenatas, segue-se a primeira parte, representada por um grupo numeroso de baianas, que homenagearão Noel Rosa, Paulo da Portela, Antenor Gargalhada e Luís Barbosa, o rei do chapéu de palha.
> Segunda parte: Mestres-salas com a sua porta-bandeira, ricamente fantasiados para assistirem o desfilar de "Recordar é viver";
> Terceira parte: A ala dos compositores rende também a sua homenagem aos grandes vultos do samba do passado cantando sambas do enredo.
> Quarta parte – 1: Carro alegórico – um grande violão decorativo, tendo ao fundo um rico painel, onde aparecem Noel Rosa, e dois anjos de guarda, nas suas extremidades. O carro é enriquecido pelas fantasias típicas, do carnaval antigo, tais sejam colombinas, palhaços, pierrôs e outras.
> Quarta parte – 2: Carro alegórico – um grande chapéu de palha ao centro, tendo aos lados, dois bailarinos representando o Zé Pereira, cujo centenário se comemora este ano e a rainha do samba. É um carro rico em recordações e movimentação e no qual os sambistas prestam as suas homenagens ao rei Chapéu de palha.
> Quarta parte – 3: Carro alegórico – outra alegoria de grande efeito e em que aparece a homenagem dos morros ao seu rouxinol, Paulo da Portela, que aparece no fundo, em majestoso painel com o seu clássico pandeiro.
> Quarta parte – 4: Carro alegórico – Antenor Gargalhada, a quem os sambistas imortalizaram como o rei da cuíca, do morro do Salgueiro. Ao fundo um grande rouxinol fecha com chave de ouro esta homenagem.
> Bateria: ricamente fantasiada e representando um numeroso e bem treinado conjunto em que aparecem pela primeira vez, entre nós, novos instrumentos de percussão, dando um ritmo novo nas baterias.
> Carro alegórico: fechando o enredo representando uma apoteose ao Brasil.

A apresentação da Depois Eu Digo contaria, portanto, com a presença de cinco carros alegóricos, algo inimaginável apenas alguns anos antes. A utilização deste artifício para passar a mensagem do samba-enredo tornou a arte das escolas mais didática e visual, tendo norteamento claro de seus objetivos no desfile e tornando de fácil compreensão a leitura dos textos apresentado para o espectador e julgadores.

O enredo "Sonhos de um poeta – Visões de Gonçalves Dias", da Estação Primeira, assim homenageou o poeta:

> Louvores/ E honra ao mérito / À memória de um poeta / De sublime inspiração / Seus poemas são tão lindos / Que faz vibrar os corações / Vamos elevar / Aos píncaros da glória / O nome de Gonçalves Dias / Autor de inúmeros poemas / Que glorificam / As nossas poesias / Nosso céu / Tem mais estrelas / De beleza deslumbrante / Nossas flores têm mais vida / São mais belas e mais vibrantes / Nossas flores são mais lindas / Pela própria natureza / Vivazes e multicores / Que elevam nossas almas / Nossas vidas / Mais amores / Lá lá laiá laiá[73]

Com o enredo "Brasil de ontem" a Portela apresentava seu samba:

[73] Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/estacao-primeira-de-mangueira/1952/2/> Acesso em: 13 de novembro de 2017.

> Brasil já não és mais aquele / Brasil que o tempo levou (o tempo levou... levou) / Brasil antigo de escravo e senhor (de escravo e senhor... senhor) / Antigamente o sofrimento era demais (era demais... demais) / Tronco e pelourinhos não existem mais/ Antigamente, na cidade / A carruagem era o luxo da mocidade / As grandes damas, todas faceiras / Os escravos carregavam na liteira[74]

O Império Serrano, em homenagem aos heróis da saúde no Brasil cantava em seu samba:

> O ilustre professor/ Doutor Osvaldo Cruz/ Grande pesquisador
> Carlos Chagas, Miguel Couto/ Vulto de glórias mil/ Na medicina do Brasil
> Laureano, Caiado de Castro, Miguel Couto e outros mais
> Ana Neri, corajosa enfermeira/ A heroína brasileira[75]

As três escolas acima, que segundo Cabral (1996, p. 165) estariam em conflito para ver qual seria a melhor, representam com seus enredos a variedade de temas e a não obrigatoriedade de enredos políticos, patrióticos ou nacionalistas. Essa liberdade é verificada em outras escolas e suas escolhas de temas: União de Vaz Lobo (Ouvir Estrelas), Independentes do Rio (Santos Dumont), Capricho do Centenário (Aquarela do Brasil), Unidos de Vila Nova (Coleta de Algodão), Unidos da Tijuca (Feira de Nazaré), Aprendizes de Lucas (Cultura do Café)[76] (A MANHÃ, 24 de fevereiro de 1952, p. 8).

Muitas foram as descrições sobre as apresentações das escolas de samba destacando o luxo das fantasias, as alas, carros alegóricos e músicas. Sobre a Portela assim narrava o A Manhã (28 de fevereiro de 1952, p. 11):

> Como abertura de sua apresentação trazia um grande abre-alas com o título do enredo "Brasil de Ontem". Precedendo o abre-alas, apareceu então a primeira comissão, trajando costumes beije claro. Inúmeras outras comissões começaram então a surgir, dando uma soberba demonstração do que é o samba brasileiro, visto que as mesmas sambavam com muito ritmo. Viu-se então, a seguir, a sua primeira alegoria muito bem confeccionada, com a seguinte inscrição: "Eis a entrada para o local que se confundiam trabalho e castigo e muitos costumes do Brasil de ontem" – para melhor orientar nossos leitores, devemos dizer que essa alegoria, apresentava um grande portão de ferro e era seguida de uma tabuleta que trazia o dizer seguinte: "Como vivia o negro lutando de sol a sol parecendo máquinas". Após essa tabuleta, vinha então, a segunda alegoria, que apresentava quatro negros escravos, em árduo trabalho. Sua bateria, com grande número de componentes, mostrou como se faz samba e melodia que o grande número de pessoas que vinham dentro da corda entoava.

---

[74] Disponível em:<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/portela/1952/1/> Acesso em: 13 de novembro de 2017.

[75] Disponível em:http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/imperio-serrano/1952/4/ > Acesso em: 13 de novembro de 2017.

[76] Algumas escolas valeram-se de personagens históricos ou momentos da história: Índios de Acaú (Bandeirantes); Unidos de Cosmos (Viva a Marinha); Unidos do Cabuçu (Encouraçado São Pedro); Flor do Lins (Grito do Ipiranga); Recreio da Mocidade (Visconde de Mauá). (A MANHÃ, 24 de fevereiro de 1952, p. 8).

No mesmo jornal, a Estação Primeira ganhou destaque por suas fantasias, bateria e o cantor Jamelão:

> Abrindo seu desfile, vinha uma grande comissão que, trajando veludo verde e rosa, molhado, dava a impressão que era vermelho e preto. Suas alegorias, muito bonitas, e bem condizentes, com o título do enredo. A bateria, com muito ritmo e o samba, bem entoado, tendo o conhecido cantor de nossa rádio, "Jamelão", se encarregando de cantar a segunda parte que, ecoada pelo microfone, arrancava aplausos demorados dos presentes.

Ainda no mesmo jornal, a narrativa sobre o Império Serrano exaltou suas alegorias, alas e a novidade na forma de sambar, bem como sua bravura por desfilar debaixo de chuva:

> Fogos começaram a estourar no ar. Gritos e palmas confundiam-se em meio ao aguaceiro que caía. A cadência da bateria da tetracampeã dos carnavais carioca nos dava a sensação contagiante. Na frente, as várias alas, com novo modo de sambar que arranjaram, iam jogando os braços para um lado e o corpo para o outro, deixando entusiasmados todos quantos ali se encontravam. Vieram as alegorias, todas muito bem confeccionadas, concordando perfeitamente com o tema escolhido para enredo. Na primeira alegoria aparecia um médico salvando uma doente da morte, numa mesa de operação. Logo a seguir, outra alegoria, onde sentada com seu rosto lívido, estava Ana Néri. O samba que o corpo de baianas e os numerosos "enfermeiros" cantavam, era por demais bonito.

As fantasias luxuosas foram destaque no Correio da Manhã de 28 de fevereiro de 1952 (p. 8) ao informar que "várias escolas apresentaram suas pastoras fantasiadas com fantasias caríssimas. Não poucas mulatas vestiam baianas que custaram até dois mil cruzeiros, o que constitui sem dúvida, uma soma apreciável".

Registrando algumas escolas de samba, o jornal A Noite, de 27 de fevereiro de 1952 (p. 8) fotografou, nesta ordem, as escolas Estação Primeira, onde é possível identificar um casal de mestre-sala e porta-bandeira, seguido por uma mulher fantasiada, acompanhada por uma espécie de andor carregado por homens de terno (Figura 120). Portela, com seu casal de mestre-sala e porta-bandeira (Figura 121), Unidos do Salgueiro e sua ala fantasiada tendo uma alegoria em segundo plano (Figura 122) e União de Vaz Lobo com seu casal de mestre-sala e porta-bandeira (Figura 123).

Figura 120 - Casal de mestre sala e porta bandeira da Estação Primeira acompanhados de homens que carregam uma espécie de cobertura para uma figura de destaque

Fonte: A Noite, de 27 de fevereiro de 1952, p. 8.

Figura 121 - Registro da apresentação do casal mestre sala e porta bandeira da Portela

Fonte: A Noite, de 27 de fevereiro de 1952, p. 8.

Figura 122 - Unidos do Salgueiro e sua ala fantasiada com uma alegoria ao fundo

Fonte: A Noite, de 27 de fevereiro de 1952, p. 8.

Figura 123 - União de Vaz Lobo contando com seu casal de mestre sala e porta bandeira na execução de sua apresentação

Fonte: A Noite, de 27 de fevereiro de 1952, p. 8.

A Noite, de 29 de fevereiro de 1952 (p. 11) registrou uma figura de destaque (possivelmente a primeiro destaque de luxo a desfilar numa escola de samba) no carnaval da Unidos da Capela com uma saia rodada sobre crinolina e um esplendor onde se lia a palavra Brasil. A mesma, apesar de acompanhada por um homem fantasiado, não apresenta o pavilhão da escola, característico dos casais de mestre-sala e porta-bandeira (Figura 124).

Figura 124 - Figura de destaque da Unidos da Capela com seu esplendor onde se pode ler a palavra BRASIL

Fonte: A Noite, de 29 de fevereiro de 1952, p. 11.

O mesmo jornal também flagrou um momento da Vai Se Quiser com seu mestre-sala e porta-bandeira a frente de um carro alegórico e de personagens usando terno (Figura 125).

Figura 125 - Porta bandeira carregando o pavilhão acompanhada do mestre sala e ao fundo, homens trajando zoot na Vai Se Quiser

Fonte: A Noite, de 29 de fevereiro de 1952, p. 11.

Alguns registros da revista O Cruzeiro, de 15 de março de 1952 (p. 12-16), mostram momentos das escolas de samba, notadamente suas fantasias e evoluções. A figura 126 revela uma ala masculina trajando terno, sapatos, chapéus, gravatas e bengalas. A figura 127 apresenta pastoras bem ornamentadas com vestido, chapéus, luvas, colares e alegoria de mão. Na figura 128 uma baiana tendo como destaque sua roupa, guias, e adereço de cabeça. A figura 129, mostra baianas e integrantes da bateira durante suas apresentações, destacando-se além das danças e cantos, suas fantasias bem confeccionadas.

Figura 126: Ala masculina trajando zoot com chapéus e bengalas

Fonte: O Cruzeiro, 15 de março de 1952, p. 12-16.

Figura 127 - Pastoras com vestidos, chapéus, luvas e alegorias de mão

Fonte: O Cruzeiro, de 15 de março de 1952, p. 12-16.

Figura 128 - Baiana com seus balangandãs, saia e tabuleiro na cabeça

Fonte: O Cruzeiro, de 15 de março de 1952, p. 12-16.

Figura 129 - Integrantes da bateria em execução de sambas e baianas com suas fantasias trabalhadas são registrados pelo O Cruzeiro

Fonte: O Cruzeiro, de 15 de março de 1952, p. 12-16.

O resultado do carnaval das escolas de samba com apenas um desfile oficial agregando FBES, UGESB e CBES foi nulo, pois, a comissão julgadora retirou-se do local quando forte chuva caiu na cidade. Justificaram-se alegando não haver local apropriado para ficarem. As discussões entre as escolas aumentaram, especialmente entre Portela, Estação Primeira e Unidos do Salgueiro de um lado e Império Serrano, Unidos da Tijuca e Unidos da Capela de outro. Os primeiros desejavam receber julgamento por terem desfilados, os outros, por se apresentarem, mesmo sem a comissão julgadora, clamavam pela anulação daquele carnaval. O resultado final foi a anulação contando com o aceite de todos. O carnaval das escolas de samba da Praça Onze, este sim, teve resultado e premiou as seguintes escolas nesta ordem: Unidos do Indaiá, Cada Ano Sai Melhor, Unidos de Cabuçu, Unidos da Piedade, Flor do Lins, Unidos de Marangá, Caprichosos de Pilares, Independentes do Rio, Corações Unidos da Favela e Império de Campo Grande (A MANHÃ, 29 de fevereiro de 1952, p. 11)

Pouco tempo depois dos desfiles, segundo Cabral (1996, p. 166), "apesar da grande rivalidade entre as escolas, houve clima, para uma providência inimaginável nos carnavais anteriores: a fusão da FBES com a UGESB, resultando daí a criação da Associação das Escolas de Samba do Brasil (AESB)".[77]

A novidade maior e inesperada acontecera, a fusão de duas instituições antagônicas de escolas de samba que digladiavam desde o ano de 1948. Em 14 de junho de 1952 (p. 11), A Manhã divulgava a reunião da nova instituição, a AESB, em sua sede à rua Joaquim Palhares, 308. Fundada a instituição, faltava realizar a escolha de sua primeira diretoria, acontecimento

[77] Segundo Cabral, José Calazans, antigo vice-presidente da UGES, recusou-se a inserir a CBES – antiga UCES – neste processo, o que levou a instituição ao colapso pouco depois.

narrado pelo jornal da seguinte forma: “Quarta-feira próxima, realizar-se-á eleições para indicação dos nomes que dirigirão os destinos da AESB. Apenas os representantes devidamente credenciados, cujas escolas estão quites com suas mensalidades votarão”.

Servan Heitor de Carvalho, ex-presidente da UGES, substituído pelo major Joaquim Paredes, em 1949, foi um dos maiores incentivadores da união entre as instituições, contando com o apoio de Alfredo Pessoa, diretor do Departamento de Turismo da Prefeitura e incentivador das escolas desde o tempo de Pedro Ernesto e de Mourão Filho, vereador pelo PTB. Eleito como presidente da nova instituição, Mourão Filho ficaria no cargo até 1956, sendo substituído por Servan Heitor de Carvalho que a presidiria até 1961 quando viria a falecer. Desta forma, Servan Heitor de Carvalho, além de vários anos como vice-presidente ou secretário da UES/UGES, também fora presidente por oito vezes: 1936 (UES), 1946-1947 (UGES), 1957-1961 (AESB). Em todos os seus anos à frente de uma instituição legitimadora das escolas de samba, Servan Heitor de Carvalho experimentou períodos democráticos no cenário político brasileiro.

No dia 22 de junho de 1952 (p. 12), o Jornal do Brasil noticiou a posse da primeira diretoria da AESB, dando destaque à Servan Heitor de Carvalho, Alfredo Pessoa e Mourão Filho (Figura 130). Apesar de longo, o registro é interessante pois permite observar esse momento de “união” entre as instituições, num evidente processo de fortalecimento das escolas de samba no carnaval, com projeto de alçar as mesmas a patamares não atingidos ainda:

> “Esteve brilhante a festa de posse de sua primeira diretoria”
> Foram bem expressivas e alcançaram brilhante êxito as comemorações que a novel “Associação das Escolas de Samba do Brasil” fez efetuar na noite de junho último, na sede da “Banda Portugal”, à Praça Onze de Junho, a fim de empossar a sua primeira diretoria.
> A mesa que presidiu os trabalhos, sob a orientação do Dr. Alfredo Pessoa, diretor do Departamento de Turismo da Prefeitura, era composta de representantes do Chefe de Polícia, do Comandante do Corpo de Bombeiros, de outras altas autoridades, jornalistas, etc.
> Iniciando as cerimônias que, digamos de passagem, contaram com a presença de numerosas delegações de sociedades de samba, ranchos e frevos, falou o Sr. Servan de Carvalho, explicando as razões e a significação daquele acontecimento. Em seguida, o Dr. Alfredo Pessoa pronunciou vibrante oração, não só ressaltando o mérito da iniciativa que veio pacificar os sambistas da cidade, como ainda prometendo todo o seu apoio a nova Instituição. Disse também o honrado e dinâmico diretor do Departamento de Turismo que o Prefeito estava disposto a entregar ao vencedor dos futuros desfiles das escolas de samba uma sede para as suas atividades desde que neles fosse instalado um curso de alfabetização. E terminou o seu eloquente discurso aplaudido pela multidão que se comprimia nos salões da “Banda Portugal”. Precedida a posse da diretoria, coube ao Sr. Mourão Filho historiar os motivos da sua investidura na suprema direção da Entidade, discorrendo longamente sobre as finalidades das escolas de samba, afirmando categoricamente que a pacificação dos sambistas era obra exclusiva do Dr. Alfredo

Pessoa, que desde os tempos da administração do saudoso Prefeito Pedro Ernesto, jamais se descuidara dos interesses dessas pequenas e desprotegidas sociedades. E após oportunas e justas considerações em torno da figura marcante do ilustre brasileiro que dirige com invulgar capacidade e eficiência o Departamento de Turismo, sempre vibrantemente ovacionado, pela enorme assistência, o Sr. Mourão Filho agradeceu a colaboração da imprensa, fazendo rápida reticencias ao trabalho dos cronistas carnavalescos, entre os quais citou, AZUL, chefe desta redação, solicitando o apoio de todos para os empreendimentos da nova Instituição.
Vários outros oradores ainda se fizeram ouvir, sendo oferecidas à Exma. Sra. Mourão Filho linda cesta de floras naturais.
E assim, entre entusiásticas manifestações de alegria e confraternização, foi cumprido o magnífico programa elaborado para comemorar a posse da Primeira diretoria da "Associação das Escolas de Samba do Brasil", resultantes da fusão da União Geral das Escolas de Samba, com a Federação Brasileira das Escolas de Samba.

Figura 130 - Mourão Filho, presidente da AESB

Fonte: A Manhã, 19 de julho de 1952, p. 11.

A construção da tradição das escolas de samba, agora com a AESB, se consolidaria mediante os diálogos entre a instituição e os promotores do carnaval (Prefeitura, ACC, jornais, empresas privadas). Uma tradição inventada e reinventada constantemente, negociada entre a AESB e escolas filiadas. Uma tradição que não se limitaria a uma simples oposição ao outro, como se poderia inferir na década de 1930 quando as escolas se definiram esteticamente através da negação das formas carnavalescas dos ranchos, cordões e blocos. Uma tradição que expressaria a viva produção cultural e estética das escolas, ligadas a redes de negociações com diversos atores capazes de assim propor constantemente, ano a ano, novas formas de apresentações. A cultura das escolas de samba galgaria o seu estabelecimento a partir da consolidação da AESB pois, produzindo textos e práticas próprios

(como casal de mestre-sala e porta-bandeira, ala das baianas, bateria com instrumentos de percussão, carros alegóricos, fantasias luxuosas, destaques, sambas-enredo, conjunto, harmonia...), demarcariam no imaginário coletivo aquilo que viria a ser o carnaval carioca.

2.6 **Agora vai: AESB e a união das escolas de samba do Rio de Janeiro: 1953**

A confirmação da Associação das Escolas de Samba (AESB) como representante das escolas de maior destaque e interesse no carnaval carioca desencadeou o processo de estabilização das escolas de samba, em relação aos conflitos políticos, ideológicos e estéticos das décadas anteriores. Se, até 1952, as escolas se dividiam e se associavam a diferentes instituições, seguiam estatutos diferentes, posicionavam-se com atitudes de disputa por seus interesses (o que poderia manchar suas imagens), para 1953, a paz e a estabilidade se faziam sentir. A certeza da unidade reverberava na descrença da continuidade da Confederação Brasileira das Escolas de Samba (CBES) que já não possuía mais poder para manter-se como instituição representante das escolas. Este veloz fortalecimento da AESB se fez sentir na matéria do Última Hora de 8 de janeiro de 1953 (p.11), ao informar que as dez primeiras colocações do Supercampeonato das escolas de samba a ser realizado na Avenida Presidente Vargas, sobre o tablado, seriam preenchidas pelas escolas associadas a ela, enquanto à CBES e suas poucas filiadas não estariam em condições de disputar o prêmio.

O jornal A Manhã, antigo aliado da FBES e opositor da UGES/UGESB, passava agora a noticiar temas das filiadas da AESB sempre destacando a instituição, como se verifica na divulgação feita pelo jornal de 15 de janeiro de 1953 (p. 11) das atividades pré-carnavalescas de várias escolas filiadas à instituição. Quase um mês depois dessa publicação, o jornal A Noite de 14 de fevereiro de 1953 (p. 14), noticiava a disputa entre as escolas de samba no supercampeonato e no campeonato para o carnaval daquele ano. Portela, Estação Primeira e Império Serrano são destacadas como as prováveis campeãs do concurso por seus sambas-enredos e fantasias luxuosas.

Para aquele carnaval de 1953, a AESB, junto com o Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura e a CBES, definira a ordem dos desfiles de acordo com as localidades geográficas das escolas. Ficou estabelecido da seguinte forma a entrada das escolas no tablado: (1) região do Centro: Cada Ano Sai Melhor, União do Catete, Floresta do Andaraí e Independentes do Leblon. (2) Subúrbios: Flor do Lins, Corações Unidos de Jacarepaguá,

Império Serrano, Aventureiros da Matriz, Azul e Branco, Portela, Unidos do Salgueiro, Vai Se Quiser, Unidos da Tamarineira, Unidos do Cabuçu, Unidos da Capela, Império da Tijuca, Unidos da Tijuca, Paz e Amor, Unidos de Indaiá, Estação Primeira, Depois Eu Digo, Índios de Acaú, Aprendizes de Lucas. (3) Zona Rural[78]: Três Mosqueteiros e Combinado do Amor (Diário de Notícias, 15 de fevereiro de 1953, p. 12). De todas as escolas participantes daquele concurso, somente três estavam ainda filiadas à CBES: Paz e Amor, Azul e Branco do Salgueiro e Depois Eu Digo. As demais estavam associadas à AESB.

O agigantamento das escolas é percebido no noticiário de A Manhã de 14 de fevereiro de 1953 (p. 13) ao tratar das apresentações utilizando adjetivos que engrandecem cada uma em suas particularidades. As mesmas já não eram apenas grupos de roda de samba dos morros e subúrbios. Tinham se transformado em verdadeiros espetáculos da cultura popular, tornando-se protagonistas do carnaval carioca, como identifica o periódico:

> Nós que acompanhamos as escolas de samba durante todo um ano, vivendo com elas os seus momentos de aperturas e glórias, sentimo-nos obrigados, na véspera da grande festa dos sambistas, o desfile oficial, a fazer para nossos leitores uma apresentação das agremiações que estarão deleitando o povo carioca.
> Império Serrano: Ostentando o título de tetracampeã carioca, invicta, das escolas de samba, descerá da serrinha, com um carnaval simplesmente notável, pelo que conseguimos apurar. O seu enredo, "Último Baile da Corte Imperial", foi dos mais bem explorados e arrancará aplausos do povo.
> Estação Primeira: "Unidade do Brasil", eis o tema, feliz escolha dos sambistas mangueirenses, com que se apresentarão no desfile. A Mangueira vem mais forte do que nunca para levar de roldão suas concorrentes. Será uma das atrações da sensacional parada.
> Portela: Madureira e sua pujante representante, pelo que soubemos, vem um "peso pesado". Esconderam os portelenses, até para nós, o seu enredo, o que criticamos, pois, a divulgação hoje em nada influi. Embora a nossa crítica e o segredo, sabemos e temos certeza de que a Portela se constituirá numa das mais temíveis candidatas.
> Unidos da Tijuca: Ismael, Doca, Mimosa, elaboraram um carnaval empolgante. "A Primeira Cultura de Café no Brasil" é o enredo, que mereceu de Nilo da Conceição, um grande samba que as pastoras do morro da Formiga interpretarão de maneira impecável. As alegorias confeccionadas com grande carinho despertarão atenção especial.
> Azul e Branco do Salgueiro: Manoel Macaco e sua rapaziada descem, este ano, com a resolução de regressar de posse do supercampeonato. Os sambistas e pastoras do Salgueiro estão com o diabo no corpo e muita vontade de vencer.

A diversidade na criação dos sambas-enredos das escolas neste ano comprova a liberdade criativa presente na AESB e no Departamento de Turismo da Prefeitura do Rio de Janeiro tendo como temas artistas nacionais (Unidos da Tamarineira – Os três maiores artistas do Brasil colonial), literatos (Depois Eu Digo – Os três vultos mortais da poesia brasileira), heróis de guerra/exaltação militar (União de Vaz Lobo – Campanha da FEB na Itália; Unidos do Salgueiro – Apoteose aos heróis da Batalha dos Guararapes; Unidos do Cabuçu –

[78] Região da atual Zona Oeste.

Bandeiras, armas e fardas do Brasil Antigo; Azul e Branco – Exaltação ao Exército brasileiro), homenagem a cidades (Aprendizes de Lucas – Exaltação a Recife; Aventureiros da Matriz – Fundação da cidade do Rio de Janeiro; Paz e Amor – Rio de Janeiro, joia universal), fatos históricos (Floresta do Andaraí – Descobrimento do Brasil; Índios do Acaú – Os grandes vultos da nossa história; Vai Se Quiser – Páginas gloriosas; Portela – Seis datas magnas) e temas diversos (Estação Primeira – Unidade do Brasil; Filhos do Deserto – Incentivo à cultura do trigo; Unidos da Tijuca – A primeira cultura de café no Brasil; Três Mosqueteiros – Aquarela do Brasil) (A MANHÃ, 14 de fevereiro de 1953, p. 13).

O Diário da Noite, de 18 de fevereiro de 1953 (p. 8) publicou uma grande matéria sobre diversos acontecimentos do carnaval das escolas na Avenida Presidente Vargas (o supercampeonato), tratando, por exemplo, do atraso do início das apresentações, da chuva, da falta de eletricidade no palanque, de escolas que não compareceram e foram rebaixadas automaticamente para o carnaval da Praça Onze e destacou também que algumas escolas desfilaram com um contingente humano nunca visto, tais como a Portela com mil e trezentos integrantes, a Estação Primeira com mil, o Império Serrano com novecentas pessoas, a Unidos do Salgueiro com seiscentos e a Três Mosqueteiros com quinhentos componentes, numa clara alusão ao agigantamento (numérico e visual) das escolas se comparadas com seus carnavais anteriores.

A Manhã, de 19 de fevereiro de 1953 (p. 2) publicou uma análise individual sobre as apresentações das escolas concorrentes ao supercampeonato, destacando algumas e menosprezando outras, num processo de formação de opinião pública. O jornal também destaca as alegorias, que, segundo Cabral (1996, p. 168), passaram a ser objeto de pontuação nas apresentações, bem como os demais quesitos: fantasias, conjunto, samba e número de componentes:

> Floresta do Andaraí: Fez exibição com um enredo bem explorado e tendo um dos melhores casais de mestre-sala e porta-bandeira. A bateria e os carros alegóricos não agradaram.
> Império Serrano: Sua apresentação foi um espetáculo quase que inenarrável. Suas numerosas alas, fazendo evoluções ao som de uma bateria bem comandada por Alcides. Sua primeira alegoria, foi um castelo da Ilha Fiscal; segunda alegoria, um casal dançando a valsa.
> Filhos do Deserto: Seu enredo foi dos mais sugestivos, porém, mal explorado e confeccionado de maneira lamentável, foram os carros alegóricos. A bateria estava regular e o samba, muito fraco.
> Unidos da Tamarineira: Suas alegorias versavam sobre Mestre Valentin e Padre José Maurício Nunes. Uma boa bateria e um samba fraco. O conjunto também era pequeno.
> Portela: Enquanto sua bateria estava muito boa, o samba não passou da categoria de regular. Suas inúmeras alas, fantasiadas ricamente, impressionaram muito, sobretudo com a evolução. Grandes quadros pintados a óleo, descreviam o enredo. A nota

> importante de sua apresentação, foi a de haver trazido uma mulher, como componente de sua bateria.
> Estação Primeira: Sua apresentação conquanto não fosse das melhores, também confirmou sua fama. As alegorias bem sugestivas, enquadravam-se perfeitamente dentro do tema. Com Jamelão no microfone, cantavam um bonito samba, marcado por uma bateria infernal.

Muitos flagrantes das apresentações das escolas de samba foram realizados e publicados pela revista O Cruzeiro de 7 de março de 1953 (p. 8), e neles é possível perceber integrantes de bateria fantasiados, alas masculinas e femininas, homens de terno, chapéus e cartolas (Figura 131)

Figura 131 - Componentes de uma escola de samba com instrumentos musicais, fantasias luxuosas e relacionadas a enredos em momentos de execução

SAMBA NA ALMA E O DIABO NO CORPO

CARNAVAL ATÉ DEBAIXO DÁGUA

ESPETACULAR DESFILE DAS ESCOLAS DE

SAMBA

Fonte: O Cruzeiro de 7 de março de 1953, p. 8.

Na página seguinte (9), da mesma revista veem-se baianas da Portela em apresentação, com suas tradicionais fantasias, colares e alegorias de cabeça (Figura 132)

Figura 132: Baianas em performances com suas saias decoradas, colares e alegorias de cabeça

Fonte: O Cruzeiro de 7 de março de 1953, p. 8.

A Figura 133 apresenta a encenação Batalha do Riachuelo, como informa O Cruzeiro, com alas fantasiadas e encenando o samba-enredo cantado pela Portela

Figura 133 - Momentos do desfile da Portela com o enredo em homenagem a Batalha do Riachuelo

Fonte: O Cruzeiro, 7 de março de 1953, p. 8.

Uma ala de pastoras, com fantasias mais simples, se comparada com as das baianas que as acompanhavam, foi registrada por O Cruzeiro de 7 de março de 1953 (p. 10) (Figura 134)

Figura 134 - Pastoras e baianas com fantasiadas que se destacavam por seu acabamento e adereços

Fonte: O Cruzeiro de 7 de março de 1953, p. 10.

Na Figura 135, vê-se a ala de baianas da escola de samba Império Serrano com fantasias não menos luxuosas que as da Portela, porém, com um aspecto diferente, com tons mais escuros nos tecidos e com uma aparente mobilidade, além dos balangandãs.

Figura 135 - Baianas do Império Serrano em seus momentos de dança

Fonte: O Cruzeiro de 7 de março de 1953, p. 12.

A Figura 136, apresenta baianas retratando em suas fantasias brasões imperiais como a Cruz da Ordem de Cristo e a bandeira do Império Brasileiro

Figura 136 - Ala de baianas de escola de samba não identificada com brasões da ordem da Cruz de Cristo e do Império brasileiro

Fonte: O Cruzeiro de 7 de março de 1953, p. 12.

Este desfile confirma nossa hipótese de transformação estética das escolas de samba a partir das relações de negociações das mesmas com suas instituições legitimadoras e com os promotores do carnaval carioca. A unidade e o reconhecimento adquiridos após a criação da AESB são sentidos nos jornais do período que não tratam mais de problemas entre as escolas ou instituições. A união do mundo do samba facilitou o acesso a verbas, abrandou as

exigências temáticas dos enredos e permitiu uma liberdade criativa ainda não vista nos carnavais das escolas.

As escolas como produtos de apropriações e ressignificações de ranchos, blocos e grandes sociedades é tema recorrente na historiografia carnavalesca, porém, até o presente momento, não havíamos encontrado informações sobre o poder das instituições legitimadoras das escolas no carnaval, suas articulações políticas e culturais, seus padrões estéticos e suas consequências perceptíveis nas apresentações das escolas. A novidade fica por conta do agigantamento das escolas mediante a AESB e sua capacidade de agregar os múltiplos interesses e identidades na construção do carnaval dessas agremiações.

Ao longo da década de 1950, novos personagens entrariam em cena, novos artistas, cantores, compositores, novas estéticas, porém, este processo futuro, só pode existir, graças as bases de vinte e um anos de apresentações das escolas de samba e suas instituições: UES, UGES, FBES, UGESB, UCES, CBES e AESB, “Agora Vai”.

CONCLUSÃO

O trabalho proposto nesta tese – o entendimento do papel das instituições carnavalescas representantes das escolas de samba ao longo das décadas de 1930, 1940 e início de 1950 e suas relações político-culturais com as escolas de samba – buscou comprovar as transformações estéticas das escolas a partir das redes de diálogos, interesses e tensões entre os diversos personagens da festa carnavalesca do Rio de Janeiro (FERREIRA, 2005) bem como perceber a relação única de existência entre as escolas e as instituições já que sem as instituições as escolas não teriam poder político individualmente para negociar suas práticas e se colocar-se como representantes da cultura popular. Este argumento se justifica ainda pelos constantes conflitos de interesses, tensões e negociações entre as escolas dentro das Instituições. Sem as instituições, acreditamos na pouca possibilidade de transformação dos grupos de samba do morro em figuras símbolos do carnaval popular

Nascidas a partir de muitos interesses, as instituições representativas das escolas de samba cariocas tornaram-se, ao longo destes dezoito anos de análises (1935-1953), instrumentos de organização, coesão artística, brigas, ideologias e poder, tanto para as escolas quanto para os promotores do carnaval (jornais, cronistas carnavalescos, prefeitura). Elas surgiram com a finalidade de legitimar o carnaval das escolas de samba, representá-las frente ao poder público e privado e garantir-lhes os benefícios a que individualmente não teriam acesso, como concursos fora do período carnavalesco, viagens, parcerias privadas, festas populares e cobertura jornalística entre outros.

O poder das instituições se traduzia na capacidade de participar dos processos construtores da rede carnavalesca da cidade colocando as escolas como representantes do "verdadeiro" carnaval popular, do carnaval exportado, do carnaval de múltiplos símbolos e da festa de maneira geral, onde as escolas de samba deixavam de ser grupos musicais dos morros e áreas periféricas para tornarem-se protagonistas do evento.

Destacamos em nosso trabalho o crescimento numérico das escolas (em quantidade e número de componentes), seu agigantamento (carros alegóricos, alas com fantasias luxuosas) e suas modificações visuais (componentes de destaque, prestígio do casal de mestre-sala e porta-bandeira, ala das baianas, e iluminação própria) e sonoras (valorização dos instrumentos, criação dos sambas-enredo), assim como a proliferação de instituições que buscavam legitimá-las. Sem essas instituições (UES, UGES, FBES, UGESB, UCES, CBES e AESB) o carnaval das escolas não teria alcançado a importância marcada, em 1953, pelas

performances exaltadas não só pelos jornais, mas pela população que comparecia cada vez em maior número a suas apresentações.

Os muitos movimentos políticos das instituições (parceria com a esquerda popular de Pedro Ernesto, a aceitação do Estado Novo, a aproximação com o PCB, o afastamento do PCB e a reorientação à direita no governo Dutra) ajudam a entender, na prática das escolas, as transformações estéticas (visuais e musicais) durante o período analisado.

As instituições sabiam o que desejavam para as escolas e as escolas sabiam o que esperar das instituições, evidentemente, num processo que se construía a todo momento, com muitas variáveis, imprevistos e brigas, porém, com o objetivo de fazer os grupos ascender no cenário carnavalesco carioca.

O surgimento oficial das disputas entre escolas de samba, em 1932, deu-se peça ação do jornal Mundo Esportivo, que compreendeu a importância, então incipiente, da nova forma de se brincar o carnaval, como expressões populares únicas, simples, valorizando-se a música oriunda dos morros da cidade. Assim, as escolas preenchem os espaços que cortejos, blocos, ranchos e cordões não alcançavam. Elas surgem no terreno da música popular e da arte como resultado de um interesse pela cultura negra (negrofilia), tendência surgida na França na qual a cultura de raiz africana era valorizada, que se espalhou pelo mundo ocidental chegando aos modernos artistas e intelectuais brasileiros. Apresentando-se, basicamente, como conjuntos de cantos e danças, sem fantasias luxuosas, as escolas eram vistas como expressões da origem africana da "verdadeira" cultura popular.

O crescente interesse pelo carnaval das escolas de samba fez do ano de 1933 um trampolim para sua aceitação na festa carioca com a confirmação de dois concursos, um organizado pelo Centro de Cronistas Carnavalescos (CCC) e outro pelo jornal O Globo. O CCC estabelecia em seu regulamento o uso obrigatório de fantasias pelos componentes das escolas e a execução de duas músicas, sem necessidade de enredo. Na apresentação oficial o regulamento do jornal O Globo estipulava a obrigatoriedade de se cantar três sambas e possuir ala de baianas, proibindo instrumentos de sopro e julgando os quesitos harmonia, poesia do samba, enredo, originalidade e conjunto.

A construção do carnaval das escolas, neste sentido inicial, como novidades do carnaval popular, deveria produzir sambas, sem necessidade de performances visuais elaboradas, ainda que pudessem utilizar fantasias. Segundo Turano, 2011 (p.137), "a visualidade 'original' das escolas de samba em 1933 não é o fator determinante de sua diferenciação dos demais grupos carnavalescos da cidade".

A apresentação das escolas de samba em 1934 novamente fora organizada pelo O Globo e antecipada para o dia 20 de janeiro com homenagens ao prefeito Pedro Ernesto. A Estação Primeira ganharia o primeiro lugar.

O maior destaque em 1934 deu-se com a criação da primeira instituição representante das escolas de samba. A União das Escolas de Samba (UES), registrada oficialmente em 6 de setembro de 1934, já nascia legitimada pelas escolas, tendo como finalidade negociar as práticas das agremiações e buscar junto aos organizadores do carnaval os benefícios possíveis para os carnavais posteriores. Segundo Flávio Costa, seu primeiro presidente, a UES serviria para afirmar as escolas como entidades carnavalescas distintas das outras manifestações da cidade.

A partir de sua criação, a UES passa a receber subvenção da Prefeitura para repassar às escolas, negociar com os responsáveis do carnaval e elaborar as *performances* das escolas que também participam deste processo de formatação de seus carnavais.

A UES, poucos meses após sua fundação, passou por uma crise por conta de subvenção não paga às escolas que se apresentaram em um desfile antes do carnaval. Tal situação desgastou a imagem de seu presidente que, em setembro de 1935, acabou sendo substituído por João Canali. Sobre o carnaval daquele ano (1935), muitas foram as novidades, entre elas, a subvenção para realização do festejo e a organização de um regulamento pela UES, junto com o jornal A Nação, no qual se destacava a necessidade de apresentação de dois sambas dentro dos quinze minutos de desfile, a proibição de instrumentos de sopro e a retirada do quesito versadores (a pedido da escola de samba Vizinha Faladeira), sendo as escolas julgadas nos quesitos originalidade, harmonia, bateria e bandeira.

O registro sobre as apresentações destacava novidades visuais como homens de terno e gravata, presença de abre-alas e pastoras fantasiadas. As escolas, por meio da UES, se construíam com maior flexibilidade, permitindo a criação de elementos visuais para enriquecimento das apresentações, como no caso da Vizinha Faladeira, que teve seus diretores de harmonia cantando os sambas com megafones, gambiarras para iluminá-la, carro pede-passagem e fogos de artifício.

Os muitos interesses dentro da UES fizeram seu presidente deixar o cargo e quem assumiu foi Servan Heitor de Carvalho (o vice-presidente até então). Com seu novo chefe a instituição se aproximou de Pedro Ernesto e participou da inauguração de uma escola no morro da Mangueira.

Poucos dias após aquele acontecimento a instituição recebia da Prefeitura a subvenção a ser repassada para suas filiadas e tratava de organizar o regulamento das escolas sem a

interferência de nenhum órgão, o que gerou uma mudança singular nas apresentações, visto que a UES deu liberdade às escolas com relação aos elementos visuais, sendo proibido apenas os instrumentos de corda e sopro nas baterias. Como consequência os jornais destacaram o luxo em fantasias e alegorias nas escolas, especialmente na Portela e Estação Primeira. Porém, também criticaram a UES por modificar a forma de julgamento que, neste ano de 1936, premiou a escola que se colocou melhor em apenas um quesito e não na soma de todos.

Novamente em crise, a UES modifica sua presidência, em janeiro de 1937, saindo Servan Heitor de Carvalho e assumindo o cronista carnavalesco Enfiado. Mesmo não encontrando o regulamento daquele ano, verificamos modificações visuais importantes nas escolas. A Vizinha Faladeira, cantou a "Origem do samba" e levou fantasias resistentes à chuva, além de se apresentar com um automóvel, seis homens fantasiados e montados a cavalo e a bateria com instrumentos de sopro. A escola foi aclamada campeã por cumprir as exigências do regulamento, segundo a comissão julgadora, porém, recebeu críticas por fugir às finalidades de uma verdadeira escola de samba.

A UES projetava desta forma um modelo diferente para as escolas de samba ao mesmo tempo que outras forças do carnaval discutiam opções para as escolas. Destas negociações nasceram novas transformações no carnaval de 1938 onde o regulamento estipulou a necessidade de enredos nacionais, proibiu carros alegóricos, carretas e temas internacionais. As escolas, apresentaram-se com novidades, como a Estação Primeira, e sua homenagem aos poetas brasileiros, a Portela, utilizando espelhos na apresentação, a Azul e Branco do Salgueiro, com um enredo nacional "Deem asas ao Brasil", e a Vizinha Faladeira, portando alegorias de mão em forma de guarda-chuva.

As mudanças, entretanto, não forma sentidas neste carnaval de 1938, pois a chuva impediu que as escolas fossem julgadas. Ainda naquele ano, a UES aproximou-se do Estado Novo, mesmo que de forma sutil, e tal movimento acarretou na confirmação de Elói Antero Dias, o Mano Elói, na presidência da UES, com claras intenções conservadoras.

Acentuando sua relação política com o Estado Novo, a UES modificou sua estrutura política e ideológica e transformou também seu nome passando a ser chamada. A partir de 1939, de União Geral das Escolas de Samba (UGES). Seu presidente, Antenor dos Santos, era chamado de "Marechal" pelos jornais e até o Cidadão Samba passou a ser chamado com termo militar "Generalíssimo".

O regulamento de 1939, similar ao de 1938, proibiu enredos internacionais, carros alegóricos e carretas. Os enredos não poderiam atacar o Estado Novo (já havia censura do DIP), mas não havia nenhuma outra exigência que limitasse a *performance* das escolas que

desfilaram de forma diversa. A Estação Primeira cantou “Tenho um lacrimário”, a Unidos Para Sempre utilizou roupas sofisticadas na comissão de frente e carros com alegorias no seu enredo “Tudo Pelo Brasil”. A Vizinha Faladeira apresentou-se com o enredo “Branca de Neve e os sete anões”, o que lhe custou a exclusão do concurso. A Portela desfilou com o enredo “Teste do samba”, com integrantes fantasiados e uma alegoria representando um quadro negro, e venceu o campeonato.

A relação entre UGES e Estado Novo incentivou apresentações luxuosas e performáticas das escolas e as questões visuais ganham tanto valor quanto as musicais neste novo momento.

Em 1940, a presença do Estado Novo foi sentida de diversas formas no cenário carnavalesco. Carmem Miranda fora “exportada” para os EUA no contexto da política da “Boa Vizinhança” e Villa-Lobos, apoiado pelo DIP, criou o bloco carnavalesco Sodade do Cordão para resgatar característicos da cultura popular.

As escolas construíram seus carnavais a partir das novas negociações da UGES e direcionaram seus enredos para temáticas nacionalistas, como a Depois Eu Digo e seu enredo “Bandeirantes”, contando com ala de índios que, no contexto das escolas de samba, eram símbolos da verdadeira cultura popular. A Paz e Amor fez sua apresentação em homenagem à UGES e a Portela, com o enredo “Homenagem à Justiça”. Um erro de canto acabou levando-a ao segundo lugar.

Protestando contra as novas mudanças ocorridas na instituição, a Vizinha Faladeira realizou um “Carnaval para o povo” e, ao passar por trás da comissão julgadora, estendeu uma faixa com os dizeres: “Devido às marmeladas, adeus carnaval. Um dia voltaremos”. Tal ato marcou as mudanças políticas ocorridas na UES, transformada em UGES e sua aproximação com os poderes vigentes capazes de excluir aqueles que não se permitiram negociar textos e práticas no terreno carnavalesco.

Elói Antero Dias, o Mano Elói, que comandou a UES nos anos de 1937-1938 assumiu a presidência da UGES em 1941 e logo tratou de realizar homenagens a Vargas e sua esposa, junto com a Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas e Recreativas (FPSCR). A cidade ainda experimentava a política da “Boa Vizinhança” por meio de ornamentação pública contando com personagens de Walt Disney travestidos com símbolos do carnaval das escolas de samba, como camisas listradas, roupa de baiana, pandeiros, cuícas e pavilhões (remontando às bandeiras das escolas de samba).

As escolas apresentaram enredos nacionais ou de exaltação do samba, como no caso da Paz e Amor com o “Jornada Triunfal” que destacou a ascensão do samba ou a Deixa

Malhar com a “Festa do Senhor do Bonfim” citando obras de Debret para resgatar um passado original e negro na Bahia, ou ainda a Portela, com seu enredo “Dez anos de glória”, homenageando os seus dez anos de existência e também da chegada de Getúlio Vargas ao poder, contando com “cadetes, acadêmicos, cavalos, baianas e árabes, todos com roupas brilhando” (BARBOSA,1979, p. 124).

No ano seguinte (1942), a UGES tratou de organizar festejos para as escolas antes do carnaval, como o do Campo do América, para homenagear o Juiz de Menores e Darcy Vargas, esposa de Getúlio, em que as escolas deveriam se apresentar com canções patrióticas. A instituição criou, também, uma placa de bronze comemorativa à III Conferência Americana e a Getúlio Vargas por sua liderança internacional.

O carnaval, organizado pela UGES, pela Federação Metropolitana das Sociedades Carnavalescas e Recreativas (FMSCR) e pela Prefeitura valorizou o quesito enredo para escolha da escola campeã. As apresentações seguiram o modelo dos desfiles carnavalescos e as escolas puderam contar com artistas para elaborar seus enredos desde que eles estivessem disponíveis para explica-los à comissão julgadora.

A Portela, cantando “A vida do samba”, utilizou um pede passagem com dois bonecos gigantes e cartazes durante o desfile. Levou também iluminação própria e homens vestidos de terno branco e gravata borboleta, bem como carros alegóricos. Aclamada campeã, a escola não sofrera punições por sua pujança estética nem pareceu infringir as orientações da UGES. Se até 1937 apresentações com elementos visuais chamativos eram combatidas (como aconteceu com a Vizinha Faladeira – campeã com críticas), agora, cinco anos depois, a aceitação do novo parece fazer todo sentido para as escolas.

Flavio de Paula Costa é eleito presidente da UGES para o ano de 1943 e logo após sua posse publicou um manifesto patriótico colocando a instituição ao lado do Estado Novo e afirmando que “os pandeiros e as cuícas cedem lugar ao fuzil e a metralhadora”.

A pedido de Darcy Vargas, a UGES realizou uma apresentação das escolas em favor dos “soldados combatentes” mostrando habilidade em negociar seus interesses com personalidades da política nacional.

A UGES abriu mão de organizar o carnaval das escolas de samba em favor da Liga de Defesa Nacional (LDN) que ditava as orientações e contenções de gastos naquele ano e da União Nacional dos Estudantes (UNE). Construindo o “Carnaval da Vitória”, tema do carnaval de 1943, as escolas se apresentaram com enredos patrióticos e a Portela, com o seu “Carnaval de guerra” buscou valorizar a luta do brasileiro em honra de sua nação. A Azul e Branco, em referência aos EUA, Inglaterra, Brasil e à III Conferência Americana, realizou o

enredo “Alô, Alô, América”. Desta forma, a musicalidade idílica dos negros tão valorizada nos três primeiros anos das escolas era transformada em cantos patrióticos de apoio ao Estado Novo e às questões políticas da época.

Os poucos registros dos carnavais de 1944 e 1945 indicaram a continuidade de temas patrióticos no carnaval das escolas que só ocorreu porque a UGES cedeu, novamente, o seu direito de organização à LDN. Em 1944 a Portela ganhou com o enredo “Motivos patrióticos”, defendeu o país, conclamou a nação à guerra, apresentou quinhentos componentes e levou brasões, bandeiras e alegorias em forma de armas. Para 1945, a escola produziu o enredo “Brasil Glorioso”, numa exaltação patriótica e de crença que a guerra logo chegaria ao fim.

Nos últimos anos do Estado Novo, vemos as escolas de samba modificando suas estéticas, não por uma imposição, mas pela capacidade de negociação da UGES que, mesmo em meio ao terror do conflito mundial, não deixou as escolas pararem de produzir seus carnavais, como ocorrera com outras manifestações carnavalescas.

O fim do Estado Novo, em 29 de outubro de 1945, decretou também o fim das relações entre UGES, UNE e LDN. A UGES, aproveitando o momento de liberdade democrática experimentada no Brasil, aproximou-se rapidamente do PCB e da Associação de Cronistas Carnavalescos (ACC) já que seu novo presidente, Servan Heitor de Carvalho, possuía experiência política com setores da esquerda. Servan fora presidente da UES em 1936.

Logo no início de 1946, a escola Lira do Amor, refletindo oe novo momento político, homenageia o maior expoente da esquerda naquele período, Luís Carlos Prestes. Outra circunstância que afirmava os novos diálogos entre UGES e PCB foram as matérias do Tribuna Popular sobre as atividades da instituição e das escolas.

A UGES e a ACC realizaram, antes do carnaval, uma Parada das Escolas de Samba com liberdade para criação de enredos e, no carnaval oficial, a UGES elaborou um novo regulamento proibindo carros alegóricos mecânicos e instrumentos de sopro. O desfile valorizou as pastas (esculturas de *papier-maché*) e os caramanchões (alegorias), a presença indispensável da ala das baianas e instrumentos como cavaquinho, pandeiro, cuíca, reco-reco, tarol, cabaça, surdo e tamborim. A novidade maior ficou por conta dos quesitos analisados: indumentária (fantasia e conjunto), comissão de frente, fantasia de mestre-sala e porta-bandeira, iluminação dos préstitos, samba, harmonia, bateria, bandeira e enredo.

Em oposição ao posicionamento político da UGES, a partir de 1946, nos primeiros dias de 1947, foi criada a Federação Brasileira das Escolas de Samba (FBES) que segundo o

jornal A Manhã, de 18 de janeiro de 1947 (p. 52), “nasceu com alma do Brasil”. Este é o primeiro momento de divisão do mundo do samba e a nova instituição já surgiu com objetivo definido de comandar as escolas, sem cores partidárias, sendo criada verticalmente, com a chancela direta do prefeito da cidade Hidelbrando de Araújo Góis. De um lado a UGES, com o PCB, e de outro a FBES com os políticos conservadores da Prefeitura e da Presidência do país, armaram um novo cenário político-carnavalesco com as escolas de samba.

Frederico Trota, antes associado à Pedro Ernesto, revelou, neste ano, seu apoio a nova instituição. Antes do carnaval, a FBES (assim como a UGES) visitou várias escolas de samba e propôs enredos nacionalistas para suas filiadas.

Apesar das muitas brigas entre as duas instituições no período pré-carnavalesco, a Prefeitura conseguiu o consenso de ambas para a realização de uma única apresentação para as escolas a elas filiadas, em 1946. Os enredos deveriam conter temas nacionais e os quesitos julgados foram enredo, harmonia (musical e coral), bateria, samba e bandeira, não havendo proibição de instrumentos de sopro, carros alegóricos, fantasias luxuosas ou iluminação própria.

A Portela desfilou homenageando Santos Dumont. A Estação Primeira apresentou o enredo “Brasil, Ciência e Artes”, a Azul e Branco, o “Grito do Ipiranga” e a Prazer da Serrinha, “Os Bandeirantes”. Vitoriosa naquele carnaval, a Portela, vendo os problemas políticos enfrentados pela UGES, abandonou a instituição e transferiu-se para a FBES. A Estação Primeira também seguiu este caminho, ocasionando uma debandada de escolas da UGES para a FBES.

A ACC também rompeu com a UGES, estabelecendo relações com a FBES e realizaram um desfile homenageando o Presidente Dutra, o novo prefeito Ângelo Mendes de Morais, o Major Frederico Trota e o chefe da polícia.

Complicando ainda mais a existência da UGES, a mesma teve sua licença caçada, sendo proibida de exercer atividades e manter quadro associativo até que conseguisse reverter a situação.

Em 1948, a FBES se tornou a única instituição representativa das escolas de samba, já que a UGES não conseguiu reconhecimento oficial da Prefeitura para exercer suas atividades. A FBES recebeu centenas de escolas em seu quadro de integrantes e brigou pela subvenção para suas afiliadas. O regulamento por ela elaborado, idêntico ao de 1947, era exclusivo para suas filiadas, não havendo proibição de carros alegóricos, iluminação ou restrições nas fantasias e existindo, entretanto, a indicação de temas nacionais nos enredos. Os quesitos analisados foram enredo, harmonia (musical e coral), bateria, samba e bandeira.

A Portela apresentou-se com enredo sobre a Princesa Isabel, a Azul e Branco, com o enredo “Fogo Sagrado”, exaltou os atletas brasileiros em jogos olímpicos, a Aprendizes de Lucas homenageou Carlos Gomes e o Império Serrano, em seu primeiro carnaval, homenageou Castro Alves e sagrou-se campeão.

As escolas utilizaram fantasias luxuosas com plumas, cetim, alegoria de mão, carros alegóricos e aumento no número de componentes desfilando, produzindo algo novo no carnaval das escolas: desfiles visuais e musicais, performáticos, nacionais e populares.

Discordando da vitória do Império Serrano, Portela e Estação Primeira retornaram à UGES em 1949 o que ajudou na ressurreição da instituição. Seu presidente, Servan Heitor de Carvalho entregou a presidência da instituição ao Major Joaquim Paredes com o objetivo de recolocá-la no seu lugar de destaque e o Major logo tratou de modificar o nome da instituição, que passou a ser chamada de União Geral das Escolas de Samba do Brasil (UGESB) para que ninguém mais fizesse chacota de União Geral das Escolas Soviéticas.

Outra medida adotada pelo novo presidente foi prestar homenagem a Dutra, porém, mesmo com tais ações, a UGESB não recebeu auxílio financeiro em 1949 sendo obrigada a realizar desfile com recursos próprios, o que acarretou em novo processo migratório das escolas a ela filiadas, em direção à União Cívica das Escolas de Samba (UCES) criada naquele ano com reconhecimento da Prefeitura e promessa de subvenção para o ano seguinte.

Sobre o carnaval oficial, com verba, organizado pela FBES, destacou-se a utilização do regulamento dos dois anos anteriores. O Império Serrano foi aclamado campeão e os jornais e revistas ressaltaram as danças, fantasias, alas coreografadas, os casais de mestre-sala e porta-bandeiras, os carros alegóricos e a bateria como pontos principais das apresentações das escolas. Fantasiadas, estruturadas e performáticas, com a FBES as escolas consolidaram os sambas-enredos descritivos e tiveram seus elementos visuais destacados e reconhecidos também por setores privados que passaram a pedir a instituição para realizar eventos com as escolas, como no caso do Guaraná Champanhe.

No carnaval de 1950, as escolas foram representadas por três instituições: A FBES e a UCES, com carnavais oficiais, e a UGESB com carnaval não oficial. Desfilando na Avenida Presidente Vargas, a UCES declarou a Estação Primeira campeã e a Portela segunda colocada. A UGES, sem noticiários nos jornais e verba municipal, consagrou a Prazer da Serrinha como campeã. A FBES, com regulamento que proibiu cartazes de caráter político a não ser que homenageassem Dutra ou o Prefeito, novamente consagrou o Império Serrano como campeão.

O carnaval das escolas filiadas a FBES, pouco lembrava as escolas de samba da década de 1930. Suas filiadas realizaram apresentações voltadas para o espetáculo, com carros

alegóricos, ala de baianas, comissão de frente, passistas, mestre-sala e porta-bandeira, materiais luxuosos etc. As escolas agigantaram-se na proporção de número de escolas filiadas, apresentações luxuosas e consciência política dentro das instituições e transformaram aquelas agremiações carnavalescas "tradicionalmente" construídas.

Novos rumos políticos nacionais se apresentaram ao Brasil em 1951, e a UGESB tornou-se novamente reconhecida e aceita como instituição das escolas de samba disponível para receber subvenção municipal, fato que deflagrou a saída das escolas da UCES em quase sua totalidade para a UGESB. A UCES por sua vez, frente a esta realidade, encerrou temporariamente suas atividades.

O desfile organizado pela UGESB presidida pelo Major Joaquim Paredes aclamou a Portela como campeã com o enredo "A volta do filho pródigo", numa exaltação à Vargas e seu retorno nos "braços do povo".

A FBES manteve em seu regulamento a obrigatoriedade de enredos nacionais e a liberdade estética e aclamou o Império Serrano, com seu enredo "Sessenta e um anos de República" em homenagem a Getúlio, como campeão pelo quarto ano consecutivo. Comprovando as novidades estéticas permitidas pela FBES, a Aprendizes de Lucas levou para sua apresentação uma baiana gigante, homens trajando gabardine verde e alas de gaúchos tipicamente trajados, demonstrando que as apresentações de suas filiadas possuíam elementos que as distinguiam muito pelas questões visuais.

1952 poderia ser um ano complexo para as escolas de samba devido as rivalidades entre UGESB e FBES, porém, as duas instituições abrandaram-se politicamente e se preocuparam apenas com a construção do carnaval das escolas. Surgida em meados de 1951, a Confederação Brasileira de Escolas de Samba (CBES) marcou presença em 1952 junto com FBES e UGESB na elaboração de um único desfile das escolas de samba.

O desfile principal, o supercampeonato, não alcançou resultado devido a ausência de jurados por conta da chuva que caiu durante o concurso. O desfile da Praça Onze, o campeonato, ocorreu e reconheceu a Unidos do Indaiá como campeã.

Estação Primeira, Depois Eu Digo e Portela, desfilaram com fantasias luxuosas, carros alegóricos, alas caracterizadas, pastoras fantasiadas, pessoas como destaque e enredos nacionais, em sua maioria. Pouco depois do carnaval, e apesar de alguns ruídos por conta de não haver um resultado para o supercampeonato, FBES e UGESB se uniram, deixaram de existir e criaram a Associação das Escolas de Samba do Brasil (AESB).

Com a AESB as escolas passaram por um processo de estabilização política e cultural na construção de seus carnavais, algo processado ao longo das décadas de 1930 e 1940 e

início de 1950. A CBES, mesmo perdendo a maior parte de suas filiadas para a AESB não deixou de existir, o que acentua a dificuldade de entender os processos construtores do carnaval das escolas e seus múltiplos interesses.

Para 1953, a AESB, junto ao Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura, e a CBES redigiram o regulamento das escolas, havendo liberdade na construção das apresentações, que refletiu em escolas com mais de mil integrantes além das fantasias e carros alegóricos.

O encerramento do carnaval de 1953 confirma nossa hipótese de que as instituições associativas das escolas de samba foram responsáveis diretas no processo de significação das escolas de samba, em tempos e espaços diferentes, e em seu agigantamento estético.

Verificamos que as questões políticas das instituições, como a UES e sua aproximação com Pedro Ernesto, ou a UGES com o Estado Novo e depois com o PCB ou mesmo a FBES com setores conservadores, foram sentidas pelas escolas no processo de construção artística dos carnavais das mesmas, como por exemplo os carnavais de guerra com orientações patrióticas, ou a eliminação da Vizinha Faladeira, em 1939, por usar tema internacional.

Confirmamos ainda que as disputas ideológicas das instituições levaram à conflitos entre as escolas de samba, como no caso da vitória do Império Serrano, em 1947, e a consequente saída da Portela e Estação Primeira da FBES, como forma de protestar contra as questões internas da instituição.

Fazendo convergir instituições antes separadas politicamente, a AESB proporciona a unidade entre as escolas de samba e estabelece um padrão estético ainda não visto até aquele momento no carnaval, já que, até então, cada instituição elaborava um regulamento e orientava suas filiadas.

Este trabalho chega ao fim na certeza de que as pesquisas aqui realizadas não encerram os estudos sobre o carnaval das escolas de samba neste período. A proposta inicial e de conclusão definiu-se pela busca de um novo olhar sobre o carnaval das escolas de samba onde as instituições pudessem ter, e tiveram, papel importante nos processos de definição sobre as escolas de samba dentro do espaço da cultura popular do carnaval carioca.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *O Império do divino*: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval*: seis milênios de história. Rio de Janeiro: Griphus, 2000.

AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: UNB; Hucitec, 1993.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOURDIER, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CABRAL, Sergio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

_____. *O que? Quando? Como? Por quê?* Rio de Janeiro: [S.n.], 1974.

CANCLÍNI, Néstor García. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval carioca*: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: FUNART/ UFRJ, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano,1*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, 1995.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de momo*: imprensa e carnaval na primeira república. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CUNHA, Maria Clementina. *Ecos da folia*: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de samba*: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FERNANDES, Neusa. *Síntese da história do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Instituo Estadual de Patrimônio Cultural, Divisão de Pesquisa da Manifestação Cultural, 1986.

FERREIRA, Felipe. *Escritos carnavalescos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

_____. *Inventando carnavais*: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. O *livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*: novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GONÇALVES, Renata de Sá. *Os ranchos pedem passagem*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenação de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação, 2007.

GUIMARÃES, Helenise Monteiro. *A batalha das decorações*: a Escola de Belas Artes e o carnaval carioca. Tese (Doutorado). 2006.

GUIMARÃES, Valéria Lima. *O PCB cai no samba*: os comunistas e a cultura popular 1945 – 1950. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo. Editora: Companhia de Bolso, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

_____. Notas sobre a desconstrução do popular. In SOUIC, Liv (Org.). *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006, 1981. p.231/247.

_____. What is this ‘black popular culture? In: STOREY, John. *Teoria cultura e cultura popular*: uma introdução. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

HOBSBAWN, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MONTES, Isaac Caetano. *A “ópera de rua” do carnaval como obra de arte total*. 2014. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ORTIZ, Renato. Reflexões sobre o carnaval. *Ciência e Cultura*, v. 28, n. 12, p. 1.407-1.412, 1976.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Rio de Janeiro na Era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SILVA, Marília T. Barboza; MACIEL, Lygia dos Santos. *Paulo da Portela*: traço de união entre duas culturas. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular, 1979.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

STOREY, John. *Cultural theory and popular culture*. Essex: Pearson Educational Limited, 2009.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TUPY, Dulce. *Carnavais de guerra*: o nacionalismo no samba. Rio de Janeiro: ASB, Arte Gráfica e Editora, 1985.

TURANO, Gabriel da Costa; FERREIRA, Felipe. Incômoda vizinhança: a Vizinha Faladeira e a formação das escolas de samba no Rio de Janeiro dos anos 30. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p.65-92, nov.2013.

TURANO, Gabriel da Costa. *Devido às marmeladas, adeus carnaval! Um dia voltaremos:* escolas de samba e cultura popular dos anos 30. 2012. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*: turunas e quixotes. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Editora UFRJ, 1995.

ANEXO A – Funcionamento da UES

ANO	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÃO POLÍTICA/ PREFEITO	DURAÇÃO EM CARNAVAIS
1935		Esquerda/ Augusto do Amaral Peixoto	
1936		Esquerda/ Pedro Ernesto Baptista	
1937	**UES**	Esquerda/ Olímpio de Melo	
1938		Direita/ Henrique Dodsworth	
			4 carnavais

ANEXO B – Funcionamento da UGES

ANO	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÃO POLÍTICA/ PREFEITO	DURAÇÃO EM CARNAVAIS
1939		Direita/ Henrique Dodsworth	
1940		Direita/ Henrique Dodsworth	
1941		Direita/ Henrique Dodsworth	
1942		Direita/ Henrique Dodsworth	
1943		Direita/ Henrique Dodsworth	
1944	**UGES**	Direita/ Henrique Dodsworth	
1945		Direita/ Henrique Dodsworth	
1946		Direita/ Hidelbrando de Araújo Góis	
1947		Esquerda/ Hidelbrando de Araújo Góis	
1948		Sem orientação política/ não realiza concurso	
			10 carnavais

ANEXO C – Funcionamento da UGESB

ANO	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÃO POLÍTICA/ PREFEITO	DURAÇÃO EM CARNAVAIS
1949		Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
1950		Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
1951	**UGESB**	Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
1952		Direita/ João Carlos Vital	
			4 carnavais

ANEXO D – Funcionamento da FBES

ANO	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÃO POLÍTICA/ PREFEITO	DURAÇÃO EM CARNAVAIS
1947		Direita/ Hidelbrando de Araújo Góis	
1948		Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
1949		Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
1950	**FBES**	Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
1951		Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
1952		Direita/ João Carlos Vital	
			6 Carnavais

ANEXO E – Funcionamento da UCES

ANO	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÃO POLÍTICA/ PREFEITO	DURAÇÃO EM CARNAVAIS
1949		Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
1950	**UCES**	Direita/ Ângelo Mendes de Morais	
			2 Carnavais

ANEXO F – Funcionamento da CBES

ANO	INSTITUIÇÃO	ORIENTAÇÃO POLÍTICA/ PREFEITO	DURAÇÃO EM CARNAVAIS
1951	**CBES**	Direita/ Ângelo Mendes de Morais[79]	
1952		Direita/ João Carlos Vital	
1953		Direita/ Dulcídio do Espírito Santo	
			2 Carnavais

[79] Segundo Cabral, 1996, p.166, a CBES foi fundada ainda em 1951 após o fim da UCES, fato posterior ao carnaval daquele ano.

ANEXO G – Presidente das Instituições/ Anos/ Orientações Políticas

INSTITUIÇÃO	ANO	PRESIDENTE	ORIENTAÇÃO POLÍTICA
UES	1935	Flávio Costa/ Pedro Canali	Esquerda
	1936	Servan Heitor de Carvalho	Esquerda
	1937	Enfiado/ Elói Antero Dias	Esquerda/ Direita
	1938	Elói Antero Dias	Direita

INSTITUIÇÃO	ANO	PRESIDENTE	ORIENTAÇÃO POLÍTICA
UGES	1939	Antenor dos Santos	Direita
	1940	Não encontrado	
	1941	Elói Antero Dias	Direita
	1942	Flávio Costa	Direita
	1943	Não encontrado	
	1944	Não encontrado	
	1945	José Calazans	Direita
	1946	Servan Heitor de Carvalho	Esquerda
	1947	Servan Heitor de Carvalho	Esquerda
	1948	Servan Heitor de Carvalho	Esquerda

INSTITUIÇÃO	ANO	PRESIDENTE	ORIENTAÇÃO POLÍTICA
UGESB	1949	Joaquim Paredes	Direita
	1950	Joaquim Paredes	Direita
	1951	Joaquim Paredes	Direita
	1952	Não encontrado	

INSTITUIÇÃO	ANO	PRESIDENTE	ORIENTAÇÃO POLÍTICA
FBES	1947	Ortívio Guedes/ Tancredo	Direita
	1948	Ortívio Guedes	Direita
	1949	Irênio Delgado	Direita
	1950	Irênio Delgado	Direita
	1951	Não encontrado	
	1952	Elói Antero Dias	Direita

INSTITUIÇÃO	ANO	PRESIDENTE	ORIENTAÇÃO POLÍTICA
UCES	1949	Não encontrado	
	1950	Antônio Vieira Melo	Direita

INSITTUIÇÃO	ANO	PRESIDENTE	ORIENTAÇÃO POLÍTICA
CBES	1951	Antônio Vieira Melo	Direita
	1952	José Calazans	Direita
	1953	Não encontrado	

ANEXO H: Planilha 1

Anos / Instituições	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953
UES	X	X	X	X															
UGES					X	X	X I	X I				X I	X I						
FPSCR							X	I I				I I	I I						
FMSC								X				I I	I I						
UNE									X I			I I	I I						
LDN									X	X	X	I I	I I						
FBES												I I	X I	X	X	X I	X	X I	
ACC												X	I X			I X		I I	
UGES B															X	X	X	X I	
UCES																X		I I	
CBES																		X	X I
AESB																			X

Legenda de cores

Orientação política de esquerda

Orientação política de direita (Estado Novo)

Orientação política neutra

Orientação política de esquerda (PCB)

Orientação política de direita

ANEXO I: Planilha 2

ANO				INSTITUIÇÕES	ALIANÇAS POLÍTICAS	CAMPEÕES OFICIAIS	ONDE	OUTROS CAMPEONATOS
1935	Governo Constitucional de Getúlio Vargas (1934 a 1937)	Prefeito do RJ: Augusto do Amaral Peixoto: 2/10/1934- 07/04/1935 Pedro Ernesto Baptista: 7/04/1935- 04/04/1936		**UES (União das Escolas de Samba): 1935-1938**	UES (Políticas de Esquerda) Prefeito Pedro Ernesto	1935: Portela UES + A Nação	PRAÇA ONZE	Não houve concurso não oficial
1936			Voz do Brasil irradiada da quadra da Mangueira[80]	**UES**		1936: Unidos da Tijuca UES		
1937	Estado Novo – Ditadura Varguista: 10/11/1937- 02/12/1945	Prefeito do Rio de Janeiro: Olímpio de Melo: 4/04/1936- 11/11/1937 Henrique Dodsworth:11/11/1937- 3/11/1945		**UES**		1937: Vizinha Faladeira UES		
1938				**UES**		1938: Não houve resultado[81]		
1939			Segunda Guerra Mundial: 1939 – 1945	**UGES (União Geral das Escolas de Samba): 1939 - 1948**	UGES – (Políticas de Direita) Estado Novo	1939: Portela UGES		
1940				**UGES**		1940: Estação Primeira UGE		
1941				**UGES + Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas e Recreativas**	UGES + FPSCR + UNE + LDN (Políticas de Direita) Estado Novo	1941: Portela UGES + FPSCR		
1942				**UGES + Federação Metropolitana das Sociedades Carnavalescas**		1942: Portela UGES + FMSC		
1943			1943 - Brasil entra na Guerra[82]	**UNE (União Nacional dos Estudantes) + LDN (Liga de Defesa Nacional)**		1943: Portela UNE + LDN	FINAL DA AVENIDA RIO BRANCO	Não houve concurso oficial. Apenas um desfile com dez escolas de samba
1944				**LDN**		1944: Portela LDN		Não houve concurso oficial. Apenas um desfile com poucas escolas de samba
1945	O General Gaspar Dutra (aliado de Vargas) é eleito Presidente do Brasil			**LDN**		1945: Portela LDN		
1946		Prefeito do RJ: Hidelbrando de Araújo Góis: 2/02/1946 – 16/06/1947		**UGES Ao final do ano de 1946 a UGES torna-se aliada Partido Comunista Brasileiro (PCB).**	UGES (Políticas de Direita) Governo Dutra	1946: Portela UGES	TABLADO NA	Não houve concurso não oficial

[80] Vargas produz "A Voz do Brasil" da quadra da Estação Primeira direto para a Alemanha

[81] A forte chuva que caiu sobre a cidade impediu a presença dos jurados no momento das apresentações das escolas. Neste ano de 1938 as escolas de samba não tiveram julgamento e consequentemente não houve aclamação de campeão, porém, as mesmas apresentaram-se mesmo debaixo de forte chuva.

[82] Força Expedicionária Brasileira entra na Segunda Guerra Mundial; Vargas alia-se aos EUA, rompendo laços com a Alemanha

ANEXO I: Planilha 2

1947	31/01/1946			UGES x FBES (Federação Brasileira das Escolas de Samba)	UGES + PCB (Política de Esquerda) FBES (Política de Direita)	1947: Portela FBES		
1948		Prefeito do RJ: Ângelo Mendes de Moraes: 16/06/1947 – 24/04/1951		UGES (Não tem licença para desfilar) FBES[83]		1948: Império Serrano FBES		
1949				UGESB (União Geral das Escolas de Samba do Brasil) + UCES X FBES	Política de Direita – FBES; Tentativa de retorno a política de direita – UGESB	1949: Império Serrano FBES		1949: Estação Primeira – Desfile Não Oficial – UGESB
1950		Prefeito do Rio de Janeiro: João Carlos Vital: 24/04/1951-12/12/1952		FBES X UGESB I UCES (União Cívica das Escolas de Samba)	Política de Direita – FBES + UCES; Tentativa de retorno a política de direita – UGESB	1950: Império Serrano FBES Estação Primeira UCES		1950: Unidos da Capela e Prazer da Serrinha – Desfile Não Oficial – UGESB
1951	Período democrático brasileiro – Presidente: Getúlio Vargas: 1951 – 1954			FBES X UGESB[84]	Política de Direita – FBES - UGESB	1951: Império Serrano FBES		1951: Portela – Desfile Oficial – UGESB
1952		Prefeito do Rio de Janeiro: Dulcídio do Espírito Santo Cardoso:12/12/ 1952 – 4/09/1954		FBES I UGESB I CBES (Confederação Brasileira das Escolas de Samba) DESFILE ORGANIZADO PELA PREFEITURA	Política de alianças com o governo vigente	1952: Grupo 1 – Avenida Presidente Vargas – Não houve julgamento.[85]		1952: Grupo 2 – Praça Onze – Unidos do Indaiá[86]
1953				AESB (Associação das Escolas de Samba do Brasil)[87] I CBES	Política de alianças com o governo vigente	1953: Portela (Grupo 1) AESB + CBES Avenida Presidente Vargas		1953: Grupo 2 – Praça Onze - Acadêmicos do Engenho da Rainha[88]

[83] A animosidade entre UGES e FBES era tamanha que o jornal Diário Trabalhista, ao questionar as brigas políticas no concurso das escolas, propõe a criação da **Federação Metropolitana das Sociedades Carnavalescas e Recreativas** em substituição a ambas instituições (Cabral, 1996, p. 156). Essa ideia não obteve êxito.

[84] Fim da União Cívica das Escolas de Samba (UCES).

[85] A comissão de jurados encerrou as apresentações das escolas de samba alegando que a forte chuva que assolava a cidade impedia que o festejo continuasse. Logo, não houve aclamação de escola campeã naquele ano.

[86] DESFILE OFICIAL EM 2 GRUPOS. Desfile no Tablado da Av. Presidente Vargas, não houve julgamento. Desfile na Praça Onze, campeã Unidos do Indaiá.

[87] União entre FBES e UGESB ao longo do ano de 1952.

[88] DESFILE OFICIAL EM 2 GRUPOS. Desfile no Tablado da Av. Presidente Vargas, campeã: Portela. Desfile na Praça Onze, campeã, Acadêmicos do Engenho da Rainha.